

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

REDACÇÃO . . . . .	Cultura e Civilização. . . . .	289
OLIVEIRA LIMA . . . . .	Nisia Floresta . . . . .	291
F. INGLESIAS. . . . .	Cinco Annos no Norte do Brasil	301
LIMA BARRETO . . . . .	Magua que rala . . . . .	310
AMANDO CAIUBY . . . . .	A tristeza do subdelegado . . . . .	318
JULIO CESAR DA SILVA . . . . .	Versos . . . . .	324
J. A. NOGUEIRA . . . . .	Paiz de Ouro e Esmeralda . . . . .	329
SERGIO ESPINOLA . . . . .	A noiva de Oscar Wilde (II)	333
VISCONDE DE TAUNAY . . . . .	Excerptos do Diario . . . . .	341
ARTHUR MOTTA . . . . .	Academia de Letras (IV) . . . . .	346
REDACÇÃO . . . . .	{ Bibliographia . . . . .	360
	{ Resenha do Mez . . . . .	368

Publicação Mensal

N. 48 - ANNO IV — VOL. XII — DEZEMBRO, 1919

Redacção e Administração:  
RUA BOA VISTA, 52  
SÃO PAULO -- Brasil



**RESENHA DO MEZ:** — VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Nota Mineira (*J. A. Nogueira*) — Alvares de Azeredo (*V. de P. Vicente de Azevedo*) — A lisonja (*Helios*) — Carta a Lindolpho Gomes (*Othoniel Motta*) — Um simples problema (*Ariel*) — Aviso (*Coelho Netto*) — Imigração allemã (*O. F.*) — Os Bandar-log (*J. A. Nogueira*)

**CARICATURAS DO MEZ** — Quadros de Campos Ayres e esculpturas de P. Fosca.

## REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS  
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES**

Directores: MONTEIRO LOBATO,  
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAUBY.

**Directores nos Estados:**

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza Manaus

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

### ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 15\$000

Seis mezes . . . . . 8\$000

Numero avulso. . . . . 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

**RUA DA BOA VISTA, 52**

**SAO PAULO**

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



# BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS de ENGOMMAR

**LAMPADAS**

ELECTRICAS 1/2 WATT

**ISOLADORES**

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**Westinghouse Electric & Mftg. C.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & Co.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

Etablissements

**Bloch**

---

:: Société  
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

---

Fazendas  
e Tecidos

---

Rio de Janeiro  
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS  
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos

“FISK,,

*Mechanica-Pintura-Sellaria*

*Carrosserie - Vulcanisação -*

*Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA  
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR”

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20  
Canto Libero Badaró

S. PAULO

# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

*4, Moorgate Street-LONDRES*

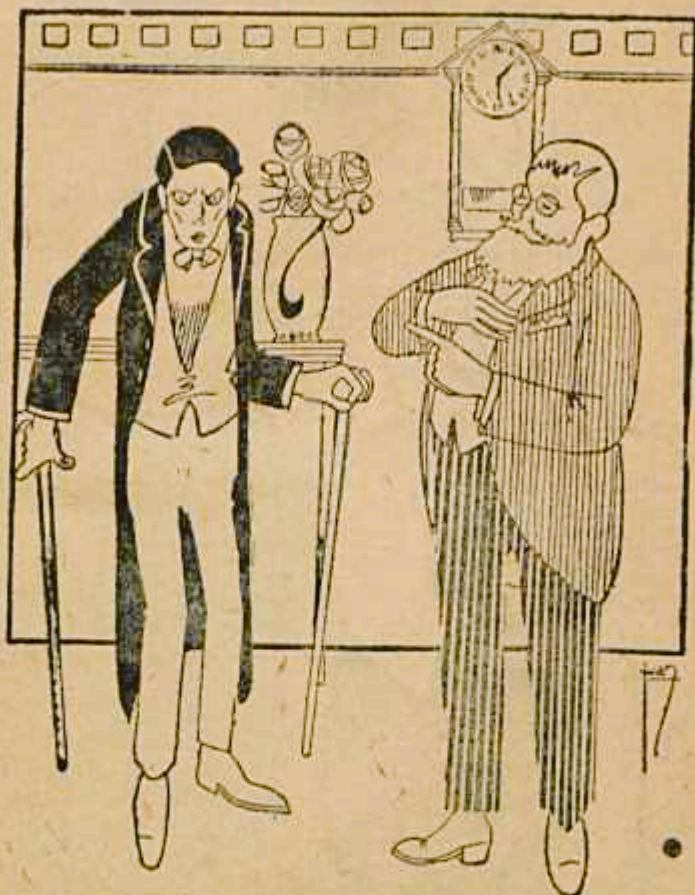
*Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44*

Capital Subscripto £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevideo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

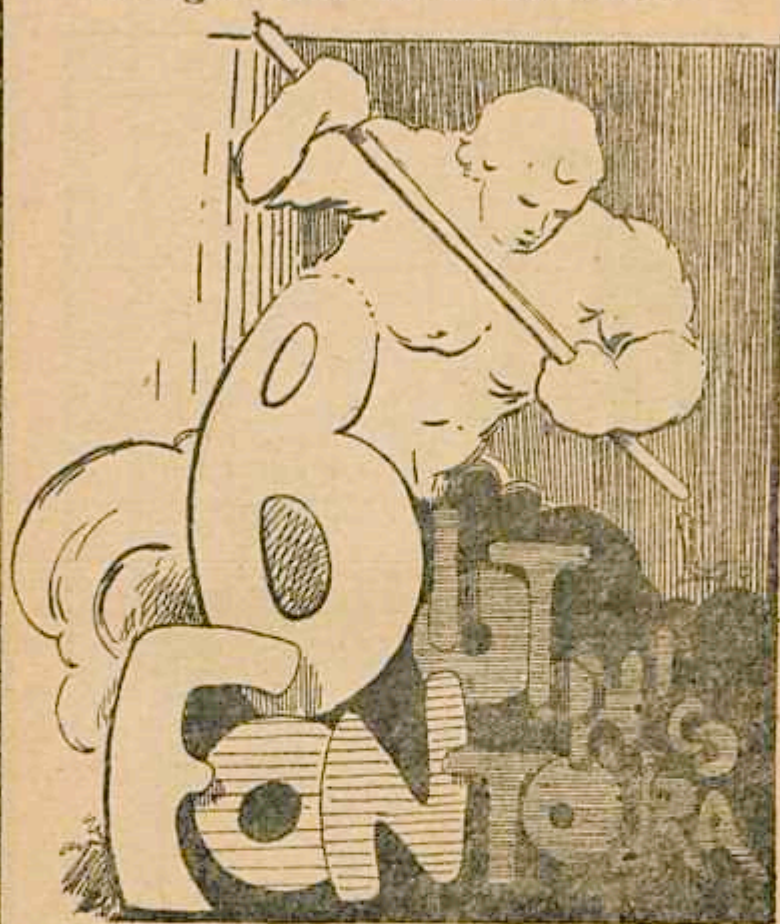


1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. "Usei tudo" e nada me curou.

2° VELHO — "Usei tudo" — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saúde e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.



Como Venus sahiu das ondas,  
o Vigor sahe do BIOTONICO.



Emineute\* medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O Biotonico** cura todas as fórmãs de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos  
:-: ameaçados pela tuberculose :-:

# Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:  
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	<i>Creólina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . . . .	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . . .	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	<i>Preservação de Madeiras</i>
Curtis & Harvey, Ltd., Londres . . . . .	<i>Dynamite</i>
Ghatham Co. Ltd., Nottingham . . . . .	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York . . . . .	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"  
Superior polvora para caça marca "VEADO" em  
cartuchos e em latas  
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Fer.agens em geral, tintas e oleos, materiaes para  
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos  
para industrias, louça sanitaria, etc.

## O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

# SILVA ARAUJO



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes e convalescentes."

*Prof. ROCHA FARIA*



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados."

*Prof. MIGUEL COUTO*



"é um preparado qu merece a minha inteira confiança."

*Prof. MIGUEL PEREIRA*



"...excellent tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa."

*Prof. A. AUSTREGESILIO*

**Tuberculose**

**Inappetencia**

**Anemia**

**Rachitismo**

**Escrophulose**



# AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febras gástricas e, em geral, em todos os engorços abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal, ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effecto immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chieira de chá. *Elle não exige nenhuma dieta.*



COMPOZIÇÃO:

Sulfato de sódio anhydo . . . . .	96,85
Sulfato de potássio anhydo . . . . .	0,230
Sulfato de magnésio anhydo . . . . .	3,228
Sulfato de cálcio . . . . .	1,949
Chlorureto de Sódio anhydo . . . . .	2,154
TOTAL das substancias lires . . . . .	105,776

Em um litro de agua gazoza purgativa

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

**XAROPE DE  
LIMÃO BRAVO  
E  
BROMOFORMIO  
DE QUEIROZ**

CURA:  
TOSSE, ASTHMA, CATHARROS  
COPHILUCHE etc.

**DROGARIA AMERICANA**  
Rua Libero Badaro 144  
SAO PAULO

# VENDA DE FIM DE ANNO

Estamos recebendo quantidades de mercadorias  
novas, modelos modernos em :

Apparelhos para Jantar,

Jogos para Lavatorio,

Serviço de Cristal para meza,

Faqueiros e Talheres de Christofle,

Objectos de Arte para Presentes.

CASA FRANCEZA DE

**L. Grumbach & Cia.**

Rua São Bento 89 & 91 - S. PAULO

Vendas a Varejo e por Atacado

# REVISTA DO BRASIL

Dezembro, 1919.

Durante a guerra houve pelo mundo — e aqui como reflexo inevitável — um torneio literário entre Cultura e Civilização. *Nihil novum*... Não passava de reflorescência dos velhos temas escolares, obrigatórios entre meninos que promettem, associados em gremios literarios: Qual o maior, Cezar ou Alexandre? Qual mais forte, a Penna ou a Espada?

Nesta disputa entre cultura e civilização, graças ao apoio solerte da Havas, vencia sempre esta. Cultura não passava de mero aparelhamento material, sem sentimento nem alma. Civilização era uma coisa assim, assim... (Aqui intervinha a mão crispada como garra, em gestos que arredondam a idéa no ar).

A Cultura matava mulheres e crianças, bombardeando cidades abertas. A Cultura não respeitava os tratados. A Cultura pilhava. Era forçoso, pois, que a formidável representante da Cultura, — a Allemanha, fosse esmagada de vez, para que o mundo se gozasse *ab eterno* das delicias inenarraveis da Civilização.

Entretanto, conclusa a guerra, os ideologos espantados viram que:

1) — A Cultura em 70, vencida a França, impoz um tributo de guerra de 10 bilhões de francos, que o vencido pagou, continuando a viver e a prosperar. Não obstante, a Civilização, victoriosa em 918, impõe ao vencido, não um tributo, mas a espoliação completa dos povos asphixiados, o confisco integral dos seus bens, o arrancamento da carne, do couro e do cabelo.

2)—A Cultura bombardeava com aeroplanos cidades abertas, matando indistinctamente mulheres, velhos e crianças. A Civilização, sem estar em guerra declarada com a Rússia, e depois de concluída a paz geral, bombardeia com aeroplanos, por intermedio dos inglezes, as cidades russas e chacina alli indistinctamente velhos, mulheres e crianças; mette a pique navios mercantes, bloqueia e condemna á morte, pela fome, milhares de creaturas humanas.

3) — A Cultura invade a Belgica tomando os tratados como méros farrapos de papel. A Civilização furta navios alheios que arrendou de accordo com as formalidades legais, considerando os contractos, as escripturas, as assignaturas como méros gatafunhos sem nenhum valor. A França dá á simploria ingenuidade nacional uma lição bem dada. Justamente ao povo que a amou com maior ardor — ardor que chegou ás raias do ridiculo, trata-o ella aos ponta-pés.

Em troca dos navios acena-nos com bellas perspectivas. O sr. Conty promette que nossos bachareis terão lá livre campo ás suas actividades chicaneiras e que poderão casar com lindas francezinhas... Só isso quanto não vale como honra a um paiz de botocudos e compensação pelo avanço nos navios! E' positivamente delambaer as unhas, concordemos.

De tudo isso se conclue esta grande verdade: que no torneio entre Cultura e Civilização ha de vencer sempre aquella que tiver a seu lado as agencias telegraphicas e o fiel da balança no mercado monetario.

Mas que positivamente se equivalem — quando tem a vara na mão...





## NISIA FLORESTA

*Nisia Floresta Brasileira Augusta, brasileira que encarnou certamente o typo de mulher que Augusto Conté admirava e reverenciava, é nesta conferencia realizada em Natal, Rio Grande do Norte, justamente apontada pelo Sr. Oliveira Lima, como a mulher possuidora de todas as virtudes domesticas e civicas.*



FLORESTA, no Rio Grande do Norte, fazenda que «infelicidades de familia e o vendaval das revoluções» (1) na epocha agitada da independencia fizeram decahir e sossobrar, foi em 1810 o berço da mais notavel mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estylo. O unico defeito a apontar-lhe é o seu nome disparatado pois que o pai se chamava Dyonisio Gonçalves Pinto, e bastante exdruulo na sua mistura de arcadico e patriotico. Tambem o irmão, que era bacharel e se chamava Joaquim Pinto, acrescentou ao nome o appellido de Brasil. Ainda devemos dar graças a Deus de não ter ido alem, porque esse foi o tempo do nacionalismo nos nomes de familia — dos Cansansão de Sinimbu', dos Oitica, dos Sucupira, dos Gê Acayaba de Montezuma.

Nisia Floresta Brasileira Augusta tem um sabor pronunciado a pseudonymo, mas *nom de plume* que fosse, a escriptora modestamente occultava, ou pelo menos dissimulava no geral dos seus escriptos — alguns anonymos, outros publicados com iniciaes, outros com um quarto de nome, outros ainda sob a designação de uma «brésilienne

(1) *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce, Paris (1861).*

auteur de plusieurs ouvrages littéraires et moraux». Era a moda dos disfarces e meios disfarces: Varnhagen publicava a sua *Historia Geral* dizendo ser obra de «um brasileiro de Sorocaba».

Nisia Floresta passou depois dos 19 annos de idade a residir em Pernambuco, e é com melancholia que ella se refere ás sombras poeticas e ás aguas frescas do Beberibe, lembrando «o joven casal cuja curta felicidade o estudo e o amor tornavam encantadora.» A sua formação intellectual, possivelmente de auto didacta, pelo menos em boa parte, ou feita sob o influxo de algum parente de espirito erudito — eram menos raras do que se suppõe as mulheres que n'aquelles tempos adquiriam uma cultura humanista — foi solida e brilhante, classica e moderna. As viagens e a convivencia em circulos intellectuaes europeus enriqueceram-lhe por certo a illustração, mas foi do torrão natal que ella trouxe adestrada a capacidade de assimilação que a distinguia.

Esse torrão natal, com suas praias de areia branca, suas dunas, suas salinas e seus coqueiraes, ella nunca o esqueceu, antes gravou uma saudade imperecivel, pelo menos litteraria, na alma d'essa romantica. Porque é o que ella foi espiritualmente e essencialmente. O romantismo nutriu-se da ampliação dos sentimentos generosos e foram sentimentos generosos os que parece terem exclusivamente povoado a alma d'essa mulher, que um seu contemporaneo portuguez diz ter sido dotada de «espirito elevado e coração excellente» e cuja vida, segundo consta de algumas palavras que lhe dedicou Henrique Castriciano, foi «intensa, atormentada e gloriosa.»

Eram com effeito ardentes seus affectos de familia, como o eram seus anhelos politicos e sociaes. Dizia-me um dia Joaquim Nabuco, a proposito da dolorosa e inconsolavel viuvez de uma nossa commum amiga, senhora de alta intelligencia e de grande e nobilissimo coração, que as pernambucanas faziam viuvas muito tragicas. Não sei si ainda o fazem: imagino que sim, para consolo em vida dos maridos, mas do que estou certo é de que as brasileiras em geral continuam a fazer mãis de uma extrema indulgencia e devoção.

Nisia Floresta revela-se nos seus escriptos filha e mãe amantissima. As referencias áquella que lhe deu o ser são frequentes e tocantes, manifestando o mais vivo carinho. Os *Conselhos a minha filha*, que datam em primeira edição de 1842 e tiveram nova edição em 1845, foram por ella propria traduzidos para o italiano e por um admirador,

Braye-Debuysé, para o francez: ambas as versões editadas em Florença, cujos melhores jornaes elogiaram o vernaculo da traductora. São publicações, uma de 1858 e outra de 1859, anno em que o bispo de Mondoví mandou, ao que a propria auctora se refere, fazer uma nova edição italiana, o que prova que pelo menos os conselhos maternas estavam no gosto do dia.

O clero italiano do *Risorgimento* não merecia á nossa escriptora uma decidida sympathia. Achava-o, no deismo christão que parece ter sido sua fé, falto de espiritualidade, mas o prelado de Mondovi mereceu-lhe n'uma menção o adjectivo de «severo».

Na lista dos ineditos de Nisia Floresta, que abrangem memorias que é lastimavel não terem visto a luz da publicidade, figura uma collecção de poesias intitulada — *Inspirações maternas*. O seu contemporaneo portuguez, citado a este proposito por Innocencio da Silva, o abalisado auctor do *Diccionario Bibliographico*, e que provavelmente era José Feliciano de Castilho, observa que «ella sempre teve em vista theorica e praticamente melhorar a condição do sexo feminino, no intuito de promover a felicidade domestica da familia. D'ahi, e como a boa educação deve começar por casa, os *Conselhos á filha*.

Suas theses não se circumscreveram todavia á esphera domestica. Seu primeiro trabalho impresso no Recife, em 1833, foi a traducção, segundo corre, revista pelo philologo e satyrico frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, dos *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* de Miss Godwin. A escolha revela uma tendencia e a circumstancia torna-a uma precursora do feminismo no Brasil. Consta comtudo dos seus falhos apontamentos biographicos que em 1842 ella realizou no Rio de Janeiro conferencias abolicionistas e republicanas, nas quaes pregava a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das provincias, o que a colloca pelo desassombro das suas theorias acima da maioria dos seus contemporaneos na sua patria, superior mesmo a um Tavares Bastos, que só mais de 20 annos depois nos veio surprehender com as ousadias da sua descentralização, da sua franquia fluvial e da sua tolerancia religiosa.

Não devemos esquecer que o reinado de Luiz Philippe em França, de 1830 a 1848, foi a idade de ouro do romantismo. Até o socialismo foi romantico com os phalansterios de Fourier e o direito ao trabalho de Louis Blanc. O imperio auctoritario de Luiz Napoleão, apoz 1852 e até sua conversão liberal, conjugado com o espirito de reacção



provocado na Igreja pelo espirito de revolução e do qual provieram o Syllabus e o dogma da infallibilidade papal, exerceram sobre as nações latinas da Europa e da America uma acção compressiva contra que se insurgiu na Italia a penna de Nisia Floresta, que do Brasil já viera embebida no extremo liberalismo do meio. A escriptora abominava, no seu proprio dizer, os tyrannos e os reptis e detestava Luiz Napoleão como si fosse uma victima do Dois de Dezembro.

Os sentimentos democraticos de Nisia Floresta radicaram-se certamente no Rio Grande do Sul, para onde ella emigrou do Recife e onde teve collegio, tendo alli vivido em plena republica do Piratinin. No Rio exerceu igualmente sua actividade como educadora, e já levava uns 10 annos quasi d'essa nobre profissão quando publicou os *Conselhos* que a notabilizaram como moralista. De 1847 data *Daciz ou a joven completa*, historieta para as educandas da nossa Madame de Genlis.

A data da sua ida para a Europa é dada differentemente nas resumidas notas que colhi a seu respeito. Não pretendo fóros de Cuvier da critica litteraria por estar tentando reconstituir a largos traços e dispondo da metade de um só dos seus livros a vida de uma intelligencia, como o grande naturalista francez reconstituia com um osso e applicando as leis da subordinação dos orgãos e da correlação das formas a anatomia de um animal fossil; mas o facto é que, além da pagina de Henrique Castriciano no Almanack Garnier e do Diccionario de Innocencio que Sacramento Blake copiou, não conheço por emquanto fontes onde haurir informações sobre o assumpto. Penso que 1849 foi a data da primeira viagem de Nisia Floresta ao Velho Mundo porquanto ella relata que, em 1851, foi despedir-se de Lamartine no Château de Madrid, no Bosque de Bolonha, onde o poeta das *Meditações* vivia com a prodigalidade que o arruinou.

N'esse anno de 1849 publicou Nisia Floresta sob o pseudonymo de Tellesilla, que recorda patriota grega da antiguidade, libertadora de Argos, uma producção que pelo titulo indica que uma vez pelo menos lhe não foi estranho o indianismo. Chama-se *A lagrima de um caheté* e são lamentações em verso, tendo por thema a revolução praieira que custou a vida a Nunes Machado. Em 1850 ensaiou-se no romance historico — *Dedicação de uma amiga*, do qual li dous volumes quando deviam ser quatro. Os annos de 1845 a 1856 parece terem sido os do seu maior esforço litterario, correspondendo na maturidade dos seus annos



— dos 35 aos 55 — ao sazonalimento das suas faculdades. Em 1853 voltou aos seus predilectos temas de pedagogia moral, publicando o *Opusculo humanitario*, muito gabado por Luiz Philippe Leite, professor do lyceu de Lisboa, que foi meu examinador de francez e que era com seu espesso bigode branco um homem culto e um espirito amavel. De 1857 é o *Voyage en Allemagne*; de 1859 as *Scintille d'una anima brasiliana*; de 1861 as impressões de viagem ou antes de residencia na Italia e de viagem á Grecia; de 1864 o *Abysmo sob flores*.

Firmin Didot e Dentu, que eram então com Michel Levy os principaes editores de Paris, foram os que publicaram seus trabalhos em francez, o que é sufficiente attestado do seu valor.

A revolução de 1848, a mais romantica das revoluções, deve ter sido para o espirito ultra-liberal de Nisia Floresta o maior chamariz europeu: talvez o restabelecimento do imperio contribuisse para seu regresso ao Brasil. Em 1855 achava-se ella no Rio de Janeiro ao tempo da terrivel epidemia do cholera morbus, pois que falla dos seus serviços de enfermeira, consolação que se lhe deparou na dôr causada pela morte de sua mãe. A Europa porem, com sua intensa vida intellectual, exercera sobre ella uma fascinação que não mais se apagaria. Os cursos de professores illustres, as visitas aos museus de artes e de sciencias, aos observatorios e laboratorios, as conversações litterarias e philosophicas, tudo a attrahia para lá e a demorada digressão de trez annos á Italia foi o seu baptismo de arte.

Era tambem essa precisamente a epocha da crise aguda da libertação da Italia. Dispondo de collaboração nos principaes jornaes do Rio — o *Jornal do Commercio*, o *Diario Mercantil*, o *Diario*, o *Brasil Illustrado*, onde, n'este ultimo, foram publicadas varias contribuições suas em 1854 — poude ajudar a propaganda da idéa da unidade italiana, a qual, depois da resurreição em 1848 da doutrina das nacionalidades e das raças, apaixonava o mundo intellectual não só latino como teutonico, comprehendendo n'esta designação o saxonico. Nisia Floresta relacionara-se na Italia tanto com figuras menores, Capponi e Thomaseo por exemplo, dous patriotas de Florença que a cegueira mais arden-tes ainda tornava; quanto com as figuras maiores do movimento, Mazzini e Garibaldi. Ella propria conta que, ao encontrar em Napoles um amigo, partidario extremado dos Bourbons e convencido da duração da monarchia siciliana, sentiu não poder revelar-lhe o que conhecia dos preparativos que se operavam na penumbra.



Nem podia a causa italiana deixar de fazer pulsar um coração assim generoso. A residencia de Nisia Floresta é justamente interessante pelo vasto circulo de amizades que lhe proporcionou, sendo tão somente de deplorar que ignoremos a sua correspondencia com alguns escriptores illustres da sua convivencia. Salvaram-se apenas do olvido algumas cartas de Augusto Comte, que foram publicadas pelo Apostolado positivista do Rio de Janeiro sob a direcção de Miguel de Lemos. Sinto não as ter presentes, mas posso perfeitamente imaginar o tom em que são concebidas.

Todos conhecem o culto que á mulher votava o fundador do positivismo e que se concretizou na meiga personalidade de Clotilde de Vaux. Não sei se algum de vós já visitou o appartamento da rua Monsieur le Prince, no bairro da Sorbonne, onde viveu e falleceu o mestre. A piedade de alguns adeptos, entre os quaes avultam os brasileiros, conservava-o no seu aspecto de então, como um lugar de romaria para os fieis da religião da humanidade. E' a casa modesta de um professor, com mobilia barata no estylo sem gosto de Luiz Philippe. No quarto de dormir o seu leito de soffrimento e de morte, d'onde os seus olhos até o ultimo momento pousaram como um refrigerio sobre um ramo de flores artificiaes, sob redoma, que lhe offerecera um dia o objecto da sua fervorosa e platonica paixão, cuja memoria os positivistas veneram a par da do grande philosopho.

Pela gravidade do seu pensar, pela elevação dos seus conceitos, pela estrenua intellectualidade do seu ser disposto a receber todas as suggestões da belleza e do bem, Nisia Floresta encarnava certamente o typo de mulher que Augusto Comte admirava e reverenciava.

Além de Lamartine e de Comte, li que a nossa patricia conheceu Victor Hugo, Laboulaye, que era um fino espirito de politico e de sociologo, George Sand, com quem tem grandes pontos de contacto sua personalidade intellectual, sendo a ambas commum tanto a vibração d'arte que as paizagens historicas da Italia e da Grecia estimulavam, como a concepção humana que foi a maior honra do seculo XIX.

A mulher brasileira da geração de Nisia Floresta apresenta-se-nos dotada de um coração dedicado e de capacidade administrativa, porque para governar uma casa — as casas de outr'ora com uma quantidade de escravos, alem da quantidade de filhos — são necessarios tino e energia como para governar uma republica, a differença estando

no tamanho. Ella pessoalmente se nos revelou porem prendada de um natural talento de expressão, bem como de uma rara independencia de opiniões, produzida pela ausencia de preconceitos que uma sã orientação, tradicional e ao mesmo tempo individual, impedia de degenerar em anarchia de principios moraes.

Um episodio mostra como sabia e costumava pensar por si essa mulher que reprovava o celibato ecclesiastico como uma violação da lei da natureza, que considerava o poeta satânico Byron o maior dos tempos modernos, e que condemnou o poder temporal dos papas como a principal razão da adulteração da doutrina christã, que já no seculo XV levára a Petrarca a flagellar-o n'um soneto como

*Fontana di dolore, d'albergo d'ira  
Scola d'errori, esempio d'eresia.*

Cito seus pontos de vista sem os discutir, pois estou fazendo critica objectiva. A religiosidade do espirito da escriptora era de natureza superior ás simples exterioridades do culto e ella detestava mesmo a beatices, em cuja sinceridade não acreditava, bebendo directamente sua caridade na moral do evangelho.

O episodio a que alludo foi o seguinte. Ao ordenar uma nova edição dos *Conselhos*, como livro apropriado á instrucção moral das alumnas da sua diocese, o reverendo bispo de Mondovi desejou que a autora retirasse do livro as linhas em que recommendava a sua filha de 12 annos que lhe confiasse todos os recessos da sua alma para que ella, «guia a mais interessada da sua felicidade, pudesse melhor dirigil-a, fazendo-a evitar os escolhos ignorados pela sua inexperiencia.» Tal recommendação afigurou-se ao prelado, que era um modelo das virtudes episcopaes, pastor diligente e compassivo, contraria á missão dos directores espirituaes das jovens consciencias. Perante a recusa formal da escriptora cedeu porem, com esse feitiio sympathico de transigencia que caracteriza o povo italiano como nenhum outro, e que em materia religiosa não affecta as bases, apenas as modalidades. Nem a escriptora dos *Conselhos a minha filha* era uma livre pensadora, apenas uma pensadora sem prejuizos.

A mentalidade de Nisia Floresta tinha de peculiar, dado o seu sexo e dado o meio da sua formação, essa funda preocupação dos problemas politicos e sociaes da humanidade, combinada com a lucida comprehensão philosophica em que os envolvia o seu liberalismo. Ella não dissi-



mulava por exemplo a *sympathia* que na sua alma despertava a sorte de uma Índia e de uma Algeria, dominadas embora por nações progressivas. A Italia e a Grecia deram ao seu espirito christão um banho de paganismo, que se reflecte no surto tomado pela sua imaginação ao contemplarem seus olhos essa natureza risonha e amavel. O mar e a luz da Grecia, que ella chama «os dous eternos e incomparaveis feitiços d'essa terra classica, os grandes mananciaes de inspiração da poesia hellenica, apezar do proprio Homero não lograr traduzir nos seus versos a tormosura encantadora do colorido e dos seus cambiantes,» foram tambem factores poderosos da sua fantasia maravilhada.

O patriotismo de Nisia Floresta, que resumbra em cada pagina sua, era romantico como todo o seu feitiço espiritual. As invocações á patria ausente são repetidas e merencorias. Havia n'isso o convencionalismo litterario da epocha, eu ia dizer de todas as epochas. Sylvio Romero, com aquelle feitiço iconoclastico que o distinguia, notou que Domingos de Magalhães lastimou n'uns versos o seu fado, jurando que si continuasse longe da patria, morreria de nostalgia. Entretanto passaram-se 40 annos antes que lhe acontecesse essa fatalidade, que nada teve a ver com semelhante enfermidade moral; ou então a saudade foi para elle, como dizia Voltaire do café, um veneno muito lento. Nisia Floresta fallava mais ou menos a linguagem de Magalhães, mesmo em Florença, cidade da sua predilecção pela luz suave e pela sociedade gentil, mas veio a morrer em Rouen aos 75 annos, em 1855, e pela Europa ficára desde os annos 50 e tantos.

Não quer isto dizer que eu pretenda amesquinhar o seu patriotismo. Este sentimento exerce-se perto ou longe, ás vezes mais de longe que de perto, porque se tem a vista de conjuncto e não se está a braços com os interesses. Nem eu acredito sómente no patriotismo indulgente. Acho que o patriotismo critico tem bem sua razão de ser e talvez seja mais sincero do que o outro. Pelo menos um é cego e o outro vidente, e é melhor patriotismo ver cada qual seu paiz como se deseja que elle seja do que vel-o como se sabe que elle não é. E' um patriotismo mais intelligente e mais honesto.

Nisia Floresta não occultou aliás seu resentimento contra as iniquidades, o que significa que seu patriotismo andava ligado com o sentimento de justiça. Ella precedeu Emile Faguet no perceber que o mundo é sobretudo de mediocres: será porque estes formam o maior numero. Por outro lado, personalidades culminantes, geniaes, como a de



Napoleão, eram-lhe repulsivas, offendendo até o amago o seu sentimento de pacifismo. O sentimento já existia: o que não existia ainda era o vocabulo. Ao que me não atrevo é a passar-lhe attestado de germanophilia, porque admirou a Allemanha não mênos do que Madame de Stäel. Dirigindo-se ao irmão no prefacio do *Voyage en Allemagne*, ella escreve:

«Ce pays du sentiment et de la philosophie mérite d'être parcouru et analysé par toi. Viens-y en jouir avec toute cette richesse d'intelligence que ta modestie voile dans une société où le padantisme et les zéros sans mérite réel savent mieux que les génies se faire jour.»

O romantismo foi muito espiritual mas pouco espirituoso, no sentido que commumente se empresta á expressão: pelo menos o não foi o verdadeiro romantismo, cujos chistes eram carrancudos e cujo comico chegava muitas vezes a ser macabro. Ainda n'isto Nisia Floresta era romantica, como tambem o era nas suas crenças religiosas, admirando e seguindo o catholicismo romantico de Lamennais e de Lacordaire, despido de galas terrenas e pairando n'uma atmospherá luminosa de fé apostolica e de abnegação evangelica.

N'estas condições não podia divertir-a a *blague* franceza. Nas paginas dedicadas á Grecia ella insurge-se contra Edmond About por haver motejado do que só com effusão lyrica devia ser tratado. Estou certo de que suas contribuições para os jornaes francezes e italianos em que collaborou eram alheias a quanto não fosse sensação d'arte, nota de sciencia, enthusiasmo por uma causa politica de caracter geral ou impulso humanitario. Eu diria que seu animo tinha mais de germanico que de latino, pela capacidade reflexiva e pela ingenuidade espontanea, si não fosse que nós nos acostumamos a só considerar francez o que é superficial ou artificial, esquecendo que Renan, o mais francez dos prosadores francezes do seculo XIX, era o que menos tinha o espirito *boulevardier*.

O estylo de Nisia Floresta tem alguma cousa do d'este mago: attrai e prende extraordinariamente pela sua fluencia e pela sua limpidez, estranho a toda emphase e a toda obscuridade, mesmo quando turgido de liberalismo ou lidando com especulações philosophicas das quaes se enamorara a sua intellitencia desde que lera as paginas sublimes de Platão. Sob este aspecto mais é a sua individualidade conspicua no nosso paiz, onde os philosophos — os genuinos, não digo os que chrismará o desmazeto em



philosophia — se contain pelos dedos da mão. Nisia Floresta foi porem o exemplo vivo do que ella sempre ensinou e praticou — que a mulher deve possuir e exercer virtudes domesticas e civicas.

Virtudes domesticas são uma expressão lata e que como qualquer outra pode ter uma accepção mais restricta ou mais ampla. N'este caso deve ser tomada *cum grano salis*, não podendo significar mais do que affecto e piedade, virtudes domesticas de que na verdade parece haver trasbordado o coração d'essa mulher superior. Ella foi bem em todo sentido a nossa George Sand, em cuja vida houve um Alfred de Musset e até um Dr. Pagello. Para o cathecismo romantico, apesar de inspirado pela doutrina christã, o amor não constituia um mandamento estricto, como para o cathecismo catholico. A alma irmã encontrava-se as vezes fóra do matrimonio e, quando era encontrada, associavam-se as duas romanticamente, isto é, ardentemente.

Nisia Floresta falla da viuvez do seu coração e a tradição quer estabelecer uma differença entre esta viuvez e a viuvez legal, a do marido pelo vinculo civil ou religioso. Concordo em que fosse aquella mais tragica do que esta, uma vez que o sentimento conjugal fóra gerado na liberdade e não imposto pelo codigo ou pela benção ecclesiastica. Ha portanto que seguir a escriptora mais no que ella pregou do que no que ella executou na sua vida particular. Foi um São Thomaz feminino, a darmos credito ao rifão. Suas licções são admiraveis e estas serão afinal as que ficam. *Verba volant e mesmo gesta volant*. Ensinando as virtudes domesticas e civicas, quem nos diz que ella se offerencia como modelo? A moral na sua penna inspirada era certamente mais objectiva do que subjectiva.

OLIVEIRA LIMA.





## CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

*“Em alguns lugares á margem do S. Francisco e do municipio piauihyense de Parnaguá e mesmo na vila do Duro (Goyaz), encontramos alguns pés de Cocos nucifera L.*

*Nas regiões sertanejas o coqueiro da Bahia não encontrou as condições que favorecem o seu crescimento e fructificação como no litoral.*

*A escussez com que é encontrado já é uma prova, além do que pelas informações que colhemos os coqueiros ali, só começam a fructificar ao cabo de 7 annos e o exemplar que se desenvolveu na vila do Duro, só deu os primeiros frutos no fim de 11 annos”.*

*Dr. Neiva, Pag. 79.*



*Coco nucifera* que da Bahia para o sul é conhecido pela denominação popular de — «coco da Bahia», em o Norte, de Pernambuco para cima, o povo o conhece pela de — *coco da praia*. A meu vêr essa ultima denominação tem mais propriedade, porque designa uma qualidade importante do *Coco nucifera*, que é justamente a de indicar o seu *habitat* predilecto, onde elle se desenvolve perfeitamente.

Depois que se transpõe o Pharol da Barra, na bahia de S. Salvador, sempre que a vista alcança a costa, notam-se manchas verdes constituídas em grande parte por coqueiros. Da Bahia até o Pará, em todos os portos, apparecem a bordo, vendedores de cocos verdes; isto quer dizer que nessa grande extensão de litoral, ha plantações de coco, não tão grandes, infelizmente, como poderiam ser.

Em Recife, tive occasião de ver um bonito cocal.

Os arrabaldes todos estão «contraminados» de cocos da praia. Deu-se ahi um facto interessante e engraçado: interessante porque mostra o estado de atrazo do nosso povo, e engraçado pelo desfecho que teve.

Em visita aos cocaes proximos á cidade, depois de ter atravessado uma ponte sobre um igarapé, dos que cortam o vasto mangal ahi existente, encontrei um velho com um varal ao hombro cheio de fieiras de carangueijos, e como era um bello typo regional, complimentando-o, perguntei:

— O senhor permite que eu lhe tire um instantaneo?

— *Cuma? Que é que vamicê tá dizendo?*

— Estou dizendo, si o senhor me deixa tirar um retrato com esta machina. Quero mostrar p'ra meu povo, lá da minha terra, como um velho sabe pescar carangueijos.

— *Nhor, não!*

— Mas, porque?

— Por aqui já andaram uns *inguileiz* com essas machinas, e depois dessa *arrumação* pegou morrer gente como quê.

Foram baldados todos os meus esforços de persuasão: o bom do velhote disse um «até outra vista», e sahii n'um passinho acelerado, com o varal de carangueijos balançando no hombro...

\*\*\*

A mais bella, ou uma das mais bellas agglomerações de coqueiros que eu tenho visto, é a de Cabedello — porto de mar da Parahyba do Norte, a poucos kilometros da capital do Estado.

Cabedello fica á margem direita do rio Parahyba do Norte, ou melhor, a margem direita de sua fóz. No estuario do Parahyba não se observam os innumeros igarapés e deltas do Parnahyba e Itapicuru': o rio vai n'um corpo só, até as fauces escancaradas do mar que o engole de um só «trago».

Quem, a bordo do Lloyd, entra no porto de Cabedello, depois de transpor a barra, que é muito estreita e difficil, penetra no rio: á margem esquerda vê um mangal e á direita, o velho forte de Cabedello e um enorme «cocal» cobrindo toda a cidade que se derrama pela praia plana e arenosa.

O navio atraca n'um pontilhão de madeira que serve de caes, onde começam os trilhos da E. de Ferro.



Consultando o meu canhenho de viagem, encontro a proposito estas notas:

### CABEDELLO

«Como gosto muito das coisas velhas (isto em termos...), das reliquias do passado, não posso resistir ao desejo de dar um pulo até o velho e carcomido forte de Cabedello em cujas paredes poderia lêr a historia do passado do nosso Brazil colonial.

O forte está no mais completo abandono, digo mal, abandono não! pois, á entrada, junto ao seu enorme portal de madeira, fui recebido por um sargento do exercito, muito convencido das suas funcções de commandante, amavel, um pouco pernóstico, mas infelizmente um tanto «alegre» pelos effeitos da «branca»...

«Entrei. Um genio carinhoso e amigo» — o sargento, tomou-me a dianteira com a viseira do kepi a indicar no espaço, no minimo 45.º, deixando a mostra uma trunfa de cabellos negros que lhe cobria o olho direito, e poz-se a fallar.

— Moço, não repare. A gente nestes ermos, não tem com que se *adevirta*. Quem os manda deixarem-me só, com toda a liberdade, podendo a gente fazer o que bem entende? Gosto da *coisa* e como não posso *vê defunto sem chorá, mato o bicho*. E depois o meu officio não é matar mesmo?

Galguei o plano inclinado que leva até a praça onde estão os canhões. No meio do pateo que é redondo como o forte, vi um monte de balas de uns 10 centímetros de diametro. Pedi uma daquellas preciosas «contas», para guarda-la como lembrança, mas o sargento — fiel guardião, delicadamente m'a negou. Não insisti.

Os canhões são verdadeiras preciosidades historicas: alguns trazem as armas do rei de Hespanha e Portugal.

Depois de examinar attentamente as armas dos Filippos, que tão nitidamente ainda se desenhavam no dorso de um velho canhão sobre uma carreta em ruinas, dei-lhe uma palmadinha no flanco direito, e, enquanto elle resmungava em sons metallicos, mentalmente lhe perguntei:

— Então, amigo, que fazes aqui ha tanto tempo, sempre olhando para o mar, como quem espera ainda alguma coisa? Julgas, porventura, que as náus inimigas inda aqui apparecem ameaçadoras, de velas pandas, procurando transpor a barra? Tu és um retardatario; todos os teus companheiros d'aquellas eras já não mais existem. Os navios



que escaparam ás tuas balas, não evitaram a acção do tempo. Pareces um actor que ao terminar o acto ficou aquem do panno, permanecendo em scena depois de tudo terminado. O teu logar não é aqui, amigo velho, e não te enfades com a minha franqueza, deverias estar sepultado em um museu, ou transformado pelos cadinhos da fundição em objectos uteis. Assim é tudo. Eu tambem, meu velho, serei transformado. Como estás, ao envez de mostrares tão sómente o que fomos ha 300 annos, dás o mais eloquente testemunho do nosso atrazo, do nosso relaxamento e incompetencia para tudo que diz respeito ao progresso: já deverias ter sido substituido. Tu aqui, despertas risotas, historico bronze, emquanto que n'um museu, todos te visitariam com o chapéo na mão, e reverentes se curvariam ante o teu magestoso vulto...

Dei-lhe mais algumas pancadas e lá ficou elle em sons plangentes entoando sentida nenia ao passado, como si fosse a voz da saudade.

Corri um olhar á direita e outro á esquerda e vi alguns quartos que deveriam ter sido as habitações da guarnição. A familia do sargento lá estava accomodada.

Descendo o plano inclinado que leva ao portal da sahida, á direita vi uma masmorra lugubre, em que a luz mal podia penetrar por uma mingoada janella gradeada de ferro. Nas paredes humidas, inscrições gastas e inintelligiveis, diarios de angustias de infelizes que alli foram, talvez, pagar culpas alheias.

Embalde procurei lêr. O tempo... Bem diz o poeta do matto:

*O tempo gasta e consome,  
Da propria pedra o letreiro:  
Só não gasta, nem consome,  
Um amor que é verdadeiro ...*

Com licença do poeta, eu acho que até o amor verdadeiro não resiste á acção do tempo.

Sahi. Como quem da escuridão penetra de repente na luz, fiquei um momento estonteado, parei um pouco, até me ageitar ao mundo da actualidade: dentro do forte havia regressado uns 300 annos.

Sob frôndosas mangueiras, a rua principal da cidade, se estende ao comprido do caes. Ahí é que estão installados os hotéis, as casas commerciaes mais importantes, o quartel da policia, a feira, e os vendedores de quinquilharias,



exquisitezas da terra: busios marítimos, bonecas de panos, miniaturas de jangadas, etc. . . .

Debaixo de uma árvore, ou sentado na calçada, está um pobre velhinho com a sua viola cantando louvores aos «brancos». Creio que não ha quem tenha passado por Cabedello que se não lembre deste interessante musico da rua.

As outras ruas são irregulares, estreitas, e desde que se penetre um pouco pela cidade, notam-se casas em todas as direcções, todas sob as frondes dos coqueiros. Póde-se dizer que é uma cidade á sombra de um enorme «cocal». Dá ideia dessas povoações africanas que estamos acostumados a ver em lithographias ou nos cinemas. Tudo é atrazado mas não deixa de ser pitoresco — fonte pura onde os nossos artistas poderiam beber as mais bellas inspirações.

Ha uma linha de bonde (não se assuste o leitor) que sae do porto, com a rua principal, passa em frente a igreja, vira á direita, deixando á esquerda uma carreira de casas cobertas de telhas e de bom aspecto, e vai sempre passando por debaixo das palmeiras, até chegar a uma formosa praia, que se não me engano, chama-se Praia Formosa.

Que belleza! Acompanhando a concavidade da praia, proximo ao logar onde as ondas do mar vêm docemente morrer na areia limpa, estão espalhadas pequenas vivendas, que não são obras d'arte, mas que são verdadeiros mimos, offerecendo o mais encantador agasalho ao homem cançado pelo reboição das grandes cidades: Uma rede branca, armada entre dois coqueiros, sem que se tenha que pensar no dia d'amanhã, n'um «dolce far niente» (aqui esta expressão vem a calhar) tomando-se a deliciosa agua de coco, seria de causar inveja aos anjos. . . .

A poucos metros, a praia offerecendo um banho de primeira ordem, e, segundo me parece, sem perigo.

E' nesta praia que as jangadas vêm descançar, soffrer algum reparo, afim de, mais tarde, impavidas, com uma ousadia inacreditavel, partirem, quaes gaivotas pelo mar em fóra, alto mar, onde só se veem céu e agua, onde, no dizer do poeta, os dois infinitos se encontram. Jangadeiro ousado, é muita temeridade confiar tanto em meia duzia de páus e uma vela!

De Maceió a Fortaleza, de quando em quando, encontram-se jangadas, geralmente tripuladas por um só homem, em alto mar. A' tarde, voltam todas para o porto da sahida, parecendo, umas atraz das outras, sauvas carregando folhas para o formigueiro.

A nota característica de Cabedello é sem duvida o



seu bonito e grande cocal. Os coqueiros «botam» todo o anno. N'um mesmo pé, vêm-se cocos de todas as idades: desde o cacho em flôr, até o coco secco.

Sempre que por ahí passo vou direito aos meninos que vendem cocos verdes. Estes pequenos, semi-nus, com calça rota e a camisa em tiras, empunhando uma pequena foice (podão) ou mesmo um facão de «papo-largo» — que lembra a araga mourisca — não perdem de vista o passageiro.

— Um coco verde, patrão, *tem é agua muita*. Corto?

— O meu é *vremeio*, patrão, me dê sua preferencia.

— Então ha cocos de duas qualidades?

— *Apois*, então, o patrão não sabe? Tem o coco branco e o *vremeio*. E quem tem o *vremeio* não procura o branco.

— Bem: corte um vermelho.

O pequeno, antes de ter sahido a ultima syllaba dos meus labios, rapido como um bóte de cobra, fez saltar um dos polos do coco e a agua espirrou molhando-me o rosto e o paletó.

— Não é nada — disse entregando-me, contente, o coco — isso não mancha.

O passageiro, que não é mais marinheiro de primeira agua, quando salta em terra vem munido de um canudinho d'aquelles com que se tomam refrescos, e assim bebe a sua agua de coco commodamente. Os que não sabem disso têm que beber directamente do coco, molhando o collarinho e a gravata.

Terminado o primeiro coco, que, ás vezes, tem um litro de liquido, o outro pequeno, o do coco branco, com o olhar supplice:

— Agora o meu, patrão, experimente o branco que tambem é bom.

O passageiro toma folego, dá um suspiro, procura fazer sahir o ar que possa existir no estomago, leva as mãos á cinta, como quem consulta se haverá ainda logar para mais um coco e, finalmente, a gulodice o vence: antes que ordene a abertura do coco, o menino que pelos olhos ia lendo o seu pensamento, celere dá um golpe de facão no fruto e entregando-o, alegre, exclama — prompto!

Leitor, não se admire: o viajante exgotou o segundo coco, e o menino animado pergunta: mais um patrão?

— O' pequeno, você pensa que o meu estomago é de borracha?



- Então eu descasco uma duzia p'ra o patrão levar e ir bebendo na viagem.  
— Isso já é outro negocio. Quanto é a duzia?  
— A 3 tostões cada um, são 3\$600.  
— Você sabe lêr?  
— *Nhor, não. Mas conta de coco eu tiro. Nisso ninguém mi fais desfeita, não.»*

• • •

Mas, voltando ao coco. O *Coco nucifera* produz excelentemente nas praias arenosas, que para mais nada servem.

Seriam fabulosos os lucros que poderia produzir uma grande plantação de cocos nas praias arenosas do nosso vasto litoral. Além da produção do fructo que daria origem a muitas fontes de renda, teríamos a fixação das dunas que em certos pontos é um problema de grande importancia.

Ninguém ignora o trabalho que dá para se fixar uma duna. As grammineas que tem sido empregadas, nem sempre dão o resultado colimado, porque antes que se desenvolvam são cobertas pela propria areia. Ora, si se plantar, *in primo loco*, uma floresta de coqueiros, a areia torna-se-á menos movediça e a sombra das copas das palmeiras offerecerá um meio mais seguro para o desenvolvimento de uma gramminea, ou de outra planta rasteira, que terminará a obra da fixação da duna, tornando essas zonas perfeitamente habitaveis.

Em Amarração, porto de mar do Estado do Piauhý, observa-se um factô curioso e que está pondo a vida da população em perigo; de um lado, as aguas do mar inundando a villa, do outro, pelo lado da terra, as areias cobrindo ruas e casas.

Quando por ahi passei (em 1914), trabalhava uma commissãe encarregada de fixar as dunas.

O serviço se limitava ao plantio de grammineas; no entanto seria tão facil transformar tudo em um frondoso cocal, como a natureza mesma o está ensinando. O cocal que se estende pela praia proxima á villa é uma prova eloquente do que acabo de dizer.

Onde estão os coqueiros a terra já é firme, e não só se presta ao plantio de grammineas forrageiras, como até de outras plantas. O solo ahi é todo outro. Parece incrível que se não vejam coisas tão faceis, que se não aproveitem as licções que a propria natureza se encarrega de dar, e



que bem observadas e postas em pratica, poderiam resolver problemas importantissimos.

\*\*\*

O coco da praia, como bem o notaram os naturalistas, tambem cresce no interior. Ahi elle é um tanto tardio na producção. Em certos logares elle cresce bem, mas não produz, como é o caso de um pé que conheço em Thezina.

Encontrei o coqueiro produzindo bem nas seguintes localidades do interior: Jerumenha, (\*) á margem direita do Gurguêa, a 18 kilometros da sua fóz no Parnahyba; no Jacaré, á mesma margem do mesmo rio, a uns 150 kilometros da fóz; e finalmente na fazenda «Segredo», estado da Bahia (sertão).

No litoral o coqueiro é mais precoce, produz mais e até a agua é mais gostosa. Ahi um coqueiro *bota*, de 4 a 5 annos, dando alguns até 200 cocos por anno. Ao passo que no interior, só de 7 annos em diante é que *bota*, dando pequena producção e cocos menores.

(\*) A proposito da etymologia deste nome, ja depois de escriptas as impressões acima, recebemos do Dr. Astrolabio Passos, Director do Instituto Pasteur de Manaus, a seguinte communicação:

«O Dr. Carl. Fried. von Martius, in *Motersammlung brasilianischer Sprachen*, escreve: «Jerumenha (Piauhy, Villa) — *Jerumú*, abóbora, *meeng*, dar». Vê-se que aquelle illustre sabio estava convicto de que a palavra Jerumenha deriva da lingua Tupy, quando é ella de origem portugueza ou romana e nada tem de indigena. Sabe-se que em 1740 o arraial onde se estabeleceu, pouco tempo depois da descoberta do terriforio do Piauhy, Francisco Dias de Avila, vindo da Bahia, acompanhado de indios domesticados, á procura ou á conquista de indios selvagens, foi elevado a categoria de freguesia com a denominação de Santo Antonio da Guigusia. A carta regia de 19 de Junho de 1761 elevou esta *freguesia* a villa, mas a instalação só teve logar a 22 de Junho de 1762, no governo de João Pereira Caldas, portuguez, que assistiu o acto e deu á nova villa o nome de Jerumenha. O governador Caldas fel-o naturalmente em homenagem a seu paiz.

Juromenha é uma villa e praça d'armas do Alentejo, concelho do Alandroel, comarca do Redondo, districto de Evora, em Portugal, á margem direita do Guadiana, sobre um outeiro, que a separa da Hespanha.

Ahi está um dos modos de explicar a etymologia da palavra. Uma lenda bastante curiosa dá-lhe, porém, outra significação. Ha em Juromenha, de Portugal, um antigo castello de edificação romana, notavel pelas suas 17 torres.



Já que fallei em Jerumenha vou dar algumas notas interessantes sobre esta pequena villa p'auhyense. O que ella tem de mais importante, depois da igreja que é obra dos jesuitas, e da nova feira (mercado) é sem duvida o seu proprio nome — Jerumenha. Esta graphia é uzada pelos seus habitantes e por todos os piauhyenses si não me engano. Quer me parecer, porém, que o Dr. Theodoro Sampaio discorda. A's paginas 169 a 170 do seu livro: «Tupy na geographia», diz:

«O nome Jurumenha, por exemplo, que se encontra entre nós, designando uma villa obscura do Piauhy (com vistas ao coronel Fonseca...) póde induzir erro, pela sua estrutura tupy, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejano sobre a margem direita do Guadiana.»

#### FRANCISCO IGLEZIAS.

Conta-se que, ao tempo da dominação gôda, querendo um rico e nobre senhor espoliar sua irmã Megnia ou Mênha da grande herança paterna, segndo uns, viver com ella vida incestuosa, segundo outros; e, encontrando resistencia, prendeu-a n'uma das torres do castello, no intuito de fazel-a render-se pelo soffrimento physico e moral. Nada demoveu a virtuosa donzella, que respondia sempre ás sollicitações do irmão com o seguinte heroico protesto: "Jura Menha que não". Ainda hoje, conta-se, uma das 17 torres do castello é conhecida com a denominação de Torre de Menha.

De Jura Menha é que vem a palavra Juromenha, villa do Alemtejo.

Assim, não é Jerumenha, como quer Martins — a terra que dá abóboras: *Jurumú, meeng*, o que seria prosaico e injusto. Pode, entretanto, ser a terra das muralhas ou da *jurisdição* de Julio, o que é nobre».





## MAGUA QUE RALA

**D**OS chefes de Estado que tem tido o Brasil, o que mais amou, e muito profundamente, o Rio de Janeiro, foi sem duvida D. João VI; e a população da cidade e arredores ainda tem na memoria, nos dias contemporaneos, mais de um seculo após á sua chegada a estas plagas, a lembrança do seu nome. Nas freguezias afastadas do antigo Município Neutro, que conservam até hoje uma forte feição roceira, a recordação do rei bondoso e bonachão é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de taes lugarejos, soffrendo uma abreviatura singular — *D. Sexto*. Os que o procederam e nos governaram como Vice-Reis e Governadores Geraes, portaram-se na capital da illimitada colonia portugueza como simples funcionarios, executores de ordens dos Reis, Ministros, Conselhos, Mezas d'isto e d'aquillo, sem olhar sequer as arvores, o céu, as scenas que os cercavam e muito menos a gente da terra. Acredito que, com a sua empafia de fidalgos avariados, muitos delles duvidassem da humanidade dessa ultima e se aborrecessem com a natureza local, pullulante e grandiosa. Não se pareciam com as cousas sumelhantes de Portugal e não se podiam medir pelo estalão dellas; não prestavam, portanto. A gente, para elles, um pouco mais que animaes, eram uns negros atóas; e a natureza, um flagello de mosquitos e cascaveis, sem possuir uma porporcionalidade com o homem, como a de Portugal, que parecia um jardim, feito para o homem.

Mesmo os nossos poetas mais velhos nunca entenderam a nossa vegetação, os nossos mares, os nossos rios; não comprehendiam as nossas coisas naturaes e nunca

lhes pegaram a alma, o *abstractum*; e se queriam dizer alguma coisa sobre ella cahiam no logar commum amplificado e no encadeamento de adjectivos grandiloquentes, quando não voltavam para a sua arcadiana e livresca floresta de alamos, platanos, myrthos, com vagabundissimas nymphas e faunos idiotas, segundo a rhetorica e a poetica didacticas das suas cerebrinas escolas, cheias de pomposos tropos, de rapé, de latim e regras de cathecismo literario.

Se, nos poetas, o sentimento da natureza era esse de paysagens de poetas latinos, numa diluição já tão exhaustiva que fazia que os autores do decalque se parecessem todos uns com os outros, como se poderia exigir de funcionarios fidalgos limitados na sua propria prosapia, uma maior força original de sentimento deante dos novos quadros naturaes que a luminosa Guanabara lhes dava, cercando as aguas de mercurio de suas harmoniosas enseadas?

D. João VI, porem, nobre de alta linhagem e príncipe do seculo de Rousseau, mal enfronhado na literatura palerma dos arcades, dos desembargadores e repentistas, estava mais apto para sentil-os de primeira mão, directamente. Podia elle, perfeitamente, amar o passaredo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade alpestre de scenarios severos, os morros cobertos de arvores de insondavel verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas ás outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fusco que muge ao sopé delles.

O successo de Rousseau entre a alta fidalguia do seu tempo foi um extranho acontecimento que hoje surprehende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem elle a ser amaldiçoado pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores do 89 e do rubro 93.

Antes disso foi elle o *enfant gaté* da grande nobreza e da grande burguezia que áquella se assemelhava nos gestos, nos gostos, nos vestuarios, em tudo, emfim, até no modo de assignar o nome.

Depois dos seus primeiros successos núsicaes e literarios, mesmo antes com a sua mãe-amante, Mme. de Warens, Jean Jacques foi o mimo, o autor predilecto da alta nobreza e da grande burguezia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução lendo as suas declamações e objurgatorias contra a civilisação. Sempre lido por ellas, sempre por ellas agraciado e soccorrido, ambas sorveram com lagrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o animo do summo pontifice da guilhotina — Robespierre. E' Rousseau, nas



festanças e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand, que, n'uma edição das «Confessions», prefaciada por ella, se confessa fiel ao espirito do commensal de seu avô, naquelle lacustre castello de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as aguas do Cher; é Mme. d'Épinay, é a marechala de Luxembourg, é o Marquez de Girardin, é o príncipe de Conti, é Frederico II, é o marechal, governador de Neuchatel, em nome deste ultimo, e tantos outros magnatas do tempo.

D. João VI devia tel-o lido e, sendo desgraçado tres vezes, como filho, como marido e como rei, havia de encontrar a sua alma bem aberta para lhe receber as licções e comprehender de modo mais amplo a natureza, de modo a ser solicitado para um convivio mais intimo com as arvores, com os regatos, com as cascatas, fossem ellas civilisadas, barbaras ou selvagens.

Fugido do seu reino, trazendo consigo a mãe louca, que pedia, ao embarcar em Lisboa andassem mais de vagar, para não parecer que fugiam; obrigado pelo seu nascimento e as condições particulares do seu estado, a supportar uma mulher que perdera toda a conveniencia, todo o pudor e todo o respeito a si propria, nos seus desnegamentos sexuaes, — o pobre rei, gordo, glotão, tido como estúpido, desconfiado da sua paternidade official, só encontrava na musica e nos aspectos naturaes derivativos para a sua muito humana necessidade de effusões sentimentaes.

Na sua vida de grandes maguas e profundas dores, o seu desembarque no Rio, com certeza foi para a sua alma uma Alleluia. A augusta belleza do scenario natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa — sem attingir o incomprehensivel do desmedido e do colossal, a effusão filial de toda uma bizarra população de brancos, indios, negros e mulatos, quasi toda a chorar, provocaram muito naturalmente a sympathia, fizeram-lhe logo brotar no coração uma grande affeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de facto — Rei — o chefe acceto voluntariamente, como pae e senhor, por todos aquelles subditos longinquos que o viam pela primeira vez.

D. João, diz Oliveira Lima, caminha sereno, com a melancolia a fundir-se ao calor da sympathia que o estava acolhendo.

Para bem ver a terra, então, elle se esqueceu as quinze mil pessoas que o acompanhavam desde as margens do Tejo, daquelles quinze mil *desembargadores e repen-tistas, peraltas e secias, frades e freiras, mosenhores e castrados*, — *enxame de parasitas immundos*, como diz



Oliveira Martins, que aportava em São Sebastião para esvair quotidianamente a Ucharia Real e enche-la em troca de zumbidos de intrigas, mexericos e alcovitices.

E o Rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu; foi grato. Tratou logo de arranjar uma nobreza da terra, que elle mesmo dizia não ser *nobreza*, mas *taffetá*; protegeu José Mauricio e autorisou que a sua desgraçosa mas sagrada figura de Rei, de nobre da mais alta e pura fidalguia, apesar de filho do Barbadão, fosse pintada na tela por um nobre pintor mulato, José Leandro, que nunca vira a Italia nem museus, nem academias, e talvez até, nem tivesse mestres.

Mas, não foi só ahi que mostrou a sua gratidão para os affagos recebidos por elle, na sociedade da Guanabara; não o foi tambem unicamente, nas Instituições de ensino e outras que creou; foi para a terra que o seu agradecimento se voltou, foi para a sua belleza de que se enamorou, onde quiz deixar as marcas e o penhor do grande amor que ella lhe inspirára.

De facto, não ha logar no Rio de Janeiro que não tenha um lembrança do simplorio Rei erypeloso e gordo. De Sants Cruz á Ilha do Governador, numa distancia de vinte leguas, as ha por toda a parte; da Ilha do Governador á Gavea, tambem; e, no centro da cidade são innumeradas.

Com as más estradas daquelles tempos, talvez pouco peiores que as de hoje, é incrível como esse homem, tido por preguiçoso, indolente, vadio, vencesse tão grandes distancias, andando de um lado para outro, só para gozar os pinturescos e pittorescos recantos de sua improvisada capital ultramarina.

Hoje, com bondes electricos, automoveis e o mais, os nossos grandes burguezes, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o Principe Regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto affectado, pedras falsas de architectura, com as taboletas idiotas de *villas* (sic) disto ou daquillo.

E não era só o Rei; a propria Rainha foi-se para Botafogo, hoje *melindroso e encantador*, mas, naquelle tempo, roça perfeita; von Langschoff, consul geral da Russia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; Chamberlain, tambem consul geral, mas da Inglaterra, era proprietario de uma chacara em Santa Theresa, para caçar borboletas e plantar café; um emmigrado politico, o Conde de Hogendrop foi morar como simples roceiro da terra, nas Aguas Férreas; e o pintor Taunay, membro do Instituto de França, que veiu



bem ao Jardim Botânico; e este recanto do Rio de Janeiro, tão peculiar à cidade que é até um dos seus emblemas, fala ainda de D. João VI. Até bem pouco tempo, era o lugar predilecto para os passeios burguezes e familiares. Era o lugar dos pic-nics ou convescótes; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, á sombra das suas veneraveis arvores, familias e convivas, creados e mucamas, namorados e noivos, a comer o leitão assado e o peru' recheiado, votivos á bôa harmonia e felicidade dos lares, em dias de sacrificio domestico do nosso culto aos Penates Foram prohibidos, e o Jardim Botânico só ficou lembrado por causa de uma casa rustica que havia de frente delle, especie de hospedaria disfarçada em que, á noite, se realisavam pandegas alegres de rapazes e raparigas que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, elle não se aguentou na memoria dos cariocas passeadores. Como o Sylvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e adjacencias que se realisam as pandegas e se epilagam tragedias ou comedias conjugaes. O Jardim Botânico, porem, ficou socegado, quieto entre o mar bem proximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata após as grandes chuvas lançando sobre os que o abandonaram o desdem de suas palmeiras altivas e títanicamente attraidas para o céo, á espera de que, para as suas alfombras, voltem as familias em festança honesta e os amorosos irregulares em transportes sagrados, afim de abençoar, quer umas, quer outras, de baixo das arcarias gothicas dos seus bambu's veneraveis.

Comquanto tenha tido a primazia de nortear para o seu portão a primeira linha de bondes que se construiu no Rio de Janeiro, de uns tempos a esta parte o Jardim deixou de ser falado nos jornaes, nas chronicas elegantes, não mais foi escolhido para festividades mundanas a estrangeiros de distincção ephemera; e a massa dos cariocas, deshabituando-se de lhe ouvir o nome, nem vendo a sua alameda senhorial de palmeiras nas notas do Thesouro, esqueceu-se daquelle pedaço da cidade, que é bem e só elle mesmo, elle unicamente, sem semelhança com outro.

Um bello dia de annos passados, porem, nas primeiras horas da manhã, logo após o café, abrindo os jornaes, deram com a primeira pagina de quasi todos os quotidianos occupada com uma longa noticia, entremeiada de gravuras macabras e physionomias satisfeitas de policiaes em diligencia.

Cada qual das gazetas tinha mais titulos e sub-titulos

com a missão artistica de Le Breton, foi residir com toda a familia, nas proximidades da cascatinha da Tijuca.

A nossa burguezia actual, porém, é panurgiana e, por isso, banalisa tudo em que toca ou de que se utiliza. Darwin, quando passou por aqui, em 1832, habitou durante os bellos mezes cariocas de Maio e Junho uma pequena casa de roça, nas recanias da Bahia de Botafogo. É' impossivel, diz elle, sonhar nada mais delicioso do que essa residencia de algumas semanas em paiz tão admiravel. Hoje, se elle visse esse suburbio do Rio de Janeiro, com as suas casas quasi todas iguaes em pacholice; com os seus jardins economicos de terra e, mais do que isso, avaros; com a sua aristocracia de melindrosas desfructaveis e encantadoras com o espirito nas pontas dos dedos, ambos, machos e femeas, esthetas de cinemas; com os seus verdadeiros e falsos ricos, arrogantes e avidos; com os seus lacaios e *badauds* do luxo de pacotilha que lá impera; como não se recordaria da meiguice primitiva do lugar, quando por alli elle caçava *planarias*, classificadas por Cuvier como vermes intestinaes, mas que, por signal, não se encontram nos intestinos de qualquer animal; como lhe dariam saudades a musica vespereal e dissonante iniciada pelas cigarras estridentes, e seguida pelo coaxar de rãs e sapos e pelo chiar dos grillos, com a illuminação instantnea dos pyrilampos? Mas, a nuvem pardo azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe as cores e as nuanças, observada pelo sabio, inglez, ainda se póde ver naquelle celebre recanto do Rio de Janeiro. Os burguezes não se erguem da terra; não escalam o céu. Isso é' coisa para titans... A nossa plutocracia, como a de todos os paizes, perdeu a unica justificação da sua existencia como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu alevantamento moral, artistico e social. Nada sabe fazer de accordo com o paiz, nem inspirar que se faça. Ella copia os habitos e opiniões uns dos outros, amontôa-se n'um lugar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem della mesma.

Encarando a burguezia actual de todo o genero, os recursos e privilegios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar faceis prazeres e baixas satisfações pessoaes, e não se compenetrando ella de ter, para com outros, deveres de todas as especies, falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...

É' bom lembrar, porem, já que falavamos em Darwin, que elle — e não podia deixar de fazel-o — se refere tam-



e cada qual destes era mais campanudo e inexplicavel. Leram a noticia e, em summa, tratava-se do seguinte: tendo fechado o Jardim, os guardas, conforme mandava o regulamento, passaram revista a todo elle. Davam-na por acabada, quando um delles encontrou, na borda de um gramado, um punhal exquisito, «esquinado», dizia elle, com uma inscripção na face da lamina. Era simples e em hespanhol o motte: «Soy io!» O achado intrigou-o, esquadri-nhou melhor os arredores e veio a dar, dissimulado em uma moita, com o cadaver de uma mulher com o rosto arroxeadado e congestionado, inteiramente vestida, só com chapéo fóra do logar, mas, posto por outra mão ao lado della. Parecia estrangeira. De subito e de forma tão tetrica, foi arrancado do esquecimento a lembrança do velho jardim real; e elle surgiu a todos da cidade com uma aureola de martyrio, feita da ingratição de toda uma população a cujos paes e avós, sem nada lhes pedir, elle soubera dar tantos instantes de alegria e amor.

Os jornaes lembraram a sua historia, a sua fundação pelo rei D. João VI, os beneficios que havia prestado com fornecimentos de sementes de plantas uteis ou «mudas» de variedades de canna de assucar; lembraram a plantação de chá que lá houvera, sem esquecer de louvar as esguias e magestosas palmeiras, uma das quaes, plantada pelas proprias mãos do rei, estava morrendo de velha.

O inquerito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperança de resultado; e a Inscriptão em hespanhol, no punhal, fazia que as autoridades policiaes prendessem, não só todos os subditos do rei de Hespanha que encontravam á mão, como tambem colombianos, argentinos, chilenos, e até um philippino azeitonado foi preso, apesar de ser um simples e inoffensivo malaio vagabundo e cabeludo, que vivia a catarervas medicinaes para vendel-as aos herbanarios da rua Larga e aos chefes de macumbas e candomblés dos suburbios longinquos. Tudo em pura perda.

A victima foi identificada. Era uma criada allemã, arrumadeira de um grande hotel de luxo do Silvestre ou de Santa Thereza, que, nos seus dias de folga ou licença, gostava de passear pelos arredores da cidade e beber cerveja em toda a parte. Todos os frequentadores de casas de chopes conheciam aquella pequena allemã, de Baden, rochonchudinha, polpuda que nem um repolho, com os mallares sempre rosados, possuidora de um perfeito aspecto de boneca allemã de carregação, que bebia mais do que os patricios, rindo curto e estalando as palavras no duro

e guttural alemão, cuja familia diziam ser de camponeses de um logarejo do grão-ducado. Os seus papeis eram cartas dos paes, de irmãos e parentes, além de lembranças de uns e outros, como retratos, sem mais outro traço sentimental que não este da familia; e sobre o seu cadaver foram encontradas as jóias que a sua modesta condição permittia possuir: um anel de pouco preço, umas bichas de ouro e brilhantes mas de valor pouco consideravel, um par de pulseiras, algum dinheiro e mais nada.

*(Continu'a)*

LIMA BARRETO.





## A TRISTEZA DO SUBDELEGADO



fresca manhã de Agosto debuxava a esperança de um dia claro, sem uma nuvem esgarçada no horizonte vasto.

Um automovel descoberto parou fonfonando:  
— Prompto, Doutor...

— Aproveitemos o tempo. São duas leguas...

E seguimos, escrivão e ordenança, n'uma volada, em direcção do Bairro Branco. Marcáramos o encontro para as oito, nas Tres-porteiras. A denuncia, de vespera, facilitára a combinação com o subdelegado do districto confinante: um caboclo, tirando cipó no matto, fugira apavorado á vista de uma ossada...

O auto corria. E o caminho largo, humedecido de orvalho, parecia dar-nos, na perfumada brisa das capoeiras, um «bom dia» festivo.

N'uma curva rasgada avistámos os visinhos pontuaes, que esperavam.

— Madrugando, Doutor? Foi preciso um pretexto...

— Olhe, Capitão Barbosa, o senhor não sabe que es-piga é uma visita longa. Tanto convida que já temos um projecto feito...

— Não fique nelle. Hoje não se conta...

E o subdelegado, amavel, sorrindo com a lealdade das almas simples, resplandecia de contentamento.

— A cousa deve ser por aqui...

— E' a primeira porteira, Capitão?

— Justamente, a assombrada... A nossa divisa é o vallo; e, conforme o lado, assim a autoridade do inquerito...

Começou-se a exploração. Foram batidas as moitas, devassados os desvãos, investigadas as touceiras proximas. De repente,

— Achei, pessoal!... gritou o escrivão.

Sob um sassafráz, a cincoenta passos do caminho, na sombra fresca de ramos baixos, á beira do capão, jazia n'um travesseiro de saías e blusas putrefactas e nos restos de um cobertor a servir-lhe de cama, uma ossada branca, de mulher.

— Como se explica isto?

— Será que nem os corvos a viram?

Analysavamos a sua posição, revirando os ossos, sondando os arredores, em conjecturas diversas. Achamos, depois, nos restos que lhe serviam de travesseiro, uma cartilha infantil, algumas moedas de prata, um pente, espelhinho e um laço de fita prendendo uma chave de cadeado; ao lado, uma latinha da antipirina, vasia e enferrujada.

Commentavamos, arriscando hypotheses.

— E a sua opinião, Doutor?

Voltei-me; o Capitão Barbosa indagava de sobrecenho fechado. Expuz a minha idéa: Vinha de longe, adoentada talvez; e a luz causticante do sôl aggravara o seu estado. Procurou um abrigo ao mal passageiro. Contava descansar e proseguir viagem até o Salto. A molestia, porém, ao pilhal-a em repouso nesta sombra, explodiu violenta; a febre prostrou-a. Enfraquecida, com a esperança de forças novas, foi ficando. Mas a falta de socorro terminou a obra. Morreu abandonada. Não teve alento para attrahir a atenção do viandante apressado. Falleceu sem assistência, sem um remedio. Por visão unica, a soalheira ou o orvalho da noite...

— Porque viria ter aqui, tão longe da estrada?

— A razão é simples. Na época das queimadas o fogo destróe toda esta macéga, salvando-se as touceiras maiores e os capões mais fechados e grossos. As arvores fortes, ainda que chamuscadas, brótam de novo ás primeiras chuvas. A moita maior é esta; repare que é a mais proxima do caminho...

— E nenhum vagabundo a aborreceria aqui... frisou escrivão.

— Cresceu o matto, continuei. O corpo entrou em decomposição. Vieram mais tarde chuvas que a apressaram; e, ao fim da estação das aguas, estava descarnado...

Houve um silencio. Todos contemplavam a ossada, pensativos.

O Capitão Barbosa, muito sensível, murmurou:

— Pode ser... Mas ha tanto mysterio neste mundo...

— Suspeita alguma cousa?

— Parece... e de cabeça baixa, mãos no bolso, passeava lentamente, com a preocupação estampada na physionomia.

— Então?... interpellei-o.

— Mais tarde, Doutor, qualquer dia... Agora, vamos embora que o sol está subindo. Portaremos na subdelegacia para um café...

Partimos; e os ossos limpos, recolhidos a um grosseiro sacco de estopa, foram connosco, no automovel, para o Salto.

...

— Eu fico um bocado. O escrivão e a ordenança que voltem logo. O Capitão offereceu-nos uma cadeira de balanço, com tanta gentileza, que é justo que eu o aborreça...

— Isso não, Doutor; prazer somente...

— Vejamos. Sou curioso. Estamos sosinhos. Desejava saber a razão da sua preocupação... Não será indiscrição minha?

— Entre amigos não ha disso. Foi uma ideia que tive. Tolices...

— Fui imprudente...

— Não repita, Doutor. Ha casos que é preciso coragem para narrar. Este é um delles... Mas para não haver desconfiança, conto... O senhor não ouviu fallar da Marianna, filha de Jeremias Corrêa, ali do pontilhão? Cabocla de truz!....

Fez uma pausa. Depois, mão no queixo, como a recordar-se:

— Nasci perto do Corrêa. Marianna eu vi gatinhando: dez annos mais moça do que eu. Poucos meninos lhe passavam a perna... Corria, pegava passarinho, nadava, pintava o sete... O pae ficava desesperado, mas eu achava graça no demo da pequena. Quando não me encontrava, ella arroteava a casa, negaceando. Assim chegou aos deztoito. Certa vez, um rapaz cercou-a no caminho. Perguntei a Marianna qual a conversa. Respondeu que não era da minha conta. Zanguei-me; virou-me as costas. Fiquei aborrecido, cogitando... Para encurtar: eu tinha ciumes... E o raio do sujeito, o Jéca Estanislau, sempre de segredo com ella... Resolvi um dia:

— Marianna, venha cá....



Olavo Bilac

Brnze de P. Fosca



Nestor Pestana

Bronze de P. Foschi

— Como vae, Barbosa; já sarou?

— Não brinque... E' negocio serio.

— Então vou-me embora... Estou farta de sermões.

— Espere, escute...

Minha voz amolleceu de uma vez. Ella aproximou-se.

— Eu ando pensando muito, tudo para seu bem...

Esse Jéca tem má fama, é rapaz vagabundo, desordeiro, vive de tróça... Dizem que é bisca. Tenho reparado o geito d'elle, mas não lhe sei a intenção...

— Já disse, Barbosa. Se é para me ralhar, vou-me embora.

— Não é, Marianna; é para lhe pedir em casamento... Desde creança penso nisso.

E parando, olhando-me de face, o Subdelegado confessou ingenuamente:

— Eu mentia, Doutor. Tive essa resolução, quando vi o Jéca avançar terreno...

— Ella que fez? Aceitou?

— Deu uma gargalhada assim como quem diz: «não se enxerga?!» E fallou:

— Perdeu o tempo, Barbosa. Eu tambem o estimo. Mas, casamento, só com o Jéca...

Que choque levei! Até hoje me lembro... O pae não consentiu; deu até o desespero. Fugiu de casa e nunca mais foi vista. Syndiquei por minha conta: nem rastro... O Corrêa tambem, coitado, durou pouco. Descendo o rio apanhou maleita e lá se foi o homem. Que ente infeliz! Até depois de morto... Imagine Doutor, no Grotão. Chovia como seiscientos. Quando apromptaram o corpo, o pessoal do acompanhamento já estava meio torrado. Com parte da agua os caboclos foram bebendo; e numa estiada pegaram a tróte o caminho. Vinham cavocando chão. Mas eram tres leguas a pé; e nas vendas que passavam, portavam para esquentar. O mata-bicho foi alterando os homens. Já não acertavam o balanço da rede; o defunto começava a pezar... Ali perto, no João Turco, a estrada que vem por cima, no espigão, tem uma curva empinada para descer ao correço. E' um lugar perigoso. A caipirada vinha esmorecendo; e de medo da chuva não quiz parar no João. Parece que foi castigo. Quando chegaram na ladeira, falsearam pé e lá se foi o pobre defunto aos trancos, barróca abaixo, abrindo rego no barro, até mergulhar de ponta-cabeça no ribeirão. Os carregadores assustados, avançaram atraz para acudir e zás... afocinharam tambem. Não houve geito de



*salvarem* o pobre do Corrêa. Lidaram, deram pancas. O Jeremias — sempre ficando no tijuco. Pelejaram. Cada vez peorava mais.....

— Sabe d'uma cousa? disse um tal. Elle está reinando... Vamos largar o *cujo*...

— E' melhor avizar o João da venda. O amaldiçoado do turco que se arrume....

E obrigaram o outro a retirar da enxurrada os restos do Corrêa.

Nos dias de finados eu ia ao cemiterio. A Marianna nunca foi. Aborrecido, não me casei; nem vi outra tão bonita...

— Que fim levaria?

— Contaram-me ha alguns annos, que ella estava em Sorocaba. Trabalhava dia e noite e o Jéca sempre vagabundeando... No fim elle deu para beber. Por qualquer cousa, pancadaria. Felizmente, n'um rôlo de venda.... mataram o sujeito.

— Quantos filhos?

— Só o primeiro vingou. Judiarias. Questão de dois annos, Marianna ficou doente. O menino com doze, estava na fabrica; o ordenado, porém, não bastava. Arranjei então um lugar para descanso, aqui na fazenda de um compadre. Era a outra a pobre. Tinha feito trinta annos e estava acabada, magra, amarella, só os olhos os mesmos.

Lá no sitio ia tudo bem, quando estupidamente, uns mezes depois, morre o pequeno afogado. Foi um desastre. Marianna quasi endoideceu. Com muito remedio e serviço, melhorou. Não andava mais quieta — arredia, olhos cheios d'agua, sem comer... Contou-me o compadre a sua saude; dei um pulo lá. Meu coração sangrou: quem diria que era aquella... Prôsa vae, prôsa vem, fallou-me que ia á Pirapora por causa da promessa. Quando veio doente, ella jurou que se sarasse afim de cuidar do rapazinho, ouviria uma benção. Sarou, tratou, agora cumpria. Lidei: que esperasse mais um pouco... Estava muito fraca, teria recahida. Tudo inutil!... Partiu. Nunca mais soubemos della... E essa cartilha era lembrança do filho, que ella mesma ensinou. Parece que eu reconheci o pedaço da bluzo de ramagens, que estava junto ao livro. Essa é a chave do cadeado do caixão. Pobre Marianna! Voltava adoentada. Fez-se de forte; e o sôl terrivel aggravou-lhe a molestia. Procurou um abrigo seguro e achou esse ao lado. Arranjada a cama, deitou-se; a febre escaldava-lhe a frente. Tomou a ultima antipirina. Não teve forças para se levantar. Esperou as melhores. A noite fria contrastando com o calor, apanhou-a

desabrigada. No dia seguinte delirava talvez... Foi morrendo a mingua, assim sosinha, sem uma palavra ao seus soluços e um braço á sua cabeça infeliz... Fôme, sede, falta de remedio, agasalhos, tudo! Quantos dias agonizou?... Perceberia a morte chegar, lentamente? E acabou-se afinal, aos poucos, com tormentos que nós nem por sombra imaginamos... Infeliz Marianna... Quanto lhe custou o erro! Nem os corvos a acharam. Que vida, meu Deus; parece até castigo.....

— É que morte, Capitão!... São capazes de vela ainda, como o assombramento da porteira ...

— Era o que faltava... Desaparecer abandonada ao sól e á chuva, a moça mais linda e cortejada destas bandas!.....

...

— Prompto, Doutor. A's ordens!

— Já de volta? Bem, partamos. Capitão, agradeço-lhe lhe a gentileza. Não ha o que pague a sua amizade e confiança. Doeu-me n'alma essa tragedia silenciosa... Até á volta!

Pela primeira não me contive: abracei apertadamente o pobre amigo. Senti que o seu coração agradecia o lenitivo á sua tristeza.

Mais tarde, pela estrada larga, contou-me o escrivão:

— Os soldados do Subdelegado julgaram que traziamos laranja no embrulho ... Enfiaram a mão... Em vez de laranja — surgiu a caveira da *tal* ... Que susto!

E uma rizada festejou o derradeiro logro.

Eu só revia o amigo, bonacheirão e triste, carregando para o interior da sala, quando partiamos, o grosseiro sacco de estopa em que ia o seu ideal de moço, toda a sua vida e coração. Não sei se o macabro fardo receberia — uma primeira lagrima de amor ou de saudade.

...

Fiquei admirando a logica, a argucia e os bons sentimentos do Capitão Barbosa. Hoje admiro somente os bons sentimentos, porque... Marianna reapareceu! Reapareceu e anda por cá, velhusca, estragada pelos annos, mas viva, positivamente viva....

AMANDO CAIUBY.





## CANTIGAS DE ANTANHO

---

### I

*Dissestes-me, em terra os gíolhos,  
E os olhos cheios de pranto,  
Que vós me adoraveis tanto  
Como á menina dos olhos;*

*Mas augurios, que são sabios,  
Quando a experiencia os inspira,  
Mostraram-me essa mentira  
Que vos nascia dos labios.*

*Vossas graças adoraveis,  
Com serem graças, a gente  
Não illudem facilmente,  
Como, decerto, pensaveis;*

*Tanto, que, após ter ouvido  
As vossas jalias e juras,  
Vos disse tambem ternuras  
Sem me dar per illudido.*

### II

*Horas de intenso regalo,  
Acceso o olhar em desejos,  
As boccas cheias de beijos,  
Que é uma loucura contal-o,*

*Passavamos á porfia  
Nestes jogos amoraveis:  
Dizeis vós que me amaveis,  
Que vos amava eu dizia.*

*Diziamos com tal jogo,  
(Que, certo, não vinha d'alma)  
Que hoje nem sei quem a palma  
Ganhou emfim nesse jogo.*

*Eramos como, parece,  
Duas pessoas travessas  
De cujas pobres cabeças  
O siso fugido houvesse.*

## III

*Nessa mutua falsidade  
Trocada por longos mezes,  
A mentira tantas vezes  
Se confundiu com a verdade,*

*Que algumas falas sinceras  
Me sahiram bocca á fóra,  
Cuidando talvez, senhora,  
Que vos amava devêras.*

*O acaso, porém, um dia,  
Das nossas contas no ajuste  
Fez-me entrever todo o embuste  
Que dentro de vós havia.*

*Não soffri, não, que a experiencia  
Nisto me ensinou apenas  
Quanto nas coisas terrenas  
E' enganadora a apparencia.*

## IV

*A meu lado, anciosa e louca,  
Do leito entre os niveos folhos,  
Daveis-me a graça dos olhos,  
Daveis-me o beijo da bocca.*

*E atrás desse jalso goso  
Que vos eu dava, abundante,  
Tanto illudieis o amante  
Como enganaveis o esposo.*

*Adeus, fèrmoso rebanho  
De suspiros que não solto,  
Adeus, senhora, que eu volto  
Aos meus amores d'antanho;*

*Que é coisa que não intento  
Deixar de parte, senhora,  
Amores velhos de outr'ora  
Per amores de momento.*

---

## NOSSA HISTORIA

*Nossa historia de amor por desenlace  
Teve, como têm todas, a ruptura.  
A ventura passou, por ser ventura,  
Porque não ha ventura que não passe.*

*Dóe-me, porém, pensar que na jugace  
Memoria della, em que, por desventura,  
Nada do bem passado emfim perdura,  
Nosso passado bem não perdurasse.*

*Não sei se a ella ou se a mim mesmo 'louve:  
Eu oiço-a e vejo-a sempre, recordada,  
Ella, esquecida, não me vê nem 'ouve;*

*Eu padeço; ella passa, descuidada,  
Sem se lembrar do que entre nós já houve,  
Qual se nunca entre nós houvéra nada.*

## EXILIO

*Perto de ti, mal cuidas que me dôa  
Dôr que da tua seja diferente;  
Dóe-me, e nem vês sequer o pranto ardente  
Que ás vezes os meus olhos ennevôa.*



*E' a saudade da patria, não sómente  
Da patria, mas da gente que a povôa,  
Mansa de instinto, hospitaleira e boa,  
Como em nenhum paiz nenhuma gente.*

*E até sinto, a despeito de tamanha  
Afeição que me tens, que me acarinha,  
E meus passos e gestos acompanha,*

*Que essa afeição se apouca e se amesquinha,  
Só porque a dizes numa lingua extranha  
Que a doçura não tem da lingua minha.*

### CONTRASTE

*Casta nos gestos e nas atitudes  
Vêm-te os meus olhos sempre, enamorados,  
E a toda hora te lanço os meus alados  
Beijos, dispondo em pinha os dedos rudes.*

*E's tão pura de corpo e de cuidados,  
Que se, acaso, aos meus olhos te desnudes,  
Mais te verei vestida de virtudes  
Quão me vejo coberto de peccados.*

*Nunca pensei em tua bocca fria  
Pôr, mesmo em sonho, um beijo imaginario;  
Nunca o pensei e nunca o pensaria;*

*Não sou e nunca fui tão temerario;  
Se o fosse, é certo que a impressão teria  
De um sacrilegio em pleno santuario.*

### HONTEM E HOJE

*Partiu. Voltou. Com a alma a tudo afeita,  
Acolhe, resignado, a desventura,  
De que, afinal, tortura por tortura,  
Fez a mais farta, a mais cruel colheita.*

*Nem mais siquer a sua mão enjeita,  
Nem mais dos labios ajastar procura  
Esse trago de fel e de amargura  
Que o máo destino em sua taça deita.*



*Hontem, a alma sem freios e sem brida,  
Tendo sonhos e risos por escolta,  
Partia. Hoje, a tarefa concluída,*

*Regressa; ao regressar, suspiros solta,  
E o bastão rico que levou na ida  
Lhe serve de muleta para a volta.*

### CIUMES

*Ralha-me, sim; mas ralha, tu, que és boa,  
Usando em dóse igual fel e doçura,  
Sem lampejos no olhar nem phrase dura,  
Mas com o olhar meigo e a phrase que perdoa.*

*Não faças nunca uma censura á tôa;  
Quando hajas de o fazer, antes procura,  
Adoçando-lhe o fel, uma censura  
Que não amargue muito e que não doa.*

*E's ciumenta demais. Tens o costume,  
Que tem, de resto, amantes ou esposas,  
De temperar amor com azedume;*

*Mas sabes bem e confessar não ousas  
Que, como o microscópio, tem o ciume  
Essa virtude de augmentar as cousas...*

### DE PASSAGEM

*Nada, em suave tortura e anseio, eguala  
A esta sede de amor que me extenua.  
Forasteiro que sou, oiço-te a fala,  
Tenta-me o brilho dessa espadua nua.*

*Tonto do aroma que teu corpo exhala,  
Se eu entro, a est' hora, a bella alcova tua,  
E' que essa ardente mocidade em gala  
Tem as portas abertas para a rua.*

*Teu beijo um vinho forte e bom semelha,  
Que a alma deleita, o cerebro atordoia  
É nos olhos accende uma centelha.*

*Tomo-o, e sigo o meu passo... Assim, á tôa,  
Zumbindo em torno á flôr, incerta abelha  
Recolhe ás pressas o seu mel, e vóa...*

JULIO CESAR DA SILVA



## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

### XXII

Depois do triumpho oratorio no salão *High Life*, Angelo julgou que era chegada a occasião de mandar fazer o seu pedido de casamento. Para esse effeito encarregou ao Luz, que se dava com o coronel Vieira, de procurar saber previamente como seria recebida tal pretensão.

Combinada a campanha, enquanto o joven italiano, em uma confeitaria do centro da cidade, proxima ao largo da Sé, aguardava, alheio ao ruido crescente que do «triangulo» desaguava em ondas humanas pela sala a dentro, sua sentença de vida e morte, o bacharel subia as escadas do n. 22, á rua Direita, predio em cujos altos tinha escriptorio o pae de Maria Luiza.

Arribando ao primeiro andar, encontrou logo no topo um moço de cabellos crespos e cara espinhosa, que o convidou a entrar para a saleta de espera, com inumeros sorrisos e attitudes rebuscadas — tudo destinado a protestar contra a possivel suspeita de que porventura não passaria de humilimo criado.

— Procuo o snr. coronel Vieira.

— E' aqui mesmo. Tenha a bondade de entrar... Quem é que devo annunciar?

— Diga que é o advogado Benicio da Silva Luz.

Não foi preciso esperar. Um instante após achava-se Luz no escriptorio. O coronel, da sua cadeira gyratoria, junto á escrevaninha, estendeu-lhe a mão e indicou-lhe a cadeira proxima. Trocados cumprimentos e palavras de mera polidez, o bacharel, sem perda de tempo e sem rodeios, expoz logo e *ex abrupto* o motivo que o levava:

— Snr. coronel, disse um pouco formalizado, como quem ia tratar de assumpto muito grave... Sou amigo de Angelo Orsini... — Fez uma pausa como para tomar alento e ajuntou de um folego: Esse meu amigo deseja saber como seria recebido pelo coronel um pedido de casamento delle com sua exma. filha, senhorita Maria Luiza...

Emquanto Luz fallava, a attitudo cortez do coronel transformava-se em infinita estupefacção. Mal comprehendeu o que lhe dizia o moço, voltou-se espantado, olhando-o fito como para se certificar de que tinha deante de si um homem em juizo perfeito.

— Uma filha minha casar com esse rapaz! exclamou por fim com expressão de quem esperava tudo no mundo menos tal cousa.

Houve um momento de silencio durante o qual Luz julgou ver passar no olhar duro do velho um relampago de colera prestes dominada.

— Se me permite usar de toda a franqueza, disse o bacharel num impulso nervoso, devo dizer que Angelo é dotado de raras qualidades, que o senhor não pôde deixar de lhe reconhecer... E se eu não estivesse absolutamente certo disso não me teria incumbido de vir fallar-lhe sobre a pretensão desse meu amigo...

O coronel Vieira imprimiu á cadeira gyratoria um pequeno movimento e, depondo na meza o alfange de marfim, descansou os braços no recôsto, com expressão de firmeza e concentração. O rosto já vincado de rugas parecia ter-se coberto de estranha e indefinivel autoridade.

— Depois... acrescentou Luz mais doce, como quem se esforçava por justificar a sua ousadia — depois... Angelo me communicou as razões em que se fundava para não julgar de todo impossivel esse consorcio... Disse-me com certeza o que pensa a respeito de sua exma. filha... Quanto a pureza do nome e ás excellentes qualidades dos Orsini, creio não precisar insistir, visto como o coronel rigoroso como é na escolha de suas relações, não o teria distinguido recebendo-o em sua casa, se não estivesse tão convencido como eu de que elle é a todos os respeitos realmente digno de toda consideração e amizade...

Aqui o velho Vieira fez um aceno, interrompendo-o:

— Peço-lhe que não insista nesse assumpto... Esse moço foi-me apresentado por um amigo meu. Julgo que tem optimas qualidades... Mas não se trata disso... E ajuntou sinceramente admirado, como de si para si: E' extraordinario! Quem diria que elle pudesse pensar em uma filha minha!...

Como Luz fizesse menção de fallar, fez segundo aceno:

— O snr. precisa dar uma resposta a seu amigo... Diga-lhe que não póde ser, que não pense mais nisso... Desengane-o uma vez por todas... — E murmurou como que em soliloquio, esquecido inteiramente da presença do bacharel: E' uma maçada! Mas eu pretendia mesmo ir passar uma temperoada na fazenda...

— Desculpe-me, snr. coronel... Mas... ia o Luz objectando.

Nisto, porém, pelo olhar acerado do argentario cafézista tornou a perpassar um brilho de colera. Exclamou num impeto:

— Pois minha filha havia de casar-se com um estrangeiro, como um... Sabe-se lá quem é esse rapaz?!...

— O snr. me perdõe, contraveio com vivacidade o Luz... Mas o simples facto de ser estrangeiro...

— Ora senhor! atalhou o coronel, perdendo a paciencia. O snr. tem filhos? Sabe qual é o dever de um pae?! Era só o que faltava!

E passando a mão pelos cabellos grisalhos, como se alli estivera só, repetia de si para comsigo:

— Era só o que faltava! Pensar em uma filha minha!

Luz, humilhado, nervoso, banhado em suor frio, despediu-se, murmurando heroicas palavras de desculpa. E desceu a escada precipitadamente sem reparar sequer no sujeito de cabellos crespos e sorrisos affectados, que se impertigára á sua passagem. Ao chegar á porta da rua, pensou: «Devo estar horrivelmente pallido... Com este aspecto não convem apresentar-me a Angelo... O pobre namorado ficaria doido... Elle que espere um pouco até me passarem os nervos...»

A rua estava repleta de transeuntes apressados. Atravessou-a a custo, para ganhar o passeio opposto. Depois caminhou o mais depressa que poudo, no meio da multidão, entrando pela rua de S. Bento, rumo da praça Antonio Prado. E olhava desconfiado para os lados, temendo que Angelo surgisse por alli. Chegando ao largo embarafustou pela confeitaria «Castellões» e foi assentar-se na segunda sala, ao fundo.

— Que toma, *signore*?

— Traga um *chop*.

E entrou a recapitular o acontecido. «Ahi está o que fui procurar! Aquillo é um bruto! Confundem a firmeza, a austeridade, a dignidade com a grosseria! São assim os nos-



«...» Bebeu o *chop*. Sentiu-se a pouco e pouco mais brando. «E' isto! Somos um povo de rastaqueras, de *parvenus*, de mestiçados Moraes mesmo quando alardeamos pureza de sangue! E aquella do homem! — A filha não havia de casar-se com estrangeiro! Que empáfia tola! Que...» Pediu outro *chop*. Respirou. «Agora é que é o mais difficil! Como dizer a Angelo o que se passou!»

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA.





## A NOIVA DE OSCAR WILDE

### II



palavra de Wilde não carecia dos jardins de Academo, e era quasi sempre em torno á mesa de um café, entre espiraes de fumo louro e diante de um copo de *Whisky and soda*, que elle reunia os discipulos, para ditar-lhes o novo evangelho, em que se tinha a belleza por bem suprêmo e se fazia o elogio do vicio e da indolencia, da vaidade e do egoismo, da inconstancia e da mentira. A mocidade ouvia-o attenta, na fascinação daquella prosa, tecida de parabolias suaves e paradoxos impenitentes, como se numa panoplia extravagante o aço de adagas e sabres sarracenos descansasse sobre a seda frouxelada de um chale de Tonkim. Por vezes, tal a esphinge que de garras cravadas no deserto assustava os viandantes, elle a subitas interrompia a narração, para fazer perguntas aberrantes, que tambem ficavam sem resposta.

Entre a roda dos novos esthetas, vinha busca-lo a sociedade aristocratica, que lhe requestava o convívio e recolhia as phrases. Nada se fazia então em Londres sem o assentimento de Wilde; e se as senhoras o consultavam a respeito de modas e mil futilidades, artista algum dispensava o seu elogio, que seria a consagração definitiva.

A vida particular do estheta transformara-se numa curiosidade publica, e os seus habitos e superstições interessavam tanto como a leitura de «Intenções» ou a representação do «O marido ideal».

Falava-se na quinzena de seda azul pavão com que elle, para escrever, se sentava á mesa que fôra de Carlyle; discutia-se a sua collecção de turquezas e amethystas, capaz de despertar inveja a Deocleciano; commentavam-se

os caprichos da sua inspiração, que tinha exigencias de Califa, e só se sentia bem entre tapeçarias persas e dalmaticas bysantinas, majolicas de Gubbio e marfins hindu's; e elogiava-se o escaravelho em lapis-lazuli, que lhe adornava o anular, e fôra arrancado ao dedo millenario de uma mumia.

Temido da burguezia, invejado dos homens, adorado pelas mulheres, a mocidade seguia-lhe o rastro luminoso da vida, que se ia abrir no jardim das Hesperides.

Tal foi o homem maravilhoso, mixto de Baccho asiatico e de Apollo grego, figura ainda de hontem e já legendaria pela gloria — que eu vi apparecer ante mim, e que tão profunda impressão deve ter produzido no espirito formoso e sensível de D. Isabel.

Entretanto, Raul proseguia. Sua tia, não só aquella, mas muitas outras vezes, tivera ensejo de se encontrar com Wilde. E' que se o mundanismo deste ultimo o levava por toda parte, os avós de D. Isabel, ligados á melhor sociedade londrina, queriam proporcionar á neta o maximo de diversões.

Sabida a situação de relevo e prestígio alcançada por Wilde, não será de espantar que o pai de D. Isabel, em começo nenhuma importancia desse aos enthusiasmos com que a filha sempre se referia á pessoa do poeta. Mero reflexo do meio, esses enthusiasmos de coração moço e susceptível deveriam facilmente dissolver-se no marulho de applausos e louvores, com que discipulos e admiradores envolviam a pessoa de Wilde. A mais, afugentando receios que, eu penso, nunca teriam acudido á mente do velho Ardrade e Mello, Wilde era casado e Cyril e Vivian, os seus dois encantadores pequenos, lhe amparavam a felicidade conjugal.

Veio, porém, o desastre. Do ferculo de ouro Wilde baixou ao carcere de Reading. A blusa numerada substituiu-lhe o quimão de seda azul. O seu nome, que outrora perfumava os halitos e era magnificado a cada instante, passou a ser sussurrado entre dentes e serviu para estigmatizar um vicio.

E á medida que na frente gloriosa do poeta a laurea se transformava numa corôa de espinhos, — D. Isabel tambem foi demonstrando aos seus intimos o que até então conseguira dissimular: nos refólhos do seu coração havia qualquer cousa além de um simples entusiasmo no sentimento que lhe inspirava Wilde.

Possuiu-a um profundo desalento, foi-se-lhe a alegria antiga, e por mais que se esforçassem os seus parentes,



nada conseguia distrahir-a. E' que de tudo o que lhe andava em volta, só uma cousa a podia interessar, e dessa ninguem lhe falava: o processo de Wilde.

Angustiando-lhe as cogitações e exacerbando-lhe os soffrimentos, D. Isabel sentia ainda que uma ponta de opprobrio vinha mesclar-se á pureza dos seus sentimentos, desde que deveria ignorar os motivos daquella condemnação e até a leitura dos jornaes lhe havia sido sonegada

O velho Andrade e Mello, entretanto, se já muito se preocupava com o que vinha observando, só mais tarde teve certeza plena da fatalidade que pesava sobre o destino da filha, quando soube que D. Isabel, por interferencia dos poucos amigos que não abandonaram a Wilde na hora da desgraça, mantinha o seu pensamento constantemente ligado ao carcere de Reading; e que flores escolhidas pelo seu proprio punho iam, ás vezes, abrir um sorriso nas sombras do cubiculo em que o artista, já sem o recamo dos seus aneis, desangrava os dedos na tarefa humilhante de desfiar corda.

Foi por essa occasião que o pai de D. Isabel resolveu apressar a volta ao Rio, na esperanza de que, afastando-a daquelle meio, a filha rapido olvidasse a figura de Wilde.

E enganou-se, porém, o velho Andrade e Mello. A distancia e o tempo não conseguiram reviver as alegrias daquelle coração, que nunca mais se quiz abrir a qualquer outro affecto, a despeito de que muitas outras sympathias ainda lhe vieram ao encontro da belleza.

E Raul concluiu:

— «Uma paixão, meu amigo! Dessas que já hoje em dia mui raramente se observam; que não medem sacrificios, nem anteveem obstaculos; e que quando não florem em carinhos e atenções, deixam o coração num punhado de cinzas!

«Embora a sua religião não tenha altar, sente-se que a sombra de Wilde acompanha minha Tia por toda parte, e lhe povôa as solitudes do coração. Se entrasses, hoje, no seu quarto, no Rio, havias de vêr, numa estante ao abrigo dos olhares indiscretos, todas as obras do escriptor dilecto e, entre ellas, não sei como conseguido, um dos rarissimos exemplares da «Salomé», que foi maravilhosamente illustrada por Beardsley. Sei que ella lê e relê meditadamente esses livros, na esperanza talvez, de que, ao calôr dos seus dedos, algum dias as palavras se animem, e com resonancias de um crystal de Veneza, lhe tragam os écos da voz inesquecivel. Vem ainda do mesmo culto o nome que ella escolheu



para os seus gatos, mal suppondo que Dorian e Sybil me dariam a chave do seu segredo, pois que entre os seus proximos a leitura do «O Retrato de Dorian Gray» já era familiar a alguém.

— E do lado de Wilde? inquiri eu, sentindo de minuto recrescer a minha curiosidade. Teria havido qualquer incitamento ás vehemencias dessa paixão, ou mesmo, já não dizendo tanto, teria o poeta conhecido o que lhe era tributado?

— «Nada de positivo. Mas muita supposição interessante, que me dá quasi a certeza de que Wilde, se não percebeu a essencia do sentimento que havia despertado, soube, comtudo, comprehender a magnitude do coração que se lhe abria em balsamos na hora da desgraça.»

E Raul contou-me então como chegara a essa conclusão, graças tão somente ao seu esforço, já que o Dr. Andrade, quando lhe relatara o facto, fôra profundamente laconico, deixando-o com a cabeça cheia de interrogações.

E' preciso que se não esqueça que o Dr. Andrade é medico, e medico ás direitas, tendo, portanto, o seu senso artistico — se é que elle o possuiu algum dia — completamente embotado. Estou certo que a sua concepção de belleza anda hoje muito mais proxima de um «bello» abcesso de figado ou qualquer outra horrivel mazella, do que da Venus de Milo ou do «julgamento final»; e que se lhe derem a escolha de leitura entre uma encantadora pagina de Wilde ou qualquer outro autor que elle nunca leu — e uma monographia clinica, o Dr. Andrade não hesitará: irá á massuda monographia.

Não nos admiremos, portanto, que em todo esse curioso entrecho de amor, elle haja apenas visto: de um lado, a pessoa extremecida de sua querida e unica irmã, com a vida partida pela fatalidade daquella desassisada paixão; e de outro, a figura odienta de Wilde, o causador daquelle desvario, e que só o poderia interessar atravez da analyse de um Krafft Ebing. Raul disse-me mesmo ter notado que o pae, durante toda a narrativa, evitara o mais que pode pronunciar o nome de Wilde, e nas poucas vezes em que isto não lhe fôra possivel, trouxera-o sempre precedido de um «cabotino», «degenerado», ou «nevrosado».

O meu amigo, entretanto, como era de esperar, pois pleiteava commigo, a sua admiração por Wilde, é que se não conformou com o que lhe fôra contado, e desde logo passou a fazer uma serie de investigações, a vêr se encontrava, quer nos proprios livros de Wilde, quer no que se





D. Duarte Leopoldo.

Bronze de P. Fouché.

EXPOSIÇÃO DI CAVALCANTI



'Ironia e Piedade'

tem escripto a seu respeito, qualquer clareira por onde pudesse respirar a sua curiosidade.

Embóra Caliban já lhe dormisse aos pés e o diabo o tentasse com a mascara indecisa de Antínoo, era de presumir que a Wilde, sempre de olhos abertos para a belleza, não tivesse passado despercebida, logo ao primeiro encontro, a graça estranha de D. Isabel que, de cabelleira negra e pelle dourada, se destacaria dos outros typos femininos da sociedade londrina, como uma garça morena perdida em meio a um bando de cegonhas.

Dos livros de Wilde, o unico que poderia trazer qualquer clucidação a esse respeito era o «De Profundis», sabendo-se que todos os outros são anteriores a 1894. Esse livro, além de escripto na propria prisão, tinha o grande interesse de constituir como que um jornal intimo dos dias de sombra e soffrimento do grande artista.

Pois foi justamente nas paginas do «De Profundis», que Raul encontrou as duas passagens, que lhe deram absoluta certeza de que D. Isabel não foi indifferente ao poeta. E' pena que eu não tenha aqui o volume, para lhes ler, na integra, esses dois trechos, que me trouxeram a mesma convicção.

Um delles está numa das cartas que da prisão Wilde endereçou a Roberto Ross, e foram transcriptas no prefacio do livro. Nessa carta Wilde pede a Ross que agradeça a um amigo commum, cujo nome agora me escapa, a remessa dos livros que elle lhe tem feito; e que, por intermedio desse mesmo amigo, faça chegar «sua gratidão á senhora que mora em Winbledon». Presume-se que esta senhora, que elle não quiz nomear, lhe houvesse tambem enviados livros ou qualquer outra cousa. Coincidencia ou não, entre as poucas cartas subsistentes do seu avô, Raul encontrou uma cuja sobrecarta já rasgada, talvez por um impiedoso colleccionador de sellos, ainda deixava perceber num bocado da carimbo, certa palavra que deveria começar por: WINB. Raul, ao tempo em que conversamos, ainda não tinha conseguido saber se Winbledon seria apenas o nome de qualquer rua ou quarteirão de Londres, ou mesmo de alguma cidade da Inglaterra.

A outra referencia com relação ao nosso caso está no corpo mesmo do «De Profundis». Se ella é menos precisa e não traz indicação alguma da pessoa a que se refere, em compensação é muito mais extensa, e dá a essa sombra feminina, cujo perfume mal podemos aspirar, uma grande ascendencia sobre o espirito do encarcerado de Reading.

Mais uma vez eu lamento não ter presente o volume. A prosa de Wilde não pode ser resumida e eu não trago o trecho de cór. Digo-lhe apenas que o artista evoca a imagem dessa mulher «cuja infinita doçura se transmittia ao ar em que respirava», quando rememora os erros da sua vida passada, que se obstinava em não conhecer a dôr e tinha o grande prazer como unico motivo da existencia. E' que essa figura feminina já uma vez lhe fizera sentir que a alma só se acrisola no soffrimento e o espirito tem a dôr por alimento. Wilde tece-lhe, então, um hymno de admiração e respeito, e depois de falar «na sua nobre bondade para com elle, não só antes como ainda durante o encarceramento», e de dizer que «ella, muito embora sem o saber, o auxiliou a carregar o fardo de tormentos»; termina declarando que «ella é a um só tempo, um ideal, uma influencia, e uma suggestão de aperfeiçoamento para o futuro».

Como vêm vocês, nada de mais elogioso para a pessoa que despertou taes sentimentos, e que, eu penso, tenha sido D. Isabel. E' digno ainda de menção, que logo após esse trecho, as idéas de Wilde começam a reflectir uma religiosidade até então ignorada, a figura de Christo descendo amiude sobre as suas paginas, como o paradigma da nova vida que elle se propunha para mais tarde. Dahi não ser tambem difficil acceitar que a essa mesma mulher deveu Wilde a devoção que annos depois o faria ir, por varias vezes, á benção do Papa e lhe daria a morte com todos os sacramentos catholicos.

Além desses elementos, Raul ainda descobriu uma nova fonte de suggestões, que referenda de algum modo as suas conjecturas.

Trata-se de um opusculo em que André Gide, grande amigo de Wilde, nos conta alguns episodios da sua vida. Por elle sabemos que Wilde, durante a sua permanencia em Berneval, após cumprida a sentença, falava com grande entusiasmo nos seus projectos literarios, e dizia que só reapareceria em Paris, quando de novo se pudesse impôr como «Rei da Vida», por uma bella obra de arte.

Entre esses trabalhos, alguns apenas ideados, outros já em execução, elle se referia com grande amor a um drama biblico: Achab e Gezabel. Note-se uma nova coincidencia. André Gide assignala que Wilde, ao envez de pronunciar Gezabel, sempre dizia Isabel. Não seria ainda a nossa patricia que lhe teria despertado a lembrança de tecer um drama em torno da bella e vaidosa Gezabel, do segundo livro dos Reis?

Quando Raul, acabando de me citar a procedencia



das suas suspeitas, lamentava que o nosso problema houvesse que permanecer eternamente insolúvel, não me contive que lhe perguntei:

— E por que não vaes resolutamente á tua Tia! Estou certo de que apenas com uma palavrinha sua tu'do ficaria esclarecido. Depois, dado o teu amôr por Wilde, ella não se vexaria de te abrir o coração.

— «Já quiz fazer isso e tenho estado varias vezes com o «De Profundis» entre as mãos, prompto a ir-lhe ao encontro, — respondeu-me Raul. «Pondere, porém, que uma méra curiosidade literaria, não me da direito a tanto. Seria resangrar despidosamente uma ferida que o tempo vai cicatrizando. A mais, tive prohibição formal do velho de lhe fazer a menor allusão a esse respeito».

Raul ainda falava, quando sentimos um ruído ao fundo da varanda. Ambos estremeçemos. Era D. Isabel que se debruçava á janella, advertindo o sobrinho que já passava das 11 horas e elle estava fóra do regimen. E depois, numa voz muito branda: «Deixem a prosa para amanhã, meus filhos. Vocês têm tanto tempo para conversar»....

Levantamo-nos. Lá fóra o plenilunio remontava, e no ceu semeado de estrellas, dir-se-ia um grande lirio branco entre uma seara dourada. Na profundez da noite as montanhas dormiam, conchegadas por nevoas claras; e, sob o poejo do luar, pareciam proseguir o bello sonho que eu havia interrompido...

— Deixemos de sentimentalismos e vamos ao jantar do Honorio — atalhou Genesio que verificara ser quasi 7 horas.

E já na porta, enquanto vestiamos os sobretudos, eu perguntei a Alfredo porque não faria a sua estreia na novella aproveitando a historia que nos acabava de contar.

— Pensei nisso e cheguei até a escolher-lhe um titulo. Seria «A noiva de Oscar Wilde». Raul, porém, dissuadiu-me do intento, muito embora, já se vê, eu lhe propuzesse a alteração do nome de uma das personagens.

Parece-me que ainda o ouço, quando, proximo do quarto, lhe dei a conhecer o meu intento:

— «E' muito cedo, meu amigo. Escripto agora o nosso encantador entrecho de amôr não passaria de uma enfadonha monographia historica, inçada de datas e notas á margem. E' preciso que o tempo aplaque a preamar de odios e escrupulos que ainda se agitam sobre a figura de Wilde, e de novo esbata em torno á sua cabeça aquelle halo luminoso que uma senhora de Paris dizia vêr for-



mar-se toda vez que elle falava. Lembra-te que a nossa heroína ainda ahi está, e que se Wilde já morreu ha 17 annos, só em 1960 o British Museum nos permittirá conhecer, na integra, o original do «De Profundis».

E depois, num sorriso que talvez mal encobrisse o seu torvo designio:

— «Vivamos, portanto, até lá, meu amigo, na esperança de que, já velhinhos, ainda possamos ver evolir-se das paginas ineditas — um novo perfume, de que se ha de servir o futuro narrador da tua «A Noiva de Oscar Wilde».

Cinco dias depois, vinha-me um chamado urgente, e eu ia encontrar o meu amigo semi-morto, com a cabeça ensanguentada a resvalar entre os dedos tremulos de D. Isabel, que lhe beijava afflictivamente a fronte.

SERGIO ESPINOLA.



# INÉDITOS PRECIOSOS

## Excerptos do Diário do Visconde de Taunay

(Março, Maio de 1889)



Se durante os longos annos das campanhas de Matto Grosso e do Paraguay, á risca seguiu o Visconde de Taunay o preceito camoneano relativo ao uso simultaneo da espada e da penna, finda a nossa grande guerra, durante a qual escrevera: *Scenas de viagens, A mocidade de Trajano, A Retirada da Laguna, o Diário do Exercito* e os seus relatorios sobre a campanha de Matto Grosso — passado Primeiro de Março, diziamos, e deposta a espada que jamais teria ainda o en-

sejo de desembainhar, diuturnamente manejou a penna nos quasi vinte e nove annos que lhe caberiam viver.

Só o que na imprensa publicou, por exemplo, neste lapso de tempo daria para a confecção de dezenas de grossos *in folio*.

A vida afanosíssima do politico, do propagandista de reformas sociaes, do campeão de immigração européa, do adversario inconvencivel da introdução de asiaticos, do critico e do romancista, todo este labor continuo e intenso raramente lhe deixava o tempo para redigir o seu *Diário* intimo; o que com prazer sempre fazia desde que lhe sobrassem lazeres.

Assim na longa serie dos cadernos em que o redigiu extensas lacunas se notam por vezes de muitos e muitos mezes. O afastamento completo da politica promovido pelo advento da Republica, deu-lhe o preciso vagar para tal redacção e assim, desde 1890 em diante, até a sua ultima semana, em janeiro de 1897 registou, quasi sem solução de continuidade os principaes acontecimentos e impressões da existencia diaria. São geralmente mais notas de canhenho do que outra cousa os apontamentos que nos livros do *Diário* se inscrevem, referindo-se aos factos familiares e á economia domestica, ao registro das transacções financeiras e da correspondencia epistolar com diversos amigos.

Surgem porém, de vez em quando algumas linhas de apreciações sobre homens, cousas e livros, anedotas, reminiscências etc. e muitos destes topicos são interessantes.

Aqui e alli respigando alguma cousa do que me pareceu mais curioso no periodo correspondente ao trimestre de Março, Abril e Maio de 1889 transcrevo estes excerpitos destinando-os á *Revista do Brasil*. Julgo que a varios dos seus leitores possa causar prazer a leitura de taes ineditos, onde ha varias notas referentes ao Imperador D. Pedro II nos seus ultimos mezes de reinado.

Escrptas com a sinceridade de quem as traçava para si — sem a menor ideia de que algum dia pudessem vir á publicidade — são curiosas quer pelo facto de revelarem o assumpto variado e sempre elevado das preoccupações intellectuaes do glorioso monarcha, numa epoca em que a velhice e o formidavel labor de quasi meio seculo de governo patriotico já lhe traziam o declínio das forças e faculdades, quer pela revelação da franqueza com que lhe falavã e com que com elle discutia o Senador do Imperio.

AFFONSO D'E. TAUNAY

## 1889

PETROPOLIS — 4 de março). — A' noite baile do Bragança durante o qual muito conversou o Imperador commigo sobre litteratura franceza e inglesa.

11) A' tarde conversámos (1) na Estação largamente com o Imperador sobre Uruguayana e a Guerra do Paraguay, demonstrando S. M. optima memoria dos factos mais miúdos.

14) Fui ao cortejo annunciando o Imperador a partida do Conde d'Eu para Santos, hoje mesmo, á tarde, como de facto aconteceu.

20) Fui á ducha, onde conversou, amavelmente, o Imperador, commigo, falando de Carlos Gomes. Disse-me ainda nada fez superior ao *Quarany*.

21) Levantei-me cedo para escrever uma carta a João Alfredo sobre a condecoração do X... e do Y...

27) Na Estação, á espera do trem da tarde, tivemos conversa interessante com o Imperador a principio sobre crencas e salvação eterna. Citei a S. M. as suas palavras á Imperatriz, no dia do enterro do seu estimado professor de allemão, Lietpold. — Pena que tenha sido protestante, observou a Imperatriz. — Pois então replicou elle, por esta razão o meu bom Lietpold ha de ir para o Inferno? — Falámos depois em Lacordaire, Didon e Deguerry. A conversa em seguida tomou outro rumo e falámos dos grandes mentirosos.

(1) O autor e André Rebouças, a quem o ligava a maior amizade. Refere-se sempre o plural, a ambos, pois sahiam diariamente, pela tarde a passear por Petropolis, o que frequentemente os levava a encontrar o Imperador D. Pedro II.



O Imperador contou duas aneddotas engraçadas, uma do semanario J... que se salvara de um naufragio enchendo moringues que boiavam, outra do B... que viria uma onda arrebatar, por occasião de um temporal, na fortaleza da Lage, uma guarita com um soldado dentro e outros a repor tudo no lugar.

29) Na estação conversei largo tempo com o Imperador sobre quadros da Escola Franceza.

6 de abril) Recebi do Luiz Guimarães o seguinte bilhete: «Meu glorioso Taunay Beijo-lhe as mãos pela offerta do seu *Discurso*. É um bello trabalho litterario, como tudo que sahe da brilhante penna do romancista da *Mocidade de Trajano* e do extraordinario chronista da *Retirada da Laguna*. O seu juizo critico sobre Franklin Tayora é de uma concisão plutarchiana e de uma eloquencia magistral. Bravo! Lisboa, 17 de março de 1889»

8) Tive hontem grande alegria, lendo afinal os nomes do X... e do Y... entre os condecorados com o officialato da Rosa. Fomos á tarde visitar o X, que estava muito cheio da distincção dada pelo Governo Imperial. Curiosa humanidade! Curiosa existencia! Bem exprimiu este sentimento Claude Larchet (*Mensonges*) «*Quelle comédie que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!*»

Recebi carta do Y... agradecendo os parabens que lhe mandei. Só os parabens?

10) Hontem, na Estação, tivemos engraçada discussão sobre a significação do que era *Communhão dos Santos* mostrando-se o Imperador mais entendido do que todos nós. Concordou, entretanto, na necessidade da decretação do Casamento Civil. Mostrou-se albeio a todos os artigos que tenho escripto verificando-se mais uma vez, o facto bem conhecido que não lê mais os jornaes.

19) Sexta Feira santa. Longa conferencia com o João Alfredo sobre mil assumptos. Desanimou e queixas. Li com muito interesse o opusculo que me mandou Catani sobre *Injezime*.

21) O Dr. Castro Lopes propõe hoje fádico em vez de feérico (1). O Machado de Assis com muito espirito e carradas de razão criticou e por por terra e rocto (do francez *coquelarde*) que é muito differente de *chambre* (robe de chambre). A' noute fui á casa do Conde de Motta Maia que deu um baile a que assistia toda a familia Imperial, em continuação e como fecho da manifestação que lhe fóra feita de manhã. De lá sahi com o Rebouças ás 11 horas, pouco depois do Imperador.

22) O Conde de Motta Maia, hontem, fez valer o facto de ter lido ao Imperador o meu artigo sobre Casamento Civil, em que fallei da intervenção imperial desde 1855. Disse-me elle que tudo fóra confirmado sem a menor hesitação.

26) Na estação achámos o Imperador retrahido e calado. Não se ani-

(1) Diariamente propunha então o Dr. Castro Lopes, pela imprensa, os seus «neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis».

moa com a apresentação que lhe fiz do Dr. Paul Ehrenreich chegado hontem e companheiro do Dr. Carlos von den Steinen, o explorador do Xingu'.

29) Na estação o Imperador conversou largamente e com excellente memoria dos philosophos francezes, de sua estada em Potsdam onde occupou o quarto habitado por Voltaire. Depois fomos com D. Pedro (1) tocando em Offenbach.

30) De manhã entreguei ao Imperador o livro de Pierre Loti (*Japoneries d'automne*) de que eu lhe falára na vespera por occasião da palestra habitual. Nesta disse elle a mim, e ao Rebouças, discutindo questões litterarias e philosophicas: «Devo o gosto que tenho aos classicos e á boa litteratura a seu paes repetindo aliás o que em outras occasiões mais me dissera.

1.º de Maio) Fui ao Senado onde o Correia me disse que obrigatoriamente eu havia de ser o ministro da agricultura do primeiro gabinete. Conversei com Serro Frio, Barros Barreto e outros senadores e fui á commissão de inquerito á uma hora. Na estação encontrei o Rebouças e o principe D. Pedro Augusto. Este me contou que ao jantar o Motta Meia perguntara ao Imperador: «era verdade o que eu contara no artigo de hoje, respondendo-lhe Sua Magestade: — «Motta tudo aquillo é a pura verdade», com o que se mostrou o Principe muito satisfeito.

3) Desci para a abertura da sessão legislativa sahindo de Petropolis ás 7 e meia. Almocei na barca e fui ao meio dia ao Senado. Muito pouca gente; tribunas e galerias cheias. O Imperador fraco; a extensa Falla do Throno menos mal. Esse documento causou-me, como aliás a todos impressão desagradavel pelo seu tom de carrancismo. O Imperador voltando eu da tribuna da Imperatriz me disse ao passar: «Não gostou da Falla do Throno? Foi o melhor que pude fazer.» Na escadaria ao descer fallou novamente conmigo nos seguintes termos: «Tenho lido os seus artigos; muito obrigado, Tudo quanto o senhor diz é exacto.» Ao que repliquei—costumo relar a verdade — «E faz muito bem.»

4) De manhã, sahindo do hotel fui visitar no França o Paranaguá. Fui ao Senado onde estive muito aborrecido — Paulino, presidente com 22 votos; Cruzeiro 12 votos governistas. Colligação dos liberaes com os conservadores disidentes.

Na estação encontrei o Imperador que conversou sobre os factos do dia. Disse-lhe que não gostara da Falla do Throno. «Mas porque?» — perguntou elle. «Não tra: reforma alguma sobre o Casamento Civil, nada diz, etc.» — «Ora, replicou S. M. é preciso ir devagar. Sou opportunista. Sobre casamento civil já fivemos alguma cousa.» Fiquei positivamente pasmo de semelhante declaração. «Não gosto de intrigas, continuou elle; politicamente os factos de hoje, no Senado, não me dão direcção alguma.»

6) Deixei de ir ao Rio de Janeiro. De manhã escrevi ao Azevedo Castro longa carta contando todos os factos occorridos e que tantos desgostos politicos me tem ultimamente dado.

(1) D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, neto de D. Pedro II.



Na estação tive com o Imperador uma conversa que me desanimou. «A falla do Throno está excellente, repetiu elle varias vezes «Comprida demais, observei-lhe: «Não senhor, não tem uma palavra dispensavel. E' preciso reflectir. Tiv. muito praxer em lê-la.» — «Poderia ter adiantado um pouco mais, não ser tão retrograda.» — «Não concordo absolutamente; alli ha muitas medidas apontadas e que são muito progressistas.»

Neste thema e em tom acajorado de quem está se zangando fallou algum tempo. Contrariei-o sempre, respondendo a tudo — «Não gostei, não gostei!

9) Nenhuma alteração da crise. Suppunham todos o João Alfredo derubado do poder, tanto que circulava o dito «Todos são presidentes do conselho, menos elle, O Correia muito cumprimentado e rodeado.

10) O Senado suspendeu a sessão á espera de explicações de qualquer ministro. A possibilidade da dissolução dada ao João Alfredo por marcha muita gente, dando grandes esperanças aos governistas. A situação é muito grave, fomentados os odios dos negros contra os antigos escravagistas e vice-versa. Voltei para Petropolis.

12) Encontrando-me com o Imperador na rua Bragança poz-se-me a fallar no *Schiavo* e disse-me que estaria prompto para fazer montar a peça. «Repare, Senhor, que serão necesarios quarenta contos». — E elle, todo risonho. «Não, com a brécal isso não! não sou tão rico assim!»

13) Grandes festejos anniversarios da lei n.º 3353 da Abolição da escravidão. Deixei-me ficar em Petropolis tendo aconselhado ao principe D. Pedro que comparecesse ás festas. Estava este receioso de grandes disturbios, tendo recebido uma carta anonyma, ameaçando-o de morte, caso descesse á cidade neste dia. Acredito bem que nada ensanguente aquellas festas, embora haja reunidos bastantes elementos para graves conflictos e desordens.

18) Bonito dia de Petropolis, claro, muito fresco, melancolico. Andei de um lado para outro sem saber o que fazer. Fui ter com o Rebouças no hotel. Voltando á casa achei o volume de Pierre Loti — *Japoneries d'autonne* recambiado pelo imperador, a quem eu o emprestára no dia 30 de abril proximo passado. Vem cheio de indicações a lapis e varias notas bem interessantes. O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado pagina por pagina e sujeito a assidua leitura.

20) Desci á Córte, indo ao Senado por causa do discurso de Ouro Preto sobre a questão Loyo. A' noite fui á casa do Innocencio Góes.

24) Escrevi de manhã ao Carlos Gomes e Azevedo Castro, contando a este por miúdo as peripecias da crise e a desagradavel situação em que nos achamos. Escrevi nova carta ao Carlos Gomes.

25) A' noite o Rebouças deu-me a noticia da morte do Caio Prado no Ceará.

26-27) Desci á Córte; continua a crise.

28) Mesmas condições da vespera. Falleceu o Octaviano a cujo enterro fui.

31) Desci á Córte. Grande agitação por causa da reunião do Conselho de Estado e imminencia de dissolução.

A' noite no *Jornal do Commercio* soube pelos Dantas do resultado do Conselho de Estado.



# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



## Aluizio Azevedo

*Fundador da cadeira n. 4. Nasceu na cidade de São Luiz, Estado do Maranhão, a 14 de Abril de 1857 e falleceu em Buenos Ayres a 31 de Janeiro de 1913.*

## Bibliographia

- 1 UMA LAGRIMA DE MULHER — romance original — 242 pgs. Rio, H. Garnier (escripto em 1879) e primeira edição em 1880.
- 2 O MULATO, romance 360 paginas, 4.<sup>a</sup> edição — Rio, H. Garnier, primeira edição — Maranhão, Typ. do Paiz 1881.
- 3 MYSTERIO DA TIJUCA ou Girandola de amores, romance (nova edição) 413 pags. — Rio, H. Garnier — 1900 — primeira edição 1883 (publicado em folhetins na Folha Nova).
- 4 MEMORIAS DE UM CONDEMNADO ou Condessa Vesper, romance, 468 pgs. (ediç revista) Rio, H. Garnier — 1902 — primeira edição 1882 (publicado em folhetins na Gazetinha).
- 5 FLOR DE LIZ — opereta 3 actos, 125 pgs. — Domingos de Magalhães, Editor. (Coll. Arthur Azevedo) 1882 (representada no Theatro Sant'Anna).
- 6 O CORUJA, romance, 315 pgs. Rio, B. L. Garnier, 1889.
- 7 O CORTIÇO, romance — 354 pgs. (1.<sup>o</sup> milheiro) Rio, B. L. Garnier, 1890.
- 8 O HOMEM — romance, 292 pgs. (6.<sup>a</sup> edição) Rio, H. Garnier — primeira edição 1887.
- 9 CASA DE PENSÃO — romance, 380 pgs. — nova edição — Rio, H. Garnier — 1.<sup>a</sup> edição 1884 (publicado em folhetins na Folha Nova, 1883).
- 10 A MORTALHA DE ALZIRA — romance — 280 pgs., 1.<sup>a</sup> edição 1893 — Rio, H. Garnier (nova edição) — (publicado em folhetins na «Gazeta de Noticias» com o pseudonymo de Victor Leal.
- 11 DEMONIOS, contos, 264 pags. — S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1893.
- 12 PEGADAS — contos — 197 pags. — Rio, H. Garnier.

13 LIVRO DE UMA SOGRA, romance — 341 pags., Rio, Domingos de Magalhães 1895.

14 O ESQUELETO — (Mysterios da Casa de Bragança) — pseudonymo Victor Leal, 47 pags. — Rio, Typ. «Gazeta Noticias» — 1890.

15 O TOIRO NEGRO — (separata da Revista Americana) pags. 21 a 29.

16 O MULATO — drama em 3 actos — 1884 (representado no Theatro Recreio Dramatico).

17 OS SONHADORES — (Macaquinhos no sótão), comedia em 3 actos — 1887 (representada no Theatro Sant'Anna).

18 PHILOMENA BORGES, romance — Rio, Typ. «Gazeta de Noticias», publicado antes em folhetins na «Gazeta de Noticias».

19 PHILOMENA BORGES, comedia em 1 acto — 1884 (representada no Theatro Principe Imperial).

20 CASA DE ORATES — comedia em 3 actos (collab. Arthur Azevedo) representada no Theatro Sant'Anna em 1882.

21 FRITZMACK, revista do anno (coll. Arthur Azevedo) — 1888 representada no Th. Variedades Dramaticas.

22 A REPUBLICA — revista do anno (coll. Arthur Azevedo) 1890 (rep. no Th. Variedades Dramaticas).

23 VENENOS QUE CURAM, comedia 4 actos (coll. E. Rouède) 1885 (representada no Theatro Lucinda).

24 O CABOCLO — drama em 3 actos, (coll. Emilio Rouède) — 1886 (representada no Theatro Lucinda).

25 UM CASO DE ADULTERIO — drama em 3 actos (coll. Emilio Rouède) — 1891 (representado no Theatro Lucinda).

26 EM FLAGRANTE — comedia 1 acto (coll. E. Rouède) 1891 (representada no Theatro Lucinda).

27 OS DOUDOS — comedia em 3 actos, em verso, collaboração de Arthur de Azevedo, (na Revista dos Theatros 1879) (supponho ser *Casa de Orates*).

28 AS MINAS DE SALOMÃO — phantasia em 5 actos.

29 O INFERNO — phantasia em 3 actos (collaboração com Emilio Rouède).

30 A MULHER — drama phantastico em 5 actos.

A «Vida Moderna» refere-se a um romance — «A filha de Sua Excellencia» — que ia ser publicado em fasciculos.

Collaborou na *Comedia Popular*, *Mequetrefe*, *O Pensador*, *Pacotilha*, *Revista Americana*: — O toiro negro — *O Album*, *Gazeta Litteraria*: Licção de mestre, ns. 20 e 21 do anno I — *Gazetinha*, *Folha Nova*, *Gazeta de Noticias*, *Semana* e muitos outros. No «Almanack Garniers» (1904) foi publicado um fragmento do livro sobre o Japão: Japonezas e norteamericanas.

Encontram-se reproduções do seu retrato em *Pélagas*, *Littérature brésilienne* de Victor Orban, *Littérature brasileira* de V. Magalhães.



## Fontes para o estudo critico

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pg. 132.
- 2 *José Veríssimo* — Estudos de litteratura brasileira — vol. I, pag. 27 e volume V, pagina 200.  
Estudos brasileiros, vol. II, pag. 1.  
Historia da Litteratura brasileira, pag. 354.
- 3 *Clovis Bevilacqua* — Epocas e individualidades, pag. 149.
- 4 *Valentim Magalhães* — Escriutores e escriptos, pag. 75.
- 5 *Valentim Magalhães* — Litteratura brasileira, pag. 22.  
A Noticia (critica litteraria semanal).
- 6 *Adherbal de Carvalho* — O naturalismo no Brasil.
- 7 *Afranio Peixoto* — Lembrança de Aluizio — n. 12 da Revista da Academia.
- 8 *Julio Barbuda* — Littérature brésilienne, pag. 511.
- 9 *Victor Orban* — Litterature Brésiliénne — pagina 511.
- 10 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 11 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 77.
- 12 *Benedicto Costa* — Le roman au Brésil.
- 13 *Coelho Netto* — Conquista.
- 14 *Alcides Maya* — Elogio na Academia.
- 15 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 16 *Antonio Salles* — Os nossos academicos (Revista Brasileira (3.a phase), vol. IX, pag. 342).
- 17 *Garcia Merou* — El Brasil intelectual, pag. 429.
- 18 *Oliveira Lima* — Gazeta, S. Paulo — Outubro 1919.
- 19 *Carlos D. Fernandes* — Jornal do Commercio do Rio (8-10-919).
- 20 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira — pagina 317.
- 21 *Escragnolle Doria* — Jornal do Commercio do Rio — 17-10-919.

## Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Na falta de uma biographia do notavel romancista brasileiro, andei respigando factos e datas, com o fim de apresentar uma ligeira referencia ao homem, apanhando elementos caracteristicos das varias phases de sua vida afanosa e cheia de abrochos, pesquizando a sua predisposição artistica e encarando o meio em que se operou a formação e o desenvolvimento do seu espirito.

Nasceu Aluizio de Azevedo, filho de David Gonçalves de Azevedo, na cidade de S. Luiz do Maranhão, a 14 de Abril de 1857.

Seu pae era consul portuguez na provincia que já recebera a denominação de Athenas Brasileira, e tinha mais dous filhos: Arthur mais idoso, e Americo.



Nada logrei sobre a infancia e educação do autor d'«O Mulato»; sei apenas que luctou dedicando-se á carreira commercial onde conseguiu ser guarda-livros, tirando depois proventos da profissão do magisterio e chegando a ser, em momento critico da vida, gerente de hotel.

Desabrochou-lhe precoce a habilidade para o desenho, pretendendo o adolescente aos 14 annos, dirigir-se a Roma, com o intuito de estudar pintura; mas não conseguiu o consentimento paterno.

Aos 16 annos surgiu-lhe a vocação para a carreira litteraria e começou a collaborar em varios jornaes, produzindo versos e prosa compatíveis com a idade. Foi então que iniciou a sua labuta de professor particular, leccionando elementos da lingua portugueza e desenho no collegio Feillon, em São Luiz.

Cedo deixou a provincia natal, em 1875, com rumo á côrte, trazendo as algibeiras vazias e o cerebro cheio de talento. Matriculou-se na Academia de Bellas Artes onde cursou um anno de aula de modelo vivo e aperfeiçoou o estudo de desenho, fazendo-se caricaturista. Essa habilidade lhe serviu para illustrar a «Comedia popular», «O Figaro», o «Mequetrefe», „A vida fluminense”, o «Zig-zag», o seu romance «O esqueleto» (Mysterios da Casa de Bragança) e para compôr effigies dos personagens dos seus livros, á maneira de Eugenio Sue, no momento em que preparava o desenvolvimento da acção.

Tambem pintou, com um companheiro, o panno de bocca do theatro Gymnasio e parte do scenario da *Petite maribe*, representada no theatro Alcazar.

No seu ultimo anno de permanencia na côrte (1877) tentou novamente estudar pintura na Italia requerendo uma pensão á assembléa maranhense que lh'a recusou.

Perdendo o pae, regressou ao Maranhão no anno seguinte e ahí permaneceu até fins de 1881.

Reencetou a vida litteraria, escrevendo contos, poesias e chronicas em varios jornaes.

O seu livro de estreia foi o romance «Uma lagrima de mulher» (1880) escripto um anno antes, nos moldes das novellas de Lamartine e de «Paulo e Virgínia», não despertando interesse no meio litterario, por ser de concepção fraca, adstricto aos sedichos modelos romanticos e tendo como scenario as ilhas de Lipari.

Antes escrevera uma comedia em verso, em 3 actos, de collaboração com o seu irmão Arthur. Encontra-se na «Revista dos theatros», periodico dedicado á litteratura e arte dramaticas de Arthur Azevedo e A. Lopes Cardozo (n.º 1, Julho de 1879), um fragmento do 1.º acto dessa comedia «Os doudos».

Supponho, a julgar pela semelhança dos titulos e pelas indicações das obras do auctor, tratar-se da mesma comedia «Casa de Orates», representada em 1882 no theatro Sant'Anna.

Só conheço o fragmento acima alludido e a opereta «Flôr de Liza». As outras peças theatraes permanecem ineditas, segundo creio, constando as respectivas datas em que foram escriptas, na parte da bibliographia.

Vê-se que o romancista occupou-se de litteratura theatral desde 1879 até 1881.



Para combater os padres do Convento de Santo Antonio que redigiam o jornal catholico «A Civilisação», celebre pela campanha sustentada sobre assumptos diversos, mantendo polemicas de toda sorte, alliou-se o joven escriptor ao dr. Eduardo Ribeiro, fundando um jornal hebdomadario «O Pensador», assignalado nos annaes da imprensa, devido ao processo sensacional que lhe instaurou o padre José Baptista, apresentando-se Aluizio como responsavel pelo artigo acimado de injurioso.

Trilhando a senda do journalismo, fez-se redactor chefe da «Pacotilhas» e ahi desenvolveu assombrosa actividade, dedicando-se a todos os generos litterarios, do artigo de fundo á chronica, do romance á poesia, do folhetim á comedia.

Trabalhava com Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros, adquirindo nesse convivio farta messe de cultura litteraria e tinturas de conhecimentos scientificos e philosophicos.

Diz o snr. Adherbal de Carvalho de quem extraiu alguns informes biographicos do autor do «Cortiço», que até essa época a cultura litteraria de Aluizio limitava-se a Chateaubriand, Alphonse Karr, Pomson du Terrail e alguns poetas francezes: a Alexandre Herculano, C. Castello Branco, Julio Diniz, Garret, Castillo, etc. e aos autores brasileiros.

Mais tarde os que mais influiram sobre elle foram Zola e os naturalistas francezes: Eça de Queiroz e os russos.

Em 1881 appareceu «O Mulato», causando verdadeira sensação de sul a norte, recebido encomiasticamente pela critica, excepto no Maranhão onde mais uma vez se confirmou o proverbio francez.

Os applausos foram unanimes na imprensa da côrte e das provincias, sendo o romance louvado por Araripe Junior, Joaquim Serra, Urbano Duarte, Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu, Raul Pompeia e muitos outros escriptores; e em São Luiz, a despeito das censuras da imprensa, havendo quem aconselhasse o autor a trocar a penna pela enxada, venderam dous mil exemplares do romance em poucos dias.

«O Mulato» desbravou o caminho para a marcha triumphante do naturalismo segundo os processos de Balzac, Zola e Flaubert, assignalando um periodo de transição e desempenhando funcção analogo ao «Uruguay» de Bazilio da Gama, «Suspiros poeticos» de Gonçalves de Magalhães, aos romances de Teixeira de Souza, á obra de José de Alencar e ás primeiras manifestações dos parcasianos reaccionarios. E' o principal merito do livro accentuar uma phase evolutiva da nossa litteratura, operando verdadeira revolução, alvorada de emancipação do espirito brasileiro.

Não se coaduna com o caracter destes ligeiros escorços o resumo dos entretchos e a apreciação detalhada das obras. Define-se aqui o acervo litterario de cada autor a traços fugitivos, pinceladas de scenographia. Basta que se diga que «O Mulato» é um livro eminentemente nacional, que analisa com fidelidade a vida da provincia, desenha com destaque admiravel os caracteres dos personagens, revolta-se contra o preconceito da côrte e esboça ideias dignas de meditação.



A parte descriptiva é sobria e bem desenhada e a acção se desenvolve de accôrdo com methodo e propriedade.

A segunda edição foi escoimada de defeitos de estylo.

Após o grande successo causado pelo romance, ponde o autor regressar ao Rio de Janeiro, para se dedicar exclusivamente á litteratura, escrevendo outros romances, comedias, dramas e collaborando em diversos jornaes.

Os romances immediatos foram: «Memorias de um condemnado», «Mysterio da Tijuca» e «Philomena Borges», publicados antes em folhetins da *Gazetinha*, *Folha Nova*, e *Gazeta de Notícias*, escriptos á la hâte, no afan de acudir aos appellos dos redactores principaes e de prover as exigencias da vida prosaica.

Mas esses proprios romances, destituídos de valor compativel com os meritos do autor, representam algum interesse, pois são escriptos com certa arte, propriedade de composição e enredo attraente.

Segue-se-lhes «A casa de pensão», o melhor livro de Aluizio Azevedo.

Aproveitando-se de um factio sensacional, occorrido entre dous estudantes da Escola Polytechnica do Rio, o romancista estuda a vida nessas habitações collectivas em que uma familia, geralmente uma viuva, admite na propria casa, como hospedes, estudantes, funcionarios publicos e empregados do commercio, com o intuito de conseguir rendimentos indispensaveis á sua manutenção.

Palpita nas paginas desse livro a verdade flagrante, a justa observação da vida intensa, dos typos de castas distinctas, dos costumes, de tudo. E desperta-nos exoção artistica a leitura das paginas vibrantes, em progressivo interesse por parte do leitor. Harmonizam-se o methodo de observação com as bellezas do estylo, constituindo a verdadeira arte.

Confirmou-se a sua reputação de escriptor, sendo consagrado Aluizio como o melhor romancista da geração, exceptuando-se Machado de Assis entre os intellectuaes.

Apareceu, em 1877, tres annos depois «O homem que se resente da preocupação do estudo scientifico, pagando o autor o seu tributo a physiologia e por isso mesmo, produzindo uma obra de artificio. E' a obsessão da escola a que não escaparam Zola, Goncourt, Daudet e Bourget.

Ha passagens do livro que mais se approximam de uma monographia scientifica, de um caso clinico exposto por um psychiatra, do que um trabalho de ficção.

Já não acontece o mesmo a «O Coruja» onde a psychologia dos personagens é feita sem a preocupação dos diagnosticos clinicos. Os typos de Theobaldo e principalmente do Coruja, são bem estudados e compostos com habilidade e proporção.

«O Cortiço» que podia rivalisar, e na realidade não fica em plano inferior á «Casa de Pensão», apresenta o excesso de scenas cru'as, do realismo mal comprehendido: porquanto pode-se realisar a observação e escrever romance naturalista, sem abordar os themas abjectos e explorar os quadros de alcoice ou lupanar. O autor poderia nos apresentar a galeria de typos da colmeia humana, da *Ihu*, como dizem os portuguezes, sem descortinar as scenas indecorosas. Tirante essa feição, o livro é magistral.



Do mesmo anno (1890) é o «Esqueleto», com a sub epigrapha — *Mysterios da Casa de Bragança*. — Foi um mero capricho de Aluizio que recorreu a seu pseudonymo — Victor Leal — para ter liberdade de escrever o que lhe approuvesse nos folhetins da «Gazeta de Noticias».

Em 1893 apparecem «A mortalha de Alzira» e «Demonios». O romance é uma divagação do auctor que procura distrahir os seus leitores, remontando-os aos tempos idos. Não é uma obra de fãncaria, o que se não coaduna com o merito do escriptor; mas é, na phrase do romancista, «um filho que não reconheceu logo... Nasceu fóra do seu casa».

Em «Demonios» ha contos apreciaveis, principalmente *O macaco azul*, impregnado de *humour* e ironia.

O «Livro de uma sogra», 1895, representa um feitto novo. O romancista pretende estudar uma these segundo a qual, para perdurar a felicidade no casamento, é necessario a separação dos conjuges em determinadas situações, afim de se evitar o enfado, o tedio, a repugnancia do marido pela mulher. E para chegar a semelhante conclusão apresenta-nos um caso de uma senhora infeliz no casamento, a qual, procurando salvaguardar a felicidade da filha, impõe ao genro o sacrificio de se submitter ao seu systema.

A these é falsa e tem a sua refutação na maioria dos casaes felizes que celebram as bódas de prata ou de ouro. Pecca pelo vezo que tem muita gente de generalisar casos particulares.

Valentim Magalhães, ao apparecer o livro, consagrou-lhe uma critica injusta, censurando o autor de haver plagiado a *Sonata de Kreutzer* de Tolstoi. Essa perversidade desgostou profundamente a Aluizio que, certamente não foi por esse motivo, deixou de escrever.

Jose Verissimo, embora tambem profligasse a these, já de si abalada, fez uma apreciação justa, como quasi sempre lhe acontecia no exercicio meritorio da critica.

Mas pondo de lado o conceito do thema, deve-se exaltar o estylo do escriptor e destacar paginas de mestre.

«Pegadas» constituem a reedição dos «Demonios» com suppressões e accrecimentos.

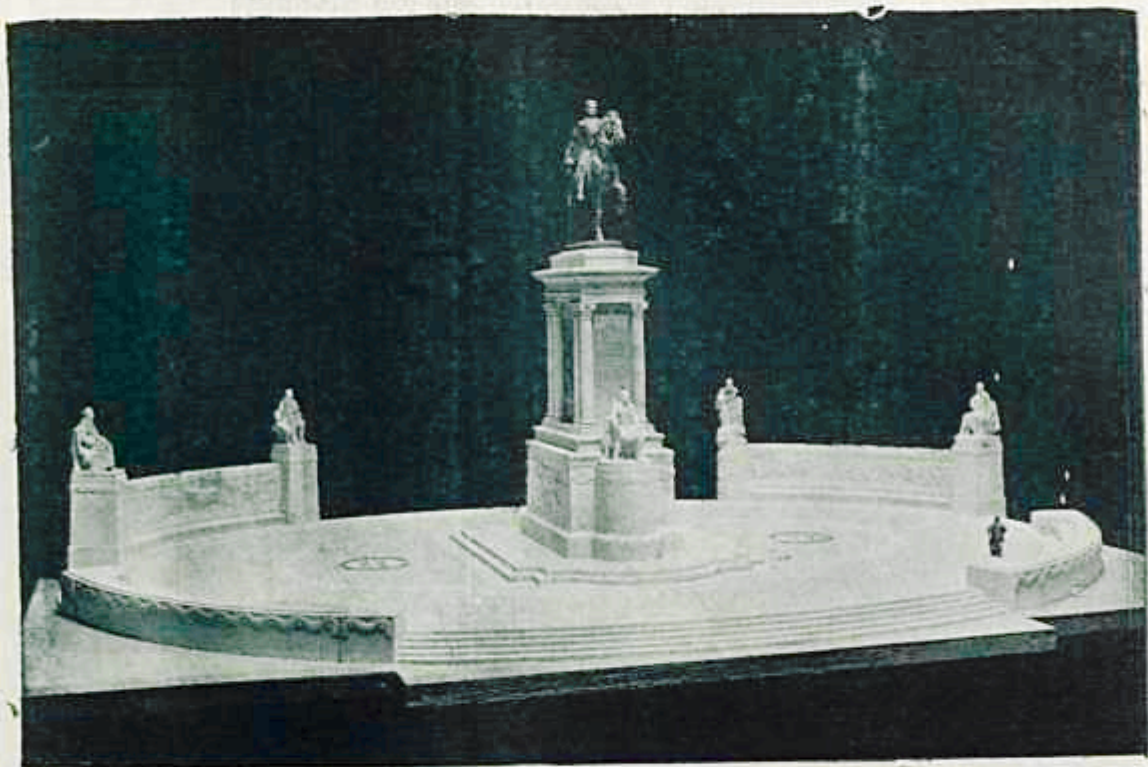
Enfastiado do meio litterario, subito tomou a resolução de fazer um curso para seguir a carreira consular. Preparou-se em direito internacional, com as explicações que lhe deu Graça Aranha, e facil tornou-se-lhe realizar a sua aspiração. Foi nomeado consul brasileiro em Vigo e successivamente removido para o Japão. Cardiff, Napoles e Buenos Ayres, onde falleceu a 31 de Janeiro de 1913.

Depois que se ausentou do Brasil só li um novo trabalho seu — *O toiro negro* — escripto na Hespanha e publicado na *Revista Americana*. No entanto profalava-se que elle havia preparado um livro contendo as suas impressões da patria de Cervantes, um estudo completo sobre o Japão e concluido um novo romance que definiria a sua ultima orientação.

Graças ao dr. Afranio Peixoto que com elle conversou em Napoles, 13 annos talvez depois de deixar o Brasil, tivemos noticias delle.

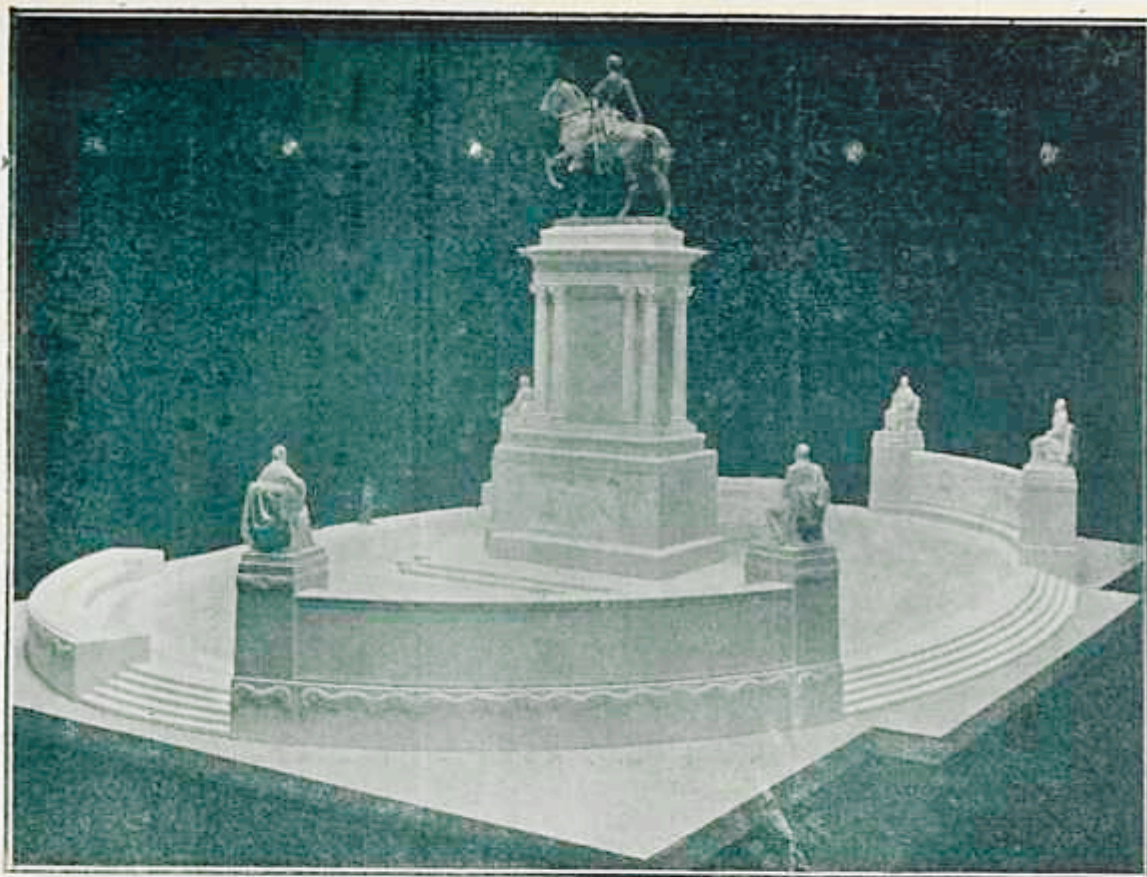
Nas confidencias que fez ao autor de «Maria Bonita», soubemos que não





**Maqueta do monumento da Independencia**

Projecto de Charles Keck — Vista de frente.



Maqueta do monumento da Independencia

Projecto de Charles Keck — Vista posterior.

gostava de «O homem» e apreciava «O Mulato», «Casa de pensões», «O cortiço» e «Corujas».

Aliás já era conhecido o seu plano de artista, concebendo, a exemplo dos *Rougon Macquart* e da *Comédie humaine*, a série «Brasileiros antigos e modernos», constituída de cinco romances nos moldes da «Casa de pensões: *O Cortiço*, *A família brasileira*, *O Felizardo*, *A Loureira*, e *Bola Preta*.

Esse plano foi inserto em «*A Semana*» de Valentim Magalhães e reproduzido no bello elogio que lhe teceu o sr. Alcides Mayra.

Revelou tambem ao dr. Afranio que nunca fôra um bohemio, como o pintor Coelho Netto na *Conquista*. Ao contrario, sempre se manifestara «um burguez ordeiro pacato, que escrevera por necessidade e com um objectivo e que na primeira occasião se introduziu no *pecus* do funcionalismo utilitario».

Creio que Coelho Netto teve razão, si não foi visceralmente um bohemio assumiu a attitudo de um *dilettante*.

Transmittiu-lhe as impressões sobre o Japão e revelou-lhe que, com effeito, havia escripto um livro palpitante sobre o paiz asiatico, cuja civilisação distincta da nossa, lhe feriu as retinas de observador perspicaz e arguto. Mas desejava preparar um volume artistico quanto á qualidade do papel, á natureza das gravuras, ao formato e ao aspecto geral.

Destinava para isso mais de uma dezena de contos de réis que representavam a restituição legitima dos seus direitos autoraes, levada a effeito pelo seu editor.

Esperava o dinheiro para imprimir o livro no Japão, quando recebeu uma carta do seu advogado, communicando haver deliberado de *motu proprio* adquirir para Aluizio uma propriedade em Copacabana.

Depois resolveu não imprimir mais o livro, porque o Japão fôra explorado por outros escriptores e devassado ao mundo pela guerra russo-japoneza. (1)

Narrou ainda os seus amores com a Satô, «uma creatura formosa, quasi occidental na sua meada face morena, mas com a graça tenue e subtil, de recato e simplicidade, das *musumês* já lendarias».

E o autor da «Esphinges» luctou em vão para o demover da resolução que tomára de abandonar de vez a litteratura, conseguindo por muita insistencia desccbrir no intimo do artista o plano acariciado de compôr um novo romance «Seria um conflicto religioso, entre povo simples e rude do interior do Brasil, um desses muitos Antonios Conselheiros que se apossam da alma das multidões sertarejas. Mas seria em grande, pensado e trabalhado, na idéa geral e no meio em que a acção se devia desenvolver.»

Mais tarde em 1911, ao passar pelo Rio de Janeiro com destino a Buenos Ayres, confessou que muita cousa estava prompta e outro tanto em esboço. Era o seu ultimo romance «O Messias».

E finou-se o artista antes de concluir o seu canto de cygne.

(1) O *Almanack Gariner de 1904* publica um fragmento: — *Japonezas e norte-americanas*.

A Academia que conseguiu trasladar os seus restos mortaes para a Patria amada, incumbe editar as suas obras manuscriptas: as peças theatraes, os livros sobre o Japão e a Hespanha e o romance inacabado.

### Summario para um estudo completo

A precocidade do artista — Instabilidade do seu destino — Primeiras manifestações litterarias — O successo de «O Mulato» — Os seus romances de de genero primitivo — A serie «Brasileiros antigos e modernos» — O folhetinista incorrigivel — Os contos — O livro de uma sogra — Longe da Patria — O homem e o artista — A cultura de seu espirito — Thesouro a descobrir — No tribunal da critica.



### Alcides Maya

*Successor de Aluizio de Azevedo na cadeira n. 4. Nasceu na cidade de S. Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a 15 de Outubro de 1878.*

### Bibliographia

- 1 PELO FUTURO — 113 pags. — Porto Alegre, Typ. Franco e Irmão — 1897.
- 2 O RIO GRANDE INDEPENDENTE — 119 pgs., Porto Alegre — Typ. Agencia Litteraria — 1898.
- 3 RUINAS VIVAS, romance gaúcho — 235 pgs. — Porto, Livraria Chardron — 1910.
- 4 TAPERA, contos, 153 pgs., Rio, Livraria Garnier Irmãos — 1911.
- 5 MACHADO DE ASSIS, algumas notas sobre o humour — 161-VIII pgs., Rio, Casa Editora Jacintho Silva — 1912.

6 CHRONICAS E ENSAIOS — 280 pag. — Porto Alegre, Barcellos Bertaso e Cia. — 1918.

7 ATRAVEZ DA IMPRENSA.

8 O GAUCHO NA LEGENDA E NA HISTORIA.

Aos 18 annos de idade assumiu a direcção d'«A Republica», orgão da dissidencia republicana do Rio Grande; e depois do «Jornal da Manhã». Collaborou por muito tempo no «Correio da Manhã», no «Jornal do Commercio» e em «O Paiz», no tempo de Eduardo Salamonde. Encontram-se reproducções do seu retrato em «Chronicas e ensaios» e «Littérature brésilienne» de Victor Orban.

Fez varias conferencias literarias, encontrando-se a que pronunciou na S. de Cultura Artistica de S. Paulo (D. Juan) no 2.º volume das «Conferencias» editadas pela referida Sociedade.

### Fontes para o estudo critico

- 1 *Coelho Netto* — Carta na «Tapera».
- 2 *José Verissimo* — Revista Americana — anno III, n. 5-6, pag. 500 e artigo no «Imparcial» sobre o livro «Machado de Assis».
- 3 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 468.
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 *Carlos Maximiliano* — Prefacio de «Pelo Futuro».
- 6 *Apolinario Porto Alegre* — Prefacio de «O Rio Grande independente».
- 7 *João Ribeiro* — Tapera (appenso ao vol. «Chronicas e ensaios»).
- 8 *Osorio Duque Estrada* — Idem, idem, idem.
- 9 *João do Norte* — Ruinas vivas (idem, idem.)
- 10 *Sylvio Romero* — Artigo a proposito de «Atravez da imprensa», bem como a resposta ao livro sobre Machado de Assis.
- 11 *João do Rio* — Artigo na «Gazeta de Noticias» sobre o livro «Machado de Assis».
- 12 *João Luso* — Tres artigos nas «Domingaes» do «Jornal do Comercio», sobre «Ruina vivas», «Tapera» e «Machado de Assis».
- 13 *Jan Max y Pi* — na revista «Nosotros», ensaio traduzido por Manuel Gahisto e Phileas Lebesgue para a revista «Les Nouvelles Rubriques», os quaes tambem traduziram a «Tapera» para o francez.
- 14 *Emílio Kemp* — Artigo sobre «Chronicas e ensaios» no «Correio do Povo» de Porto Alegre.
- 15 *João Pinto da Silva* — Vultos no meu caminho.
- 16 *Gilberto Amado* — Chave de Salomão.

### Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

A 15 de Outubro de 1878 nasceu Alcides Maya, na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

Ignoro inteiramente a sua biographia e só tenho ensejo de me relacionar com o illustre escriptor gau'cho, aos 19 annos de idade, quando publicou o seu livro de estreia «Pelo Futuro», prefaciado pelo sr. Carlos Maximiliano.

Esse opusculo de ensaios é um attestado eloquente do talento e da capacidade de estudo do autor, verdadeiro caso de precocidade litteraria. Os seus primeiros passos no tablado das lettras, talvez ainda durante a phase em que estudava na Faculdade de Direito de S. Paulo, reflectem os resultados da leitura intensiva, quando amanhecia sobre os livros, preso, atraído, fascinado pela sciencia, philosophia e criticas. Foi tão activo o seu trabalho intellectual, que lhe sobreveio a consequencia do *sarmentage*: uma enfermidade do systema nervoso, naturalmente.

A despeito do desequilibrio, insistiu em cumprir o programma que se impoz, devorando volumes de Spencer, meditando os conceitos de Letourneau e passando em revistas as varias modalidades da critica, desde La Harpe a Taine, de Sainte Beuve até Hennequin, sem olvidar o dever de pesquisar o nosso passado e examinar as theorias expostas pelos criticos nacionaes.

Abordou varios programmas interessantes no seu livro de estreia, apontando a vereda a ser trilhada pela mocidade; apreciou com entusiasmo as tentativas dos que desbravam o nosso passado e isolam da trama dos factos um fio tenue de tradição; applaudiu os esforços de se coordenar o nosso *folklore* e procurou estudar as leis do movimento philosophico entre nós.

Lendo um trabalho de Adolpho Caminha, em que o escriptor cearense tentou demonstrar, unicamente pela influencia do clima, a superioridade intellectual dos brasileiros do norte sobre os do sul, insurgiu-se contra o exclusivismo da theoria climaterica e fez uma digressão sobre o thema, invocando o methodo comparativo para derrocar a these da acção mesologica e explicou o phenomeno observado atravez de outro prisma. Assiste-lhe razão em tal contradicta, pois não se pode explicar um phenomeno social, sempre revestido de complexidade, por uma causa unica ou por alguma theoria isolada.

E, variando de assumpto, abordou o problema do socialismo, voltou a attenção para o movimento litterario do Rio Grande do Sul, desde Porto Alegre até o autor do «Crioulo do pastoreio», apreciou um caso teratologico ou antes de mimetismo poetico e discorreu sobre as funções da imprensa e da arte perante a civilização.

Não é este o lugar opportuno para analysar os conceitos emitidos pelo critico e combater as conclusões do doutrinador. Basta accentuar que o livro é de um jovem cujas ideias evoluíram, cujo senso critico muito se desenvolveu para conseguir a feição revelada no ensaio sobre «Machado de Assis».

Ao opusculo promissor de surto mais amplo, succedeu a dissertação contra as tendencias separatistas, apregoadas por um grupo de paulistas e de rio-grandenses.



É um pamphlete patriótico «O Rio Grande independentes» onde o auctor se insurge contra o vesgo e myope civismo dos que restringem a concepção de patria ao ambito acanhado em que viram a luz meridiana, substituindo a ideia elevada e dignificante de patria pela acanhada noção de bairrismo.

Essa scissiparidade sociologica, fazendo surgir as pequenas patrias das grandes, por um phenomeno de endogenese dos nucleos gemmiparos, encontra adeptos entre os que admittem a differenciação fatal, determinada pelo progresso que faz desenvolver uns orgãos (estados no caso vertente), em detrimento de outros que se atrophiam. Appellam para os exemplos historicos: o imperio de Alexandre, o mundo dos Romanos, as conquistas de Carlos Magno e o immenso dominio de Napoleão, todas essas vastas aggremações politicas que se desmembraram. E podem accrescentar os casos recentes da Austria e da Russia. Mas é preciso observar immediatamente que a causa do desequilibrio e da consequente desagregação não reside na extensão territorial nem na desigualdade de varias provincias ou departamentos do mesmo pair; mas sim na reacção operada contra o espirito de conquista, reunindo, em torno de um centro forte, povos de raças e linguas differentes, vencidos e subjugados aos vencedores. Nesse caso o odio permanece latente, perduram os caracteres ethnicos, as ideias religiosas, os costumes differenciados e, em dado momento, rompe-se o equilibrio mantido por forças ficticias que cessam de actuar ou são excedidas por outras de maior intensidade.

Deve-se encarar o caso da Italia, a unificação do imperio allemão, a união intima e estreita dos Estados Unidos, da China e do Brasil.

Combatendo essas ideias perniciosas, Alcides Maya apresenta varios argumentos hauridos em nossa historia e obtidos pelo methodo de comparação, fazendo um appello aos seus conterraneos e a todos os brasileiros para que afigentem do espirito semelhantes argumentos fallazes que só contribuirão para a nossa ruina e a formação de pequenos paizes de rivalidade bellicosa.

É um trabalho meritorio de patriotismo sadio e de excellente raciocinio.

Depois dos dous livros citados, reuniu o escriptor a sua contribuição jornalistica e pleu a lume o livro «Atravez da imprensa» que não consegui ainda obter, e o folheto «O gau'cho na legenda e na historia», de edição exgotada.

No genero de ficção a sua estreia se verificou com o romance de costumes gau'chos, «Ruinas vivas», em 1910. Não podia ser a estreia destituida de interesse, porque o autor já era sobejamente conhecido, no meio litterario do Rio Grande do Sul, como um moço de talento. Accrescia a circumstancia de se tratar de um romance regional, rememorando façanhas dos nossos destemidos patriotas do sul, filiado ao genero a que Sylvio Romero denominou «o meio naturalismo tradicionalista e campesino».

Mas o livro editado em Portugal teve círculo mais amplo de leitores e veio satisfazer uma curiosidade dos que, pouco viajados, só conheciam o gau'cho de José de Alencar.

Infelizmente o romance não correspondeu á expectativa, por estar inçada de longas descripções enfadonhas, abusando o autor do emprego de termos regionaes e, o que é prior, de vocabulos obsoletos, de neologismos dispensaveis, pois que muitos são enxertos, na lingua vernacula, de elementos extranhos.



A despeito dos defeitos de factura e da descontinuidade de acção que pouco interesse desperta, o romance se impõe como um attestado do talento do autor, de sua prodigiosa e exuberante imaginação.

Certo estou de que o romancista se aperfeiçoará, enriquecendo a nossa literatura com outros romances de mais acurado lavor, melhor concebidos e de maior vigor esthetico e emotivo.

E não é preciso dispôr de qualidades de propheta para se formular semelhante vaticínio. Basta lêr o volume de contos «Taperas, também de scenarios gau'chos», publicado um anno após, em 1911.

«O teu livro é bem nosso, diz-lhe Coelho Netto no prefacio, no assumpto e na linguagem — reçuma seiva e por elle, na abastosa paysagem de campo, o clima, a luz, as vozes, os costumes são nossos. O homem que se nos depara, é o pampeano corajoso e destre, é o filho da natureza moça, barbara...»

E mais adiante acrescenta:

«Escrepto vagarosamente, aos trechos, na campanha, ora á sombra cheirosa da ramada, ou na verde coxilha florida ante a fartura viva dos rebanhos, é novo, é forte como a propria natureza que retrata.»

Venham o «Occaso» e «Nos fogões», romance e livro de contos promettidos, com o mesmo cunho de regionalismo, venham outros mais ornar a nossa literatura tão destituida de adornos e firmar a reputação do romancista dos pampas e dos bravos gau'chos.

Em livros posteriores o autor não se refere mais aos volumes que, em 1911, dizia, se achavam no prelo, e annuncia: «Contos crioulos» (scenas do campo), «Pampas» (impressões e perfis), «Novos e velhos» (critica litteraria), «Discursos e conferencias», «Lendas do sul», «Alma Barbara» (contos gau'chos) e «Vida e obra de Julio de Castilhos». (1)

O livro que, a meu vêr, constitue até hoje a obra prima de Alcides Maya, é o *ensaio sobre o humor* de Machado de Assis.

No primeiro capitulo passa em revista as definições desse estado psychologico do homem, segundo a concepção dos criticos e esthetas que examinaram a sensibilidade de Cervantes e Sterne, de Rabelais e Swift, de Molière e Thackeray de Voltaire e M. de Assis.

Desisto do intuito de resumir esse livro admiravel que nos traça um perfil animado do notavel autor de Braz Cubas. Semelhante desejo me arrastaria a um dedalo de considerações sobre a obra do critico de Machado de Assis,

(1) A' ultima hora tive conhecimento de se acharem no prelo da Livraria Alves, o livro «Prismas de ensaios de esthetica e de philosophia, na Livraria Globo de Porto Alegre, o volume de contos gau'chos «Alma Barbara», e, em preparo, «Lendas do Sul, folk-lore gau'cho (lendas do periodo colonial, impressões das missões dos jesuítas, lendas hispano-portuguezas e particularmente rio-grandenses.



determinando desenvolvimento incompatível com o caracter destes ligeiros esforços.

Foi esse vigoroso ensaio que abriu as portas da Academia ao auctor de «Taperas». Foi em Setembro de 1913 que se procedeu á eleição para preencher a vaga de Aluizio Azevedo. Inscreveram-se, além de Alcides Maya, Alberto Torres, Almachio Diniz e Virgílio Varzea e só em terceiro escrutínio poudé elle conseguir a maioria absoluta, prescripta pelos estatutos da Academia.

Transposto o limiar do Syllogéo, pronunciou o bello elogio sobre o seu antecessor e proferiu algumas conferencias litterarias no Rio e em São Paulo.

Em 1918 appareceram «Chronicas e ensaios», collectanea de artigos escriptos em «O País» e outros jornaes.

São attestados palpitantes do talento do escriptor rio-grandense e da variada cultura do seu luminoso espirito.

De sua vida pratica logrei apenas saber que occupou o logar de bibliothecario do Pedagogium no Rio de Janeiro, sendo ultimamente eleito deputado federal pelo seu estado natal.

A sua vida intellectual se tem exercido principalmente na tribuna e na imprensa politica.

---

### Summario para um estudo completo

O critico e o publicista — Tendencias separatistas — O tradicionalismo no romance — Paysagista — O movimento litterario no Rio Grande do Sul — Sul e Norte — Ensaio sobre o *humour*.

ARTHUR MOTTA





EM REDOR DA ESCOLA PROFISIONAL MASCULINA — *Aprigio Gonzaga* — «Diário Official» — S. Paulo — 1919.

Album onde o professor Aprigio Gonzaga dá noticia completa do que é esse estabelecimento de ensino. A sua leitura e uma consequente visita á escola produzem uma impressão magnifica. A sensação que aquillo dá é de entusiasmo e fé no futuro. Aquelles meninos que batem o ferro, aplenam a madeira, modelam o barro, traçam desenhos ornamentaes — meninos arrancados á vadiagem das ruas — são os obreiros em germen da grande patria futura. Vão elles breve constituir a melhor força propulsora da nossa civilização. Modestos, humildes, escondidos dentro das officinas, é por mãos delles que se plasmará tudo quanto constitue a grandeza material de um paiz. Nosso mal, concordam-no todos, é o absoluto de-sapparelhamento tecnico. Existe a massa immensa dos Gécas em baixo e o bacharelismo por cima. No meio, essa classe operosa de mechanicos, marceneiros, decoradores, electricistas, gravadores, etc., as formigas do progresso industrial faltam-nos por completo. Dahi a necessidade de importal-as. Se em S. Paulo a industria pôde alçar-se ao nivel em que está, deve-o ao tecnico estrangeiro importado. Mas importal-os não é solução completa, e não é uma solução nacional. E' mister fazel-os aqui, educando para isso as nossas creanças.

Gravissimo defeito tem o nosso systema de instrução publica. Ensina a ler aos meninos e lança-os na vida, sem nenhum outro aparelhamento. Isso não basta. E' fazer delles parasitas sociaes, incapazes de uma função ef-

ficiente na vida. Vão ser eleitores, vão utilisar-se do conhecimento do alphabeto para leituras viciosas, ou ficam toda a vida a aspirar miseraveis empregainhos publicos, julgando-se decahidos se voltam as vistas para as profissões manuaes. Parece paradoxal isto: a instrução primaria incompleta, não acompanhada da instrução profissional complementar, produz mais males do que bens tanto ao paiz como ao individuo. Forma um estado mental nas baixas classes correspondente ao bacharelismo nas altas. E' o bacharel de poucas letras e sem anel no dodo, mas tão inutil e nocivo á sociedade como o bacharel de rubim. Entretanto, se ao sahir da escola primaria o menino cursa uma escola profissional, onde adquire um officio, entrará depois para a vida pratica armado em pé de guerra. Assim como é um verdadeiro crime atirar ao combate soldados desprovidos de armas, é tambem um crime lancar na vida creanças desprovidas das armas do ensino tecnico. O conhecimento do alphabeto vale como meio e nunca como um fim. Como vae a coisa, no dia em que se acabar com o analphabetismo no Brasil, o paiz irá á garra: ninguem mais trabalhará.

A Escola Profissional Masculina é modelar. Dá um magnifico ensino tecnico a novecentas creanças, que sem ella viveriam ao léo, sem saber que fazer da instrução bebida na escola publica, predestinados a engrossar a nuvem dos *Jainants* bacharelescos que vegetam á conta e á custa do conhecimento da cartilha: a nuvem dos eleitores, dos biscateiros, dos capangas, dos phosphoros politicos, dos literatos de sargeta, dos cafagestes pernoscicos, dos encostados, dos poetas caspentes, dos incomprehendidos, dos *ra-*

tês, em summa. Saem dalli artistas feitas, mechanicos de mão cheia, electricistas, desenhistas, pintores, marceneiros, ferreiros, fundidores... Admiravel isto!... Ah! se houvesse na cabeça dos nossos dirigentes um grãulo de intelligencia que os fizesse comprehender a vantagem do ensino profissional, escolas como esta não seriam duas ou tres, como hoje, mas centenas, uma centena em cada Estado, duas, tres em cada cidade. Esta, dirigida pelo prof. Aprigio Gonzaga é verdadeiramente modelar e o é porque tem em seu director um apóstolo convencido e um espirito de larga envergadura e alta comprehensão, sempre attento aos detalhes minimos do serviço e aos aspectos psychologicos do ensino. Não faz do cargo burocracia e procura não só melhora-la com a adopção das conquistas feitas na materia entre os povos estrangeiros, mórmente os Estados Unidos, como ainda aperfeioa-la com modificações indicadas pela sua arguta observação pessoal. Bem haja quem assim trabalha com tanta intelligencia e tanto amor.

TEIA DE PENELOPE — José Avelino — Typ. Popular — Uberabinha — 1919.

Pequena collectanea de ensaios e impressões onde o A. conversa calmamente com os seus leitores, expondo suas idéias e sensações sem exaggeros de pensamento nem de forma. Destaca-se dentre esses estudos um sobre os conjurados de Villa Rica, muito interessante como visão retrospectiva daquelle curioso periodo em que o furor do fisco portuguez fomentava nas almas bem formadas o ideal da libertação realiado a 7 de setembro.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Ronald de Carvalho — F. Briguier e Cia. — Rio — 1919.

Até que afinal appareceu uma historia da literatura brasileira que satisfaz plenamente. Poeta de finos quilates, justamente consagrado pelo lou-

vor da Academia de Letras. R. de C., cujas qualidades de prosador já conheciamos em artigos de critica estampados nos jornaes, firma-se neste livro, sob nova feição, com o mesmo brilho. Lel-o é ver confirmado o que diz no prefacio Medeiros e Albuquerque, quando accentua que «Ronald tem esta primeira originalidade entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. Seu estylo é simples, claro e harmonioso. Diz bem o que quer dizer.» E' isso mesmo. A leitura do seu livro torna-se empolgante como a de uma boa obra de ficção. Ainda quando o assumpto é arido, o leitor corre por elle sem cansaço, sem decepções, sem «oh! oh!» provocados por inesperadas descabidas. Possui R. de C. o dom da justa medida e o dom da synthese. Penetra no amago das escolas literarias, mostra as suas origens, sua função na época, sua finalidade, seu papel no corpo geral da literatura. Se estuda individuos, opera com a mesma argucia de logica e de psychologia, dando-nos delles uma impressão que satisfaz *in totum*. Dos que anteriormente estudaram nossa literatura um, Roméro, teve o grave defeito de não ser artista e como critico sacrificar muito á tendencia aggressiva do seu temperamento; outro, Verissimo, foi um espirito pesado e um tanto incomprehensível. Roméro irrita muitas vezes e Verissimo é de difficil ingestão. Ronald vem com sua obra, não desbancal-os — que cada um exerceu um determinado papel — mas formar ao lado como o representante da justa medida, do equilibrio, da finura e da comprehensão. Podemos, portanto, dizer, hoje, que a historia da literatura brasileira foi escripta finalmente — e superiormente escripta.

CANAES E LAGOAS — Octavio Brandão — Leite Ribeiro e Maurillo — Rio — 1919.

Livro que desnortheia. O A. escreveu-o aos vinte annos, e nesta idade, creança ainda, revelou-se um scientista especializado em historia natural. Mas, como o seu temperamento não é o



do cientista ao modo classico — frio, impassível, ponderado sempre — recente-se o cientista da influencia do poeta exaltado que Octavio Brandão na essencia é. Dahi a difficuldade de julgar esta obra, tão fóra dos moldes, tão sem equilibrio, tão irregular. O A. por ella toda está sempre sob alta pressão, excitado, o que dá ao livro um tom geral extranho e imprevisivo. A voz do geologo descrevendo o nascimento de uma ilha ou de uma lagôa cede bruscamente á voz do poeta allucinado pela belleza mysteriosa das coisas, ou á voz do sociologo revoltado contra as nossas mazellas. Ha lances do livro em que A. paira no mais altos cimos, mas ha tambem descabidas formidaveis. Dá elle a impressão de um terreno revolto por cataclisma recente, onde se rasgam abysmos ao meio de planuras mansas e onde fumegam fendas vulcanicas ao lado de flores agrestes recém-desabrochadas. Auto didacta, estudou consigo mesmo, no mais acanhado dos meios sociaes e deslumbrou-se. A revelação da sciencia folhe forte demais. Disse Nabuco: «A mocidade é a surpresa da vida». Em Octavio Brandão, os seus vinte annos, á surpresa da vida juntaram a surpresa da sciencia. E elle delirou, arrastado pela violencia desses dois sentimentos, que sua alma de artista-poeta, em perenne erupção, leva ao extremo. A obra que empreheuda e que expõe num appendice ao livro, é gigantesca. Caso a conclúa com o preciso criterio na parte scientifica e a necessaria medida na parte esthetica, será de facto uma coisa grandiosa.

O livro ora publicado surge como uma primeira pedra do edificio e, apesar de todos os defeitos, — decorrentes de excesso de qualidades—é uma obra digna de nota, merecedora de estudo, porque altamente suggestiva. A primeira suggestão dos «Canaes e Lagôas» é de que estamos em face de qualquer coisa racial, qualquer coisa que excede aos ambitos do individuo e na qual cahoticamente, barbaramente, as dôres da raça e os anseios vagos da terra procuram exprimir-se. «Minha alma é um *bombyx*, diz elle: passa por uma longa metamorphose: com os primeiros

filas de chuva, depõe os ovos — sonhos, visões, pensamentos, fogos factos do Espirito, lamparinas da Idéa, luzes bruxoleantes na capella-mór da Phantasia. E estes ovos espirituaes, pelo decorrer da invernia vão se transformando em larvas, depois em nymphas indecisas, até que um dia, o primeiro dia estival, o primeiro dia de calor, ficam em estado perfeito, em borboletas, em *bombices* que saem voando pelo Azul do Pensamento, em doces, em deliciosas romagens divinas. Mas é um *bombyx* especial: não segrega a sêda irreal — idéas — quando passa do estado de larva ao de nympha. Só o far quando a transfiguração é completa; então, minh'alma inquieta vai tecendo com seu fio de ouro ideal, a cellula ovoide, o casulo magnifico. E' exacto que as vezes o parasita *muscardina* — tristezas, desillusões, desfallecimentos — a invade como uma praga maldicta, mas voltam logo as esperanças, os enthusiasmos. Durante os dias de calor, enquanto o infinito fulgura em tons de vitriolo azul, as idéas bailam, vivem voando em redor do meu cerebro como andorinhas em torno de um campanario. Meu craneo, tu és um campanario...

..... Gosto de me estender ao sôl como uma *colaber natrix* que adora o calor; mas quando me agito, minh'alma parece uma *cobra dimantina*, fulgurando ao sôl como um firmamento cheio de pedrarias astraes que são os meus sonhos, os meus castellos. Durante o inverno minh'alma dorme, entorpecida, como uma velha vibora, uma ran d'agua ou um crotalo, mas durante o verão ella se abre em florações extranhas de sonhos, de chimeras, de idéas. Por isso é que muitas vezes eu digo:

— Minh'alma, tú não és alma; és uma velha cobra cascavel!

Ora, isto é forte. E sobretudo é novo no meio da nossa litteratura bysantina, pastichenta e sem nervo. Innumeradas paginas ha no livro, assim cheias de uma belleza extranha, de um fulgor inédito, que ás vezes deslumbra. Escoimasse o elle das descabidas e este livro seria um dos mais



fortes e bellos da nossa literatura. Muito teriamos ainda que dizer a respeito, mas a estreiteza desta secção não o permite. Concluiremos a noticia resumindo a nossa opinião sincera: apesar de todos os defeitos em materia de pensamento e estylo — falhas inevitaveis numa creança de vinte annos — «Canaes e Lagôas» é uma verdadeira revelação como coisa nova, como meteoro de estranho fulgor que rompeu no céu das nossas letras. Seu A. está ainda em periodo cosmico, em formação. Quando *assentar*, quando *crystallisar-se* na fórma definitiva, escoimando o seu estylo dos defeitos que o afeiam e apurando as qualidades que o embellezam, Octavio Brandão formará ao lado de Euclides da Cunha como magnifico interprete da alma da raça e da alma da terra, conjugando o sabio com poeta, ambos senhores de largo vôo.

APONTAMENTOS de CHIMICA GERAL, por Leonel França. — Livraria Drummond, Rio de Janeiro.

Livro bem feito e sympathico; verdadeiros apontamentos, nome foi lhe bem dado. Diz no prefacio: «Meu fim não era inicial-os (aos alumnos) nos segredos dos laboratorios. Mais adiante: «Nestes apontamentos, portanto, encontrarão os estudantes as prelecções do mestre, sem perderem tempo com a organização de notas e postillas quasi sempre incompletas ou inexatas.» Estes topicos apresentam o livro, que é claro, conciso e resumido o quanto um livro de chimica pôde sér. Presta-se para *colla* como quasi todos os «organizados de accôrdo com os programmas officiaes», presta-se melhor para os alumnos decorarem definições para conquistarem nos exames estrondosas distincções, sem terem comprehendido o que pagueiraram.

Estudar chimica sem laboratorio é o mesmo que estudar bacteriologia sem microscopio. Poupar ao alumno o trabalho de tomar notas é incital-os a decorar meia duzia de pontos nas vespéras dos exames.

Na chimica, como em todas as sci-

encias positivas, a habilidade e o recurso de occasião nada valem, e, essa é a razão de ser uma das sciencias mais ignoradas neste pair onde a maioria dos que seguem um curso qualquer só aspiram a ser doutores por *annelamento*. Todos os livros para uso dos preparatorianos e candidatos ás escolas superiores são prejudiciaes, são livros de industria, são auxiliares para *passar* no exame. O professor é o livro e o caderno de notas é o dicionario do principiante, como o livro de consulta é o livro do mestre.

Os «Apontamentos» do professor Leonel França, no genero, são esplendidas; decorando as suas 117 paginas, qualquer menino poderá *formar-se* em chimica em qualquer escola onde vigore o systema de julgar o que o examinando sabe pelo que responde nos exames, dentro dos absurdos programmas officiaes.

FLUCTUANTES — Francisco Gaspar — Casa Vanorden — São Paulo — 1916.

Aqui está um poeta que merecia ser mais conhecido. Autor de tres livros de versos, incluindo o de que se trata, em que elle lamuria as suas dôres ou exalta as suas divas, cantando os seus amores, admira o povo não lhe haja recompensado o esforço, pois que os seus poemas são tão ao sabor e á feição da philosophia popular. Ah! vae a prova:

#### SABES QUEM É?

Vês aquella menina tão galante  
Que tem a cabelleira flava e rica?  
E' tão formosa qual Beatriz de Dante.  
Sabes quem é? Nostica.

Como é gentil! Com que desembaraço  
Ella fala; com que donaire fica...  
E' bella, sim, como Eleonor de Tasso.  
Sabes quem é? Nostica.

Ora numa terra em que Catullo Cearense commove os criticos, porque encarna a alma eminentemente popular, é injusto que o nome de Francisco Gaspar seja esquecido.



PENUMBRA — *Paulo Corrêa Lopes*  
— Off. d'«O Estado de São Paulo»  
— 1919.

O A. deste livrinho de versos deve ser bem moço. Ha uma tal indecisão nos seus pensamentos e uma sensação tão repugnante pela idéa da morte que só se sente na casa dos vinte annos, em que o grande Euclydes da Cunha adivinhava «uma velhice trágica». E a uncia que essa velhice lhe passa á alma é tão forte que elle a extravasa ao papel em lamurias que lembram a teimosia lancinante de Leopardi. Deve ser muito moço e por isso a sua *plaquette* de estrêa — 43 paginas ao todo — serve apenas de índice que entrelux a possibilidade de que o A. venha a ser alguma coisa no meio do exame poetico nacional.

ALMA DOLOROSA — *José de Figueiredo Sobral Junior* — Off. d'«O Estado de S. Paulo» — 1919.

A primeira coisa que nós aconselharíamos a este novel poeta é a encurtar o nome. Isso entra por muito na formação da celebridade. Assim fizeram todos os grandes.

O divino Olavo, como todo o mundo sabe, chamava-se Olavo Brar Martins de Guimarães Bilac, que elle transformou em Olavo Bilac *tout court*. E' mais elegante, mais poetico e menos... fatigante. Demais nisso não andaria mal o A. que, apesar de estreitar auspiciosamente, mostra inda nos seus a forte impressão que lhe causam os versos do Príncipe dos Poetas do Brasil, imitando-lhe a maneira. E' verdade que nesse ponto o A. não está só; ha actualmente, no paiz, a doença da imitação do extraordinario vate que soube inspirar tamanhas adorações. Mas isto passa, «*c'est une mode*» e ficarão na literatura somente aquelles que se affirmam como personalidades inconfundiveis... Certo, fugir á imitação não quer dizer cahir no exotico como neste verso do A.:

«O reflexo do sol, tristonho e purulento...»

Incontestavelmente o A. exaggera. «Reflexo de sol purulento» não lembraria a ninguém.

FOLHAS DE OUTOMNO — *José de Castro Lagreca* — Typ. Piratiníngua — São Paulo — 1919.

Este livro de versos apresenta-se com um prefacio excessivo. Entre outras cousas, diz o prefaciante que «o A. culminará entre a legião que fórma a poetalha nacional».

«Poetalhas lembra «gentalhas» e isso predispõe mal para com o estreante.

Depois o titulo do livro não condiz com o *cliché* do A. que vem no começo. E' um moço espadado e forte, como um symbolo de saúde. Então, porque *Folhas de Outomno*? Os seus versos, porem, denunciam a existencia de um lyrico a mais em nosso paiz, um lyrico cheio de nostalgias pela sua terra natal, um melancolico sem grandes revoltas. O presente trabalho promette. E' verdade que as suas 70 paginas não dão grande margem para ajuizar do que poderá ser o autor. E o mistér de propheta não está nos moldes desta revista. Mas parece-nos que si o A. continuar (conselho inutil e quasi tolo: qual é o poeta, no Brasil, que não continua?) ainda se tornará alguém em nosso microcosmo literario.

PATRIA — *Nuto e Leopoldo Sant'Anna* — Typ. Piratiníngua — São Paulo — 1919.

Não se trata apenas de uma obra de arte. Como se declara no introito, são versos do festejado literato sr. Nuto Sant'Anna, paraphraseados pelo distincto jornalista professor Leopoldo Sant'Anna. E' tambem, assim, uma obra didactica que visa um duplo fim: o ensino da educação civica, pois a maioria das poesias se referem a datas historicas e a grandes vultos da nossa formação nacional, e ao mesmo tempo o ensino da difficil arte de recitar.

Os A. A. conseguiram fazer obra de valor, attingindo plenamente os fins collimados. Cabe ao professorado, agora, em cujo meio o livro cáe como ouro sobre azul, não deixar morrer esteril essa iniciativa e incitar os A. A. a que continuem. Sendo esse ramo tão pobre de obras, é mistér

não perder essas aptidões e fazel-as produzir o maximo, para bem da nossa infancia.

VIDA OBSCURA — *Lucidio de Freitas* — Imprensa Official — Belém do Pará — 1917.

O A. estreou, em 1912, com um volume de versos, de collaboração com Alcides de Freitas, e foi magnificamente recebido, especialmente pela critica da Capital Federal. «Vida Obscura» vem confirmar o valor do joven poeta, apesar do clichê e da indicação do logar e data do nascimento, néo-forma de vaidade muito nacional e escandalosamente *rustacuera*. A philosophia toda do livro inspira-se na moral da velha fabula de Florian, «Le Grillou» e está contida nesta estrophe final da poesia inicial:

«Que a vida, para ser feliz e bôa,  
Precisa ser humilde e obscura quase  
Como esta tarde fria  
Envolta em cinza e gaze;  
Vida sem ambições, sem revoltas, sem gloria,  
Sem desejos febris, sem claridade;  
Vida humilde e obscura;  
Vida vivida apenas na memoria  
De uma grande Saudade  
Que na propria Saudade se enclausura.»

Entre as poesias de que se compõe o volume, ha uma que se destaca como uma verdadeira joia: «Pela Volupia da Tarde». Apesar de muitas repetições de diversas palavras, como *volupia, poente, por-do-sol*, ella tem essa delicadeza emocional que friza um artista.

VESPERAES — *Noraldino Lima* (da Academia Mineira de Letras) — Imprensa Official — Bello Horizonte — 1919.

Não é um novo este. Membro já de um cenaculo regional, ha bem annos que labuta no agro e tormentoso campo da arte, onde representa com brilho a moderna geração mineira. *Vesperaes* mostra-nos que o seu autor attingiu a uma serenidade por que muitos anseiam e mui poucos conse-

guem. O seu verso é limpido, cantante, sonoro, chelo de uma estranha musica que prende, sem arrebiques e sem rebuscamentos. Não tem muito fundo. Mas as profundezas nunca foram o reino dos poetas, que amam os vôos do condor e passam ao de cima e ao de leve das cousas terrenas. Já Raymundo Corrêa gostava de subir para onde «estruge a alleluia das esferas». Demais o proprio ao poeta é o cantar. E elle o diz bem neste terceto:

«Sou feliz e a ventura é inimiga do poeta...  
Guardo, pois, como o cysne, ó musa predilecta,  
O meu canto de amor, para morrer cantando...»

JUCA MULATO — (2a edição) — *Menotti del Picchia* — Typ. Ideal — São Paulo — 1919.

O melhor elogio que se poderá fazer a este bello poema é verificar que já está na segunda edição. De facto, muito mais alto que os louvores incondicionaes de que foi alvo o A. ao publical-o, louvores copiosos tanto na imprensa indigena como na de Portugal, muito mais alto fala esse acontecimento, quasi inedito, de uma obra de um snovo chegar tão depressa á segunda edição, sendo de mais a mais um poema. Para vencer a inercia e a apathia do nosso publico leitor, só mesmo quando a obra vem revestida de taes predicados e de taes qualidades que se impõe victoriosa á consciencia de nossos conterraneos. Depois disso não é preciso dizer mais que *Menotti del Picchia* é um nome feito no paiz.

TERRA CONVALESCENTE — *Mansueto Bernardi* — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1919.

Este é dos poucos felizes que têm a dita de estrear, revelando-se. *Terra convallescente* é o livro de um artista que não ensaiou para vencer, vem feito. Traz tal sainete individual, tal *quid* de quem é personalidade áparte do commum que logo ás pri-



meiras reconhece-se que elle é de alta raça. Antes que tudo, o livro denuncia um pensador e é elle mesmo o fructo de uma tremenda crise psychologica porque passou o A., crise que terminou com a victoria da vida. O natural pendor das almas moças pelo pessimismo foi vencido e o A. conta-nol-o em *Benção*:

«Bem dita sejas tu  
que me ensinaste a ver,  
atravez de outro prisma,  
o lado bom da Vida!

«Bem dita sejas tu  
que em minha alma abatida  
a ansia, de novo, ateaste  
infinda de viver!»

O volume esta dividido em quatro partes: *Umbra*, *Lux*, *Terra convalescente* e *Exaltação* e todas ellas pontilhadas de pequenos diamantes, que são as quadrinhas em que o A. é primoroso. Ouçam *Teu corpo*:

«Supor que teu corpo veio  
do mar, não é idéa louca:  
tens ainda espuma no seio  
e coraes inda na bôca...»

No *Supremo louvor*:

«Mil perigos, como um forte,  
já neste mundo venci.  
Não tenho medo da morte,  
mas tremo diante de ti.»

Ou em *Pulvis*:

«Sem excepção de nenhum,  
todos do pó maldizemos.  
Será porque nele vemos  
a nossa imagem comum?»

E' nos impossivel citar tudo. Mas merecem especial destaque os deliciosos sonetos *Na sombra* e *Silencio verde*, as poesias *A ultima rosa*, o poema *Serra convalescente*, e a poesia final *Exaltação* em que faz a profissão de fé. Sendo, após a crise, descoberto na vida o lado bom, elle comprehende-o pela exaltação, que

é a chama que do poeta se apodera

e que lhe acende e alteia o âmago  
e a voz.

E' o momento apollíneo, a primavera  
a florir e a cantar dentro de nós.

São as trevas da noite, que se vão.  
— Todo o Universo esplende. Nasce  
o dia —

A ventura suprema que seria  
viver numa continua exaltação.»

NIVEIS MENTAES DE CREAÇAS  
PORTUGUEZAS — *Luiza e Antonio Sergio* — Renascença Portuguesa — Porto — 1919.

Os A. A. apresentam neste livrinho uma contribuição para o estabelecimento de uma escala de pontos dos níveis mentaes das creanças portuguezas e tenta assim determinar por nros a capacidade mental dessas creanças. E' um livrinho que mette inveja, especialmente ao nosso Estado, porque mostra a que ponto de desenvolvimento já chegou em Portugal, a Pedagogia e porque revela a competencia de seus cultores e o amor com que se dedicam aos grandes problemas infantis. Os A. A. abrem o livro estudando primeiro o methodo que Binet, o incansavel pedagogico, usou, em França, e após uma critica bem fundada e argumentada, apresentam *testes* seus, explicando-lhes o alcance e o modo de emprego, para que surtam o desejado effeito.

DISCURSOS — *Ossis Soares* — Imprensa Official — Parahyba — 1919.

O dramaturgo da «Barreira» apparece neste livro com uma feição nova.

Habitados já estavamos a admirar o escriptor nortista nos seus dramas, a que soube imprimir um cunho de forte originalidade. Agora, como a mostrar a multiplicidade de seu talento e a lhe fazer refulgir as facetas, ell-o aqui enfeixando num livro discursos que pronunciou na Parahyba e no Recife. São elles, ao todo, quatro: *Vidal de Negreiros*, *Nacionalismo*, *Aristides Lobo* e *Festa Academica*.



Apezar de terem sido pronunciados em sessões solennes, o que os jungia a certas regras e praxes que seria *shocking* quebrar, elles mostram bem nitidamente o valor de quem os disse. O primeiro, sobretudo, estudando a personalidade do heroico insurrecto parahybano, na guerra hollandeza, é uma peça notavel pela sobriedade attica do estylo, pela justeza dos conceitos, pelo acerto das criticas e pela graça que nella toda refulge. Sente-se que é uma glorificação, mas, no culto que vota ao grande conterraneo, o A. não faz simples declamação, faz analyse da bôa, de quem sabe medir e julgar. E' um bello livro, emfim.

POEMAS DO SONHO E DA IRO-  
NIA — Arnaldo Damasceno Vieira  
— Typ. dos Tribunaes — Rio de  
Janeiro — 1919.

Arnaldo Damasceno Vieira é um nome feizo na poesia nacional, que enriqueceu com tres livros de versos: «Constellações», «Balladas e Poemas» e com este de agora. Senhor de uma technica desembaraçada o verso não tem para elle segredos, são correntios, bem lavrados, cheios de côr e de fulgurações. E' um poeta de idéas, como se vê neste soneto, *A guerra*:

«Verá seu fim mais tarde... Quando  
a Terra,  
Deserta e frãa, pelo céu vagar.  
Então, talvez, desapareça a Guerra,  
Por não haver ninguem para lutar.  
Proseguirá, porém de terra em terra,  
De planeta em planeta, sem parar:  
Não morre o Monstro, apenas se  
desterra  
No infinito systema intersolar...  
Arfando as rubras azas impacientes,  
De pouso em pouso, ha de alcançar,  
emfim,  
Os limites dos mundos transcidentes.  
E, quando o orbe tocar ao fim do  
Fim,  
Ao restarem só dois sobreviventes,  
Um delles será Abel, o outro, Caím.»

Como a maioria dos nossos poetas, é um subjectivista; analysa as suas dôres mais reconditas, procurando traduzir todos os estados d'alma. E o

consegue superiormente.

PROBLEMAS DE DIREITO PUBLI-  
CO — A. de Sampaio Doria —  
Typ. Piratininga — S. Paulo, 1919.

Se todos os candidatos a cadeiras de ensino superior conseguissem apresentar-se ao publico com uma demonstração categorica do seu valor mental igual a esta, nossas academias readquiririam o prestigio antigo e o fulgor que já tiveram *in illo tempore*. Sampaio Doria, uma das figuras mais brilhantes do nosso professorado, suscreve-a e com ella se apresenta ao concurso de lente de Direito Constitucional e Internacional Publico e Privado na Faculdade de Direito de S. Paulo. O livro estuda o Estado e a sua emanação, a soberania. Abre-o um resumo da doutrina de Rousseau verdadeiramente magistral. Em apenas 37 paginas o A. faz a synthese completa da obra de Rousseau, conseguindo conservar a medida, o equilibrio, o rigor de logica e a elegancia de estylo, que fizeram do Contracto Social uma fascinante força propulsora da humanidade. Lendo-o, tem-se a impressão nítida do porque do successo de Rousseau. Bastariam estas paginas para notabilisar o livro do sr. Doria, tal a pericia com que as architectou. Mas não ficou elle nisso. Depois de fazer a critica do Contracto Social, estuda com a mesma superioridade a concepção de Bluntschli, a do direito divino — conseguindo aqui pôr a questão nos seus verdadeiros termos —, a concepção realista e positiva e tambem a de Duguit. Analysa-as e critica-as uma por uma com alto discernimento e finalmente expõe idéas pessoais a respeito — um ecclerismo notavel pelo equilibrio do pensamento, pela clareza e sobretudo pela força da logica. O sr. Doria é sobretudo um logico de alta envergadura. Mette as idéas nas retortas dos Bain e dos Mill e analysa-as a fundo. Não lhe escapa uma só feição dos problemas e sabe arrastar o espirito do leitor com encanto até as conclusões finas, concisas e claras como as de um mestre que é.



## VIDA NACIONAL

De 15 a 15

*Novembro, 16* — Inaugurou-se em Amparo a Exposição Paulista de Animais.

17 — Realisaram-se no Piahy as eleições para a Assembléa Legislativa.

19 — Falleceu no Rio o juriscônsulto Ribeiro de Almeida, ministro aposentado do Supremo Tribunal.

20 — Por convenção popular foi escolhido o sr. Paulo Fontes para candidato de opposição á presidencia da Bahia.

21 — No Piahy a secca continúa horrível.

24 — A Academia de Letras, por 16 votos contra 7, resolveu declarar sem effeito todas as suas deliberações sobre orthographia, mantendo o *status quo* anterior.

25 — O governo do Paraná tomou por emprestimo um milhão de francos para pagamento do coupon de divida externa a vencer-se em Abril de 1920.

26 — Foi recebido na Academia de Letras o sr. Helio Lobo, na vaga de Souza Bandeira.

30 — Foi recebido na Academia de Medicina Nacional o prof. Pacifico Pereira.

*Dezembro, 1* — O conselheiro Ruy Barbosa inicia uma excursão de propaganda civica pelo interior da Bahia.

2 — Chegam a S. Paulo os professores suecos contractados pelo governo paulista para dirigirem a educação physica nas escolas publicas.

8 — Falleceu em Porto Alegre o general Salvador Pinheiro Machado.

9 — As Camaras Municipaes paulistas representaram ao presidente da Republica pedindo a fixação da taxa do cambio.

10 — Aparece em Porto Alegre o novo diario «Sul-Jornal».

11 — Deram-se graves desordens em S. Salvador da Bahia.

12 — O presidente de S. Paulo partiu para Curitiba para assignar o tratado de paz com o Paraná.

15 — Foi inaugurada na Bahia a Primeira Exposição Estadual do Milho.

...

## Nota mineira

SEPARATISMO REAL E IMAGINARIO — Andou ha pouco a imprensa cheia de referencias assustadas a um movimento do Triangulo Mineiro no sentido de tornar-se independente do palacio da Liberdade. A cousa, ao que parece, não foi mais do que um arrufo de politiquilhos descontentes. Verdade seja que as administrações mineiras nem sempre se mostraram lá muito prodigas em encaminhar para essa zona o providencialissimo maná de seus favores. Semelhante escassez, porém, não bastava a justificar ameaças de desquite, mesmo porque muitos dos melhoramentos almejados dependem das boas graças do Governo Federal, cujas cornucopias não chegam para a chuva de ouro do nordeste...

EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



“Rio Batalha”



“Manhã de inverno”

Quadros a óleo de Campos Ayres.



EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



"Rio Pinheiros"

Oleo de C. Ayres.

Cifrou-se ao cabo em pequena arella de meia dúzia, fragorosamente amplificada pelas gazetas, o annunciado fraccionamento cosmico da estrella brilhante do Sul. Ha, todavia, no mesmo Triangulo Mineiro, assim como em outros pontos do Brasil, graves manifestações de um phenomeno realmente desintegrador, não de uma dada organização federativa, senão da propria essencia da nossa nacionalidade. Consiste elle na crescente entrada de japonezes para essa região do grande Estado central. Ahi está um temerosissimo perigo contra o qual são poucos os mais energicos alexiterios de que possa o poder publico lançar mão para a defesa da nossa unidade nacional. Porque está sobejamente provado — e a experiencia dos Estados Unidos que o diga — que esses aino-mongolicos não se deixam assimilar. Dizia ha tempos um publicista, com judicioso pensamento, que a America do Norte, máo grado a sua quasi irresistivel força de absorpção, não vingára até hoje extrahir do immigrante japonês mais do que um puro... japonês. E ahi está porque o governo de Washington repugnou á adopção do principio da egualdade das raças. Bem sabia elle o que estava escripto atraz desse pomposo oitenta-e-novismo (passe lá para cousa tão feita o feissimo neologismo) era nem mais nem menos do que uma ironica arremetida da dissolvente expansão nipponica....

Vão longe os tempos em que a propria existencia de uma vaga ilha de Cipango mais parecia cousa de lenda, do que realidade verificavel. Hoje as mais poderosas nações não podem occultar a sua apprehensão ante a soberbissima ameaça do conde Okouma: «Dia virá, diz elle, em que, em pleno seculo XX, o Japão ha de esbarrar o altivo Occidente e arrebatar-lhe o imperio do mundo.»

Desçamos, porém, de tão altos paramos internacionaes para a nossa gleba mineira. Não haveria um meio de recusar a esses emissarios do Sol Levante os auxilios e subvenções com que os quinhôa o governo? Não é que nos inspire o menor receio essa megalomania imperialista dos dignatarios da or-

dem do Chrysanthemo, — senão que havemos mister impedir que se formem no seio do nosso organismo nacional verdadeiros conglomerados irreductiveis e separatistas. Desfaçam-se em fumo os moinhos de vento de Uberaba. Fique, porém, do pé, a interpellar o patriotismo dos nossos dirigentes, o tenacissimo Adamastor expedido pelo Extremo Oriente para difficultar a rota ascencional da nossa nacionalidade.

### Alvares de Azevedo

A *Revista do Brasil* ao dar inicio á publicação do trabalho do dr. Arthur Motta sobre a bibliographia dos patronos e occupantes das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, com o intuito louvavel de fazer o quanto possivel, obra perfeita, appellou para seus leitores, para que saçam chegar ao seu conhecimento as lacunas e erros que acaso verifiquem. Bem avisada andou a *Revista*. Obra de tanta monta, em terra de poucos estados, sómente a completaria sosinho, novo Hercules.

Na leitura que fizemos do ultimo numero que estampa as especies relativas a Alvares de Azevedo, algumas observações nos occorreram.

Assim, a primeira edição, em dois volumes, 1853-55, é do Laemmert, Rio de Janeiro. Em 1861 o Garnier adquiriu a propriedade litteraria por 5 contos, e deu a segunda edição em 1862, Paris, 3 volumes. A quarta edição, na advertencia, traz promessa auspiciosa: «Orna a presente edição o retrato do autor com o fac-simile de sua assignatura.» Retrato e assignatura porém, ainda não appareceram, correndo hoje a 7.ª edição.

Na lista das obras, sob os numeros 6 e 7, são citados como ineditos *D. Diniz ou a Bengaleida*, poema, e *Os Jesuitas de casaca e cartola*, a imitação em verso do 5.º acto do *Othello* e a tradução iniciada da *Parisina* de lord Byron. Noutro lugar, com mais espaço, diremos a respeito dos ineditos de Alvares de Azevedo. Em carta a seus amigos, referiu de facto, o poeta estar compondo a imitação



do *Othello* e a tradução da *Parisina*. Não torna porém, a alludir a taes trabalhos, e se chegou a realisal-os, devem ter se perdido. Quanto ao poema a *Bengalida* e aos versos *Os Jesuitas de casaca e cartola*, a única noticia que existe é a que colheu Sacramento Blake, dizendo que em 1887 viu o livreiro Serafim J. Alves annunciar a sua edição, juntamente com uma edição da *Noite na Taverna* que não appareceu. Vê-se pois que a fonte é bem pouco segura, para que acceitemos a informação.

«Collaborou nos Ensaios Litterarios, jornal academico de S. Paulo.» A. Motta, lugar citado, apud S. Blake. Realmente, o numero de Agosto . . . . (1852) dos *Ensaios litterarios do Athenaeu Paulistano* dando noticia do fallecimento do poeta, lamenta a perda de um dos mais distinctos e zelosos collaboradores. Entretanto não se sabe, á mingua de exemplares, que produções viram a luz nesse jornal, bem como na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico*, organ da sociedade do mesmo nome, de que foi fundador; o 1.º n.º appareceu em Março de 1851. Só podia ter collaborado na 1.ª serie, da qual nenhuma folha se conhece.

Confessamos desconhecer os retratos publicados na *Lyra Popular* e na Litteratura brasileira de Victor Orban; Jacyntho Ribeiro na *Chronologia Paulista* tambem traz o seu retrato. Em regra geral (a que não escapou o desenho de Wash Rodrigues são bem pouco felizes. Os melhores são o da Faculdade de Direito, copia a oleo da tela de Krumoltz, que viu o poeta no leito de morte; e outro feito em Paris, dum daguerreotypo tirado aos 18 annos. Este ultimo é inédito.

A's *Fontes para o estudo crítico* accrescente-se:

Annaes da Academia philosophica—Rio de Janeiro-185., n.º 2, pag. 56.

—Parnaso Academico Paulistano — Paulo do Valle — S. Paulo-1881.

—Manual de Litteratura — Dr. Joaquim de Paula Souza, cit. pelo anterior.

—Alvares de Azevedo ou Amores da mocidade, drama em 3 actos, pelo dr. Joaquim de Paula Souza, 1870,

typ. do «Correio Paulistano». Sacramento Blake cita este drama, accrescentando que contem allusão a certos amores de Alvares de Azevedo. Não existe allusão alguma. Destacaremos do prefacio — o drama é mediocre— estes periodos: «Alvares de Azevedo representa bem a mocidade do Brasil. Tira o verniz do prazer, encontraeis o cerne de melancholia que é todo seu interior.» pag. 10.

—Alvares de Azevedo—José Vicente de Azevedo Sobrinho, Outubro de..... 1901, republicado no *Estadinho* — Abril de 1916. Vê-se ahi que um dos pugnadores da idéa de erguer uma herma a Alvares de Azevedo foi o autor dos *Urupês*. Assim começa o artigo de 1901: «Em carta que me dirigiu o academico José Bento Monteiro Lobato . . .»

—Alvares de Azevedo — conferencia — Spencer Vampré — «Gazetas» — 11 e 12 de Maio de 1917.

—Mocidade e poesia — conferencia — Alfredo Pujol — «Estado de S. Paulo», 13 de Outubro de 1906.

—Alvares de Azevedo — Drama — Manoel L. de Carvalho Ramos. Cachoeira (Bahia), Typ. do Guarany, R. de Baixo 8. (Sem data).

Vem a ponto reproduzir, a titulo de curiosidade a noticia que os jornaes do Rio de Janeiro deram do fallecimento de Alvares de Azevedo.

*Jornal do Commercio* — 27 de Abril de 1852: «Fallecimentos — Morreu hontem, victima da febre amarella, o filho unico do Sr. visconde de Olinda. Falleceu tambem, de um tumor na fossa iliaca, o filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, estudante do curso juridico, e jovem de grandes esperanças»

O *Correio Mercantil* foi mais amavel para com o *jovem de grandes esperanças*: «Falleceu ante-hontem, após quarenta um dias de soffrimento, o Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, e estudante do quinto anno do curso juridico de S. Paulo. Na occasião de dar-se o corpo á sepultura, no cemiterio do hospicio de D. Pedro II, os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Sr. Joaquim José Teixeira, e o Sr. Domingos José



Monteiro, pronunciá-lo discursos. Não é só a chorosa família desse mancebo quem deve lamentar sua perda: é o país inteiro.

Nesse jovem perdeu o Brasil um de seus mais esperançosos filhos, um coração patriótico e dedicado, um poeta cujos vãos devião elevar-se um dia a grandes alturas, um advogado que prometia em breve todos os arcanos das sciencias jurídicas pois que já no verdor dos annos, já lhe eram igualmente familiares os poetas e litratos da Italia, da Allemanha, da França e da Inglaterra; assim como os escriptos dos mais abalisados juriconsultos e publicistas.

Restão apenas aos seus inconsolaveis pais e aos seus amigos algumas folhas dessa arvore frondosa e virente cujos fructos não chegarão a sazonar.

Entre as poesias que legou ao seu paiz ha uma que não nos podemos furtar ao desejo de publicar, e que elle escreveu poucos dias antes de adoeccer, como antevendo a sua morte: é o canto do cysne moribundo; ella:

Se eu morresse amanhã» Etc.

Na *Noticia biographica*. «O Dr. Almeida Nogueira (Tradições e Reminiscencias...) provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua de S. Gonçalo, quasi ao desembocar no largo da Sé» Motta, loc. cit. Está hoje averiguado e é certo que Alvarés de Azevedo nasceu em casa de seu avô materno Silveira da Mota, á rua Quintino Bocayuva esquina da Senador Feijó. A *Revista do Brasil*, n.º de Setembro de 1919, publicou a reconstituição do local por Wash Rodrigues, e no *Jornal do Commercio*, de S. Paulo, de 2 de Março e de 9 de Abril de 1917, foi exaustivamente examinada a lenda do nascimento do poeta na Academia. A casa indicada por Almeida Nogueira era onde Castro Alves costumava hospedar-se. Vide photographia na *Cigarra*, de 15 de Outubro de 1919.

«Silvio Roméro e Almachio Diniz attribuem erroneamente que elle tenha nascido na cidade do Rio de Janeiro» Coelho Netto chama-o *poeta flumi-*

*nense* (Compendio de literatura brasileira, 2.a ed. revista, 1913, Alves, pag. 135). errando tambem a data do fallecimento, 1853 em lugar de 1852. — VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO.

## A lisonja

Voltaire, essa xiphopagia bizarra de genio e sarcasmo, affirma que a adulação foi consagrada por Pindaro. Entre os romanos a bajulação augia no sec. de Augusto. «Julio Cesar affirma apenas teve tempo para ser adulado...» Cicero foi um adulator servil e genial.

Com as demonstrações cainhantes do Senado aos cesares, cessou, na Europa, por uns tempos, a adulação classica; esse colapso de girandolas durou até Luiz XIII, contaminando a Hespanha e a Inglaterra. Richelieu foi amima-dissimo. Mas com Luiz XIV, a adulação teve seu supremo fastigio! Desde então a moda pegou...

O adulator é uma especie de azeite que desemperra as engrenagens da vaidade. O homem é tão visceralmente tolo, que adora a bajulação, mesmo que esteja convencido de que o valde-vinos que o elogia, é um crapula. Como a nossa aspiração natural é ser bello e intelligente, sempre é delicioso ouvir alguém nos attribuir esses ornatos, mesmo que o gozso espelho accuse uma catadura de Vulcano e nosso vizinho affirme que a alma de Pacheco se encarnou em nós.

Scarron, reduzido pela doença ao estado de *scul-de-jattes*, si não me fallha a memoria, procurou ver Voltaire, que affirmára ser Scarron o homem mais feio do mundo.

— Para que? — perguntou o laçao.

— Para ver si elle não é mais feio do que eu...

Até Scarron tinha vaidades mulie-bres!.. Si todos têm vaidade, claro é que não falta quem as exalte, bajulando. O bajulador, pois, é um ser commodo e precioso. É um macrophono vivo das virtudes alheias.

O adulator faz carreira. É Prospero Fortuna em Abel Botelho; é Tigellino na côrte neroniana; é esse typo parlador, invertibrado, que atulha



os gabinetes dos nossos políticos e gravita em redor dos ricos e das celebridades. Tem um paladar forrado de nickel para achar generosos todos os vinhos e um ouvido de cimento-armado para encontrar musica em todos os versos. Mestre em redigir noticias de anniversario, faz discursos floreados no fim dos banquetes; chama os outros de «excellencias» e usa dobradiças de cartilagem na espinha elastica.

Os fortes adoram essa parte da fauna humana; os imbecis vivem da vida artificial que elles lhes emprestam. São uma praga. Conta-se de certo rei que vivia cercado destes. Esse rei, como Ahenobarbo, fazia versos ruins como os de um poeta paulista, que, por desfastio, não tendo mais paciencia alheia para matar, matou Deus! Os corteãos — os aplasmicos aulicos das côrtes — affirmavam que os versos eram doces como assucar. O rei, que não confiava nelles, chamou ao seu conspeito certo vate sincero e cheio de fama. Leu a versalhada e indagou.

— Que tal?

— Majestade. Esses versos estão bons para o fogo....

O tyranno chamou os archeiros e prendeu o vate em uma masmorra.

Enquanto o vate chorava pela sua sinceridade, o rei galgou o Pegaso e despejou do cerebro mais versos.

— Lindos! clamaram os corteãos.

— Chamem o poeta.

Tiraram-lhe as algemas e conduziram-no á côrte. Leu a estopada.

— Que tal?

O poeta hesitou e depois, num gesto resignado, chamou os guardas.

— Podem levar-me outra vez para a cadeia....

Do exposto se infere que ser adulator é bem melhor que ser homem de principios. E o povinho nosso, esse delicioso, ingenuo e ironico Zé Ninguem que atulha o interior da nossa terra, querendo caracterizar num symbolo os typos dos bajuladores, creou a fabula do macaco. E' assim:

Rei leão queria saber si seu halito cheirava ou era desagradavel. Chamou o chacal: «Féde ou cheira» — «Cheira, Majestade!» E o leão devo-

rou-o porque mentia. Chamou o burro. «Féde!» zurrou o quadrupede. O leão devorou-o porque era irreverente. Chamou a paca. «Nem féde nem cheira...» — «Mentes, pela gorja», rugiu o rei dos Bichos, que era lido em Fernão Mendes, Azurara, Bernardim e quejandos classicos. Chamou o macaco; esgueleou-se e indagou:

— Que tal?

— Nada posso dizer, Majestade, estou constipadissimo....

E deu um espirro. E o macaco foi chamado o «*enôis sabio dos bajuladores*»....

Será por isso que os perversos nos chamam de *macaquitos*?

Não! Entretanto a arte de bajular está entre nós tão adeantada, que a giria arrancou a flora verbal das sargetas a monstruosidade deste neologismo: *pegar no bico*.

Nosso aperfeiçoamento chegou até ahí... — HELIOS. (Do *Correio Paulistano*, S. Paulo).

## Carta a Lindolpho Gomes

*Meu illustre confrade.* — Li com grande prazer a sua dissertação inserta na *Revista de Lingua portugueza*, acerca do passo confuso que se depara no *Auto da festa*, de Gil Vicente.

Infelizmente não possuo a obra do Conde de Sabugosa, que nem por acaso apparece em nossas livrarias, mormente em cidades provincianas; mas isto não me impede de apreciar os meritos da questão, mediante os escriptos de Leite de Vasconcellos e Oscar Pratt, aos quaes veio juntar-se agora a sua hypothese tentadora. Confesso que ella me parece melhor que as outras e felicito-lhe o engenho.

Isto, porém, não me impede de pôr a *colther torta* no banquete, aventando outra hypothese que se me antolha — já se vê — mais singela e perfeitamente satisfactoria.

Reconstruamos o caso.

No referido *Auto* apparece uma quintilha em que, evidentemente, andaram correções de copistas, que não só embrulharam o sentido, mas, sem duvida alguma, amesquinharam o pensamento. Eis a quintilha:



«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes  
e outras semelhantes penitas,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em cousas fritas.»

O Conde, segundo Leite de Vasconcellos, levado certamente pela necessidade de harmonia no verso, pelas exigências do sentido e do contexto, suggeriu que *penitas* era erro, por *peitas*, o que se me afigura lóca de qualquer duvida. Mas, se ali collocarmos *peitas*, o quinto verso ficará sem rima.

Por outro lado, succede que aquelle *cousas fritas*, sem sentido apreciavel, traindo enxerto violento, é o que mais revela ao meu espirito um esforço consciente de copiata inhabil para alterar um texto com o fim de forjar uma rima.

Leite de Vasconcellos propoz que em vez de *cousas fritas* se lesse *contradictas*, accetando embora a mudança de *penitas* em *peitas*.

A quintilha ficaria sendo:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em *contradictas*.»

Mas, como observou Oscar Pratt, nem o sentido, nem a rima, favorecem esta hypothese.

Não contente, pois, com a emenda de Vasconcellos, propoz Oscar Pratt, depois de varias considerações, as correções que se vão ler:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de *penitas*  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas,  
as tornem em *contradictas*.»

Como se vê, suprimiu no 2.º verso a palavra *perdizes* e encaixou ali o recusado *penitas*; escreveu *peitas* onde estava *penitas*, no 3.º verso; transformou *se tornem em as tornem*, no 5.º verso. Tudo isso é, evidentemente, *alambicado*; mas o que mais repugna ao meu espirito é o sentido. Pela corrigenda de Oscar Pratt o que iria

constituir *peitas* seriam as *penitas*, com o sentido de *pequenas penas*! Mesmo que se tratasse do mais corrupto dos magistrados, ainda assim seria por demais rebuscado suppor que umas *penitas* se tornassem *peitas*.

Foi isto, por certo, que levou o meu illustre confrade mineiro a propor a sua solução, transformando as *perdizes* em *perdigotas* e as *cousas fritas* em *varas tortas*, com rima toante. Firma-se, e muito bem, em que a idéa de *varas tortas* é clamante em face daquellas *varas dereitas*. Também a mim quer parecer-me que nenhuma solução do problema poderá impor-se á critica séria, se fizer tábua rasa dessa antithese.

Vem agora a quintilha com a sua corrigenda:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de *perdigotas*  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em *varas tortas*.»

Apezar da dureza do 2.º verso, é certamente melhor do que as corrigendas dois outros. Entretanto, afigura-se-me que a solução é outra.

Para chegarmos a um resultado satisfactorio, é mister que, antes de mais nada, determinemos se aquelle *penitas* fica ou deixa de ficar no texto. Porque, se se concluir que essa palavra não passa de um mero engano e que está em lugar de *peitas*, é forçoso concluir, igualmente, que desse equivoco é que nasceram todas as mais confusões e alterações. Quanto a mim, não tenho duvidas: o que se deve ler ali é *peitas*, não *penitas*. E sendo assim, a historia desse pastel deve ter sido a que se segue.

— Um engano fez que se trocasse *peitas* por *penitas*. Isto levou um escriba ousado a alterar o final do 5.º verso para dar rima a *penitas*. A palavra que elle substituiu pela expressão absurda e chata — *cousas feitas* devia, em primeiro lugar, rimar com *perdizes* (abaab) e em segundo lugar conter a idéa de *varas tortas*, como legitimamente reclama o meu douto confrade.

Pois bem, quer saber agora o que



foi que Gil Vicente escreveu, segundo penso? Aqui vai a minha hypothese:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzia: de perdires  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas *derelitas*  
se tornem em *abolizes*.»

Mas que é *aboiz* ou *boiz*? Aulete no-lo diz: «Armadiha para os passaros, consistindo em uma *haste dobrada em arco* (o grypho é meu), que ao voltar á sua primeira posição apanha os passaros em um laço preso á extremidade livre e onde está mettida a isca.»

E agora, meu caro confrade, se não houver tréplica á réplica, esperemos que os entendidos nos digam qual dos filhotes é mais bonito, se o seu ou o meu. Porque nós ambos de certo corremos o risco de fazer como a coruja da fabula...

Seu confrade e admirador — OTHO-NIEL MOTTA.

\*\*\*

## Revistas e Jornaes

### Um simples problema

O problema da educação physica no Brasil apresenta-se-nos como dos mais complexos e difficeis de resolver, se apenas o considerarmos tendo em vista a vastidão do nosso territorio, a relativa escassez dos meios de communicção e principalmente a quasi geral falta de instrução, e outras falhas de organismo social brasileiro.

Mas se de outra parte tambem levamos em conta a época excepcional que atravessamos, nella podendo facilmente aproveitar da experiencia de quasi todos os outros povos no assumpto, vemos que a questão logo extraordinariamente se simplifica e facilita. O Brasil, como paiz novo que quasi nada fez no sentido de tomar todo o seu povo mais forte e mais resistente e portanto mais trabalhador e productivo, justamente por isso se encontra numa situação ideal para fazer de uma só vez, sem tentativas, o que precisa, o que pôde e o que

deve fazer em materia de educação physica. Aqui não estão enraizados preconceitos relativos á excellencia de certas actividades physicas e ao inconveniente de outras. Não soffremos, como até ainda ha pouco soffreu a França, a funesta influencia do tradicionalismo que no assumpto collocou aquelle paiz em ultimo lugar, depois da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Scandinavia, da Argentina, do Uruguay e de muitos outros que deixamos de mencionar para não ir longa a lista. No Brasil, de facto, o campo precisa ser desbravado para que possa produzir alguma cousa. Mas si ainda não recebeu a boa semente ao menos nelle não medramos os fructos de um passado de erros.

Sobre a questão não nutrimos, felizmente, preconceitos de qualquer especie que possam tolher ou embarçar o nosso esforço em prol do aperfeiçoamento da raça que tanto deve e precisa ser intelligente e forte, para assegurar a consecução dos seus ideaes.

Como nós estavam os Estados Unidos ha cerca de cincoenta annos. O exemplo que tomaram foi o da velha Inglaterra, com a sua série de seculos de sport. E de tal modo o seguiram e adaptaram, evitando cair nas mesmas faltas da sua antiga metropole, que já nos ultimos annos do seculo passado affirmaram-se, nos jogos olympicos de Athenas, os primeiros athletas do mundo. E' que ao se iniciarem na vida ao ar livre não obedeciam, na materia, a tradição alguma e assim gosavam de todo o espirito de livre exame e ainda mais da experiencia de longos annos dos paizes europeus. Começaram tudo pelo principio, sem outra idéa preconcebida além da de obter os melhores e os mais duradouros resultados, o mais depressa possivel.

E nem agora, quando sem contestação lhes cabe a honra e a gloria de serem considerados os melhores athletas do mundo, deixam-se os norte-americanos dormir á sombra dos fartos louros colhidos. E nem tambem ficam-se contemplativos, extaticos, ante o que já fizeram. Basta que adquiram a certeza ou vejam probabilidades de conseguirem resultados melhores, cus-

tem não importa que outros esforços, e logo transformam completamente ou em parte os systemas, os methodos e os processos que lhes asseguraram seus mais brilhantes triumphos. O que querem são novas victorias, maiores e melhores.

O que fizeram os norte-americanos em cinquenta annos nós o poderemos fazer em dez annos, em vinte annos, quando muito. A nossa situação relativamente á educação physica é agora quasi a mesma que a dos Estados Unidos quando instauraram a pratica dos sports com uma religião nacional. No que differe é para melhor, pois beneficiamos do facto de que actualmente essa disciplina não é mais uma arte de preceitos incertos e mais ou menos positivos. Hoje é uma sciencia que se filla directamente na biologia e que está com os seus objectivos e os seus methodos bem definidos e caracterisados.

Entretanto porque ainda não começámos não se póde e nem se deve concluir que sempre estejamos em tempo de começar. O momento em que estamos nos é, sem duvida, excepcionalmente favoravel, mas é tambem certo que elle passará e depressa. Temos de aproveitá-lo e já. Os povos que se retardam condemnám-se, elles mesmos, a extincção total. Ou progredimos ou desaparecemos, disse Euclýdes Cunha.

Visinhos nossos. — a Argentina, desde 1904, e o Uruguay, desde 1906 — mais do que nos indicam o caminho a seguir. Desafiam-nos, na luta pela hegemonia sul-americana, a que mostremos tambem de quanto somos capazes, incitam-nos a que sejamos tão ou mais fortes e resistentes do que elles, para que obtenhamos a victoria final, senão na luta militar, ao menos na luta commercial, pela expansão economica. — ARIEL (Do *Spart*, São Paulo).

## Aviso

O homem cuida de tudo, menos de si. Fundam-se sociedades para o aperfeiçoamento de todos os animaes; organisam-se e inauguram-se exposições, com premios, de todas as castas de

bichos; exhibem-se em mostruarios animales repugnantes, como ratos brancos; publicam-se monographias eruditas sobre o cavallo de guerra, sobre o boi de carro, sobre os gatos de Angora, até sobre os lagartos e sobre o homem, nem palavra.

Parece que se trama, ás surdas, uma conspiração contra o rei dos animaes para implantar no mundo a fórma republicana, assumindo o governo o bicho que reunir maior suffragio, e não será, naturalmente, o leão, que hoje é raro, mas o rato, que nos ditará leis de dentro de algum queijo. E, quem sabe lá! talvez lucremos com a mudança. A politica tem tantas surpresas!...

Já um sabio vaticinou que o mundo acabará dominado pelas formigas que, de todos os insectos, é o mais intelligente, prolifico, esforçado e tenaz. Não duvido que se realize a prophecia entomologica, principalmente porque o homem, que é ameaçado, longe de oppor-se á sentença tremenda, preparando-se para reagir contra a invasão terrível, enfraquece-se a mais e mais lembrando, pelo relaxamento em que vive, aquelles desvaírados crentes que, fiados na prophecia do millenio, certos de que o mundo desaparecería convulso á ultima badalada da meia noite do anno 999, deixaram de mão todos os instrumentos de trabalho, entregando-se: uma parte, a penitencias, e outra, aos vicios mais nefandos. E o mais util, que rompeu radioso, desmentindo os augurios tragicos, encontrou uma humanidade mórbida e flagellada, uns enfraquecidos pela abstinencia, martyrisados pelos flagícios, outros contaminados de males torpes, imbecilizados d'alcool, acarrados nos campos ou raspando a lepra como Job em Hus.

Que o homem é hoje um ser abastardado é verdade que não requer demonstração, por ser patente. As doenças concorreram em muito para a dyscrasia que se manifesta, a miseria accrescentou mal ao mal, a vida intensa aggravou-o e, como se não bastassem taes factores de atrophía, ainda os homens, na corrida em que se precitam para um Nirvana, peor que o budhico, apanham no caminho, como fa-



ria Atalanta, os dons que lhes atira o Demónio, imitando o gesto perfido de Hippómenes.

E que dons são esses? serão frutos de ouro, como os do corredor grego? Não! se fossem frutos seriam da Arvore do Paraíso, e mais perniciosos do que o primeiro, porque não levam á morte um só casal, mas toda a Humanidade.

Vêde esses rapazes macilentos, de olhos assonorentados, têmeulos, balbuciantes, que se imbecilizam com estupefacientes, que se infecionam em alcooses, que passam ás noites em claro nas tavolagens infectas, bebendo, fumando... E' uma mocidade murcha, fragil, sem ideal, em cujos bolsos poderá faltar dinheiro, mas haverá sempre um frasco de ether ou de morphina, cocaína e um estojo Luer. Essa é a mocidade chamada no hymno a esperança da Patria.

Bôa esperança, não ha duvida. Se é com ella que a Patria conta para vencer no futuro está bem arranjada.

Decididamente as formigas podem ir tratando de revolução democratica, que dethronará o rei da criação porque o 15 de Novembro não lhes dará trabalho.

A indifferença com que o homem encêtra o terrivel problema chega a ser revoltante. E' verdade (sejamos justos) que ha um pequeno grupo de reaccionarios que cumprem os preceitos de hygiene e praticam o esporte. Contra esses, porém, (e isto ha, a meu ver, trabalho subterraneo de formiga) já se levantam vozes a pretexto de que a vida ao ar livre, os exercicios de campo e nagua compromettem o desenvolvimento intellectual e o governo, para salvar o genio do povo, está disposto a taxar pesadamente, com impostos, todas as sociedades esportivas, limitando-lhes os treinos.

Felizmente em S. Paulo, graças á propaganda activa de um esteta o Dr. Renato Kehl, fundou-se uma sociedade eugenica, da qual fazem parte as maiores summidades medicas paulistas.

Preconizando a sciencia de Galton, que trata do aperfeiçoamento physico e moral do homem, a Sociedade Eugenica de S. Paulo, realisando confe-

rencias, espalhando boletins, pregando, demonstrando vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra philanthropica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da especie. A materia prima que ahí temos está tão estragada que se não fór convenientemente corrigida e apurada não dará producto apreciaavel... e as formigas (ou os ratos) tomarão conta do mundo, o que será uma espiga e uma vergonha para a especie humana.

Ainda é tempo de corrigirmos o nosso erro — pratiquemos a eugenia, tal como nola ensinam os seus nobres propagandistas, e regressaremos á idade de ouro apolliníca, idade da belleza e da força, mantendo o senhorio do mundo. Se tal não fizermos, ai! de nós, «vae victis!» o mundo ficará transformado, como annunciou o sabio, em immenso formigueiro e nós, teremos a sorte da cigarra da fabula que:

ayant chanté  
Tout l'été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue.

O resto é conhecido.

COELHO NETTO — (D'A Noite, Rio).

## Immigração allemã

Encaremos o problema da immigração desses povos abatidos por longos soffrimentos e em parte forçados a viverem á sombra de bandeiras que talvez detestem, sob o ponto de vista dessa immigração convir ou não ao Brasil e como ella deva ser orientada.

Que nos convem é incontestavel; principalmente a do aldeão dos varios povos allemães que é um incansavel trabalhador de bons costumes, apegado á familia, e com sentimento religioso arraigado, se é que ser religioso é qualidade.

São camponezes, os quaes, todos, passaram pelas escolas primarias e grande porcentagem delles frequentou escolas de especialidades ou cursos de aperfeiçoamento, que existem na maior



abundancia em todos os Estados e Provincias habitadas pelos povos allemães.

Essa gente nos trará inumeros ensinamentos, virá criar culturas e industrias agricolas e nos ensinar expedientes de aproveitamentos que não temos; virá mostrar o quanto vale a instrução aos que pensam que um paiz julga-se pelas avenidas, parques, palacios, luxo e tres ou quatro curiosidades cinematographaveis: paradas, exposições zoologicas e paisagens.

O perigo allemão? Está no nosso governo não deixar renascer esse espantallo cuidando da localisação dos colonos, não consentindo que se formem grandes nucleos de uma só nacionalidade, como aconteceu em Santa Catharina, bem como espalhando escolas regidas por bons professores brasileiros; prohibindo e perseguindo impiedosamente esses prégadores e exploradores do «Deutschum» (allemnismo), nem sempre allemães ou austro-allemães de nascimento, nem de convicções, os mais delles, simples contractados *pour le metier*; não permittindo tambem o estabelecimento de nucleos que pareçam pensadamente localizados em logares estrategicos, como vêm fazendo os obliquos japonezes. Confiar desconfiando. Aos colonos competirá o respeito as nossas leis; nada mais. Não queremos dentro do nosso paiz nem Allemanhas, nem Austrias, nem Italias como esses Japões que se estão formando no litoral e nos sertões da Noroeste e da Sorocabana a essa ex-nova Allemanha de Santa Catharina.

A localisação dos colonos allemães não deverá em caso algum, ser feita no sertão como muitos pretendem para se desfazerem a bons preços, de vastas extensões de terras, muitas dellas escandalosos «grillos» (terras adquiridas por documentos falsos). Será um desastre encaminhar esses colonos recém-chegados para terras longe de recursos e onde ainda existam, as asperesas das zonas novas: desconforto, molestias e falta de escolas. Os allemães não vivem onde não ha escolas.

Os syndicatos allemães e austriacos devem tratar desde já, de accôrdo com os nossos governos federal, estaduais e municipaes de adquirirem terras des-

bravadas das chamadas cansadas, divididas em lotes e construir casinhas para que as familias de colonos em aquí chegando vão directamente para o seu chão adquirido a prazos generosos. Existem grandes fazendas velhas, quasi em abandono ou abandonadas, em todos os Estados, que se prestam admiravelmente, já pelo clima e pelas terras, já pela proximidade dos grandes centros, em zonas servidas por estradas de ferro, para serem colonizadas por gente affeita á agricultura intelligente, por esses lavradores que não conhecem o machado, a foice e o fogo como unicos recursos agricolas, gente essa que desde que nasceu conhece a charrua, a estrumelira, a rotação das culturas, a boa semente e outras praticas da verdadeira agricultura.

É necessario frisar que, para os colonos fixarem-se definitivamente e se adaptarem com facilidade ao paiz que os quer receber de bom grado, é necessario que venham formando familias regulares e não dessas que se casam no cães ou a bordo e para cada nucleo dar escolas sufficientes para as crianças; escolas e mais escolas para não surgirem novos perigos.

Aos proprios syndicatos e sociedades protectoras da emigração e da immigração não convem que com os seus patricios, forçados a abandonar seus lares, venham e convivam esses criadores de antipathias, os taes propagadores de idéas de nacionalismo e outros ismos, em paiz alheio. Aquí é Brasil!

Os estrangeiros devem estar sentindo como de norte a sul, principalmente onde mais estrangeiros ha, os brasileiros collocaram-se numa legitima defesa contra a influencia que vão pretendendo adquirir certas nacionalidades nos nossos negocios internos e contra a arrogancia enfatuada de certos individuos.

*O Brasil é dos brasileiros, é o nosso lema.* O nosso Congresso Federal deveria legislar prohibindo os jornaes em linguas estrangeiras, jornaes esses lidos por pouquissimos brasileiros; nem nas repartições policiaes são lidos! A imprensa estrangeira julga-se no direito de tudo criticar, de tudo apreciar sob um ponto de vista quasi sempre individual ou de cada colonia



e não raro até nos insultar atrevidamente, ou por entrelinhas, o que passa, as mais das vezes, despercebido, e sem a merecida resposta ou castigo. O jornalista estrangeiro encara os problemas de ocasião ao paladar dos seus leitores; é advogado só do que convem a si proprio ou aos seus patricios ou advogado de grupos interessados na defesa de determinadas opiniões. É um absurdo existir imprensa editando jornaes e revistas communs em línguas estrangeiras num paiz novo que já recebeu e vai receber centenas de milhares de estrangeiros das mais variadas nacionalidades, falando línguas e dialectos os mais diversos, uma salada russa... até japonez! Só nos falta o esquimá e o patagão.

Imagine-se um jornal para cada colonia!

Quem quizer lêr na sua lingua assigne jornaes do seu paiz; compre livros e revistas.

Estamos plenamente convencidos de que a mania da «Neue Deutschland in Brasilien» passou, está curada, e de que, hoje, os allemães querem vencer pelo trabalho, faculdade essa que nenhum outro povo possui como elles em todos os ramos de actividade. Nas sciencias, nas industrias, no commercio em conjunto, a Alemanha e a Austria allemã attingiram a um grau que nenhuma outra nação attingiu. O militarismo prussiano derrocou esse grande efficio — o trabalho allemão — trabalho de uma raça que teve a organização mais perfeita que jamais existiu.

O povo allemão teria conquistado o mundo com o triumvirato — trabalho, tenacidade e intelligencia — sem o canhão, era questão de tempo. Aqui no Estado de S. Paulo mesmo para contrabalançar outras nacionalidades a immigração allemã e a austriaca será de grande proveito sob todos os pontos de vista, se localisada com intelligencia e instruida do modo que se deve comportar.

A assimilação será facil pela educação das crianças em boas escolas brasileiras, constantemente combatidas — sempre — a propaganda estrangeira dentro da nossa casa; ha idéa de levar

de immigrants trazerem seus professores.

Na escola é que se formam os patriotas.

Estrangeiro é aquelle que não fala a nossa lingua, é aquelle que nos procura só para tirar algum partido; é estrangeiro o immigrado ou filho de immigrado enquanto não pensa e não sente um pouco como o brasileiro. O estrangeiro que quer ser estrangeiro tem de—ficar no seu logar—como lá no seu paiz é obrigado a ficar qualquer immigrado rico ou pobre. Aqui ha muitos estrangeiros, dos antigos, que se tornaram dos melhores brasileiros, de corpo e alma, nossos verdadeiros amigos, com descendencia até jacobina, e que são os primeiros a desprezar esses caipiras com verniz de escabarets, esses macaqueadores que tudo achincalhã, quando da sua terra, por pedantismo e ignorancia ou estupidéz. Ultimamente, os que têm aqui aportado consideram o brasileiro um objecto de exploração e sisto uma colonia a ser exaurida, uma rica mina a ser explorada até acabar.

Precisamos povoar o nosso vastissimo territorio, desenvolver e aperfeiçoar a nossa produção recebendo gente laboriosa que se torne nossa amiga, que se funda connosco, para que o paiz prospere rapidamente e o Brasil venha a ser uma nação forte — pelo trabalho — porém, o Brasil só dos brasileiros. — O. F. (Do Estado de S. Paulo).

### Os Bandar-log

Desde os mais remotos tempos serviram-se os moralistas de analogias entre o proceder dos homens e o dos animaes para darem conselhos salutaes e corrigirem defeitos por meio de fabelas mais ou menos transparentes. Já Salomão mettia em brios aos preguiçosos com o exemplo das formigas. Esopo, Phedro e Lafontaine puzeram muita verdade, dura de dizer, na bocca dos bichos, e mais modernamente um hindu' o celebre Rudyard Kipling escreveu «O livro de Junglas, que, sob a fórma de historia de animaes, é uma fina sátira dos habitos e paixões humanas.

Nesse trabalho, obra prima de «humours» digna da penna de Swift, com a vantagem de conter mais elementos de sympathia e de bondade, desfilam inumeros caracteres, admiravelmente recortados. Aqui é o velho urso Baloo, doutor da Lei, inesgotavel repertorio de maximas cheias de bom senso. Além é Bagheera, a panthera negra, toda altivez e violencia. Entre elles destaca-se a figura inolvidavel da serpente Kaa, que, habituada a matar por constricção, desprezava soberanamente o povo venenoso das cobras humillimas e, havendo recebido dos macacos a alcunha insultuosissima de verme, sempre substituiu em suas colericas narrativas essa classificação pela de peixe, a seu parecer mais compativel com a dignidade de um pythão.

Mas onde a satira, applicavel a sociedades que se não sabem governar, ou organisar, o que vêm a dar no mesmo, se torna magnifica de ironia, capaz de pedir meças á «Ilha dos Pinguins», de Anatole, é nas passagens em que o autor nos pinta os Bandar-Log, o povo dos símios. Eis como os descreve o autorisado e sempre judicioso Baloo, velho mestre em coisas do «clan»:

«Andam sempre a pique de vir a ter chefes, leis e costumes proprios, mas nunca chegam a realizar tal desejo, porque sua memoria é incapaz de reter o quer que seja por longo tempo. Todos os seus projectos ficam em projectos, apesar de os seus oradores viverem repetindo com gestos

espectaculosos: — Nós somos grandes, somos livres, somos surprehendedes... Somos o povo mais espantoso da mata, diante do qual se hão de um dia curvar todos os outros... — Mas fatigam-se depressa. Arrastam ás vezes consigo um ramo de arvore horas e horas com a intenção de com elle fazerem grandes coisas, e, de repente, partem-no e atiram para longe. Seu grande empenho, se é que podem ter verdadeiros empenhos, é chamar a attenção e provocar a admiração dos demais habitantes do bosque...»

Mas paremos aqui. Esses Bandar-Log são nossos velhos conhecidos. Vemol-os diariamente a encherem com a sua vaidade incorrigivel o ambiente corrupto que em torno de nós cria o funambulismo simiesco dos politicantes sem nenhum merito. Trepam ás mais altas arvores, reúnem-se em conselhos de parlapatices, desenrolam programas vistosos, promettem mundos e fundos, e afinal não entendem de nada e são incapazes de realizar o que quer que seja.

Contra esses fatuos e execraveis volatins da vida publica é que bavemos de dirigir os nossos ataques, se não quizermos ver o paiz todo convertido em propriedade delles, com o banimento systematico dos verdadeiros valores da floresta — o leão, a panthera e mesmo o sentencioso Baloo, cuja moderação de conservador serve de contrapesar os axaggeros individualistas do tigre. J. A. NOGUEIRA (Do *Estado de S. Paulo*).



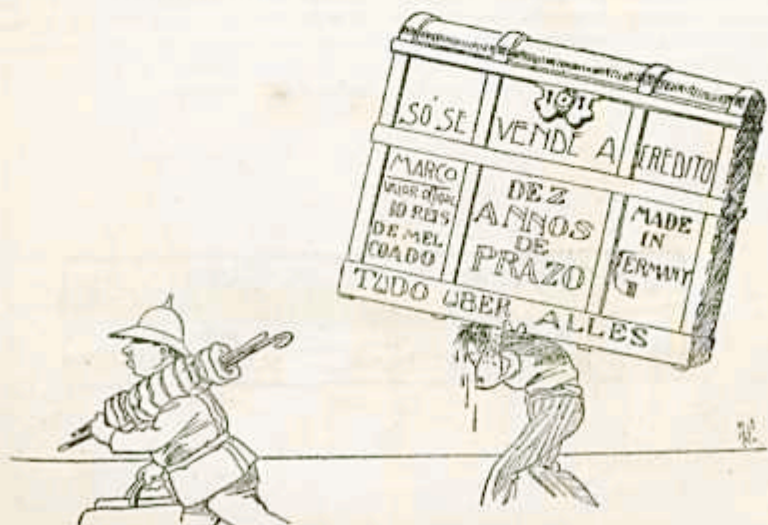
## Revolução nacionalista no Egypto



Enigma nada pittoresco.

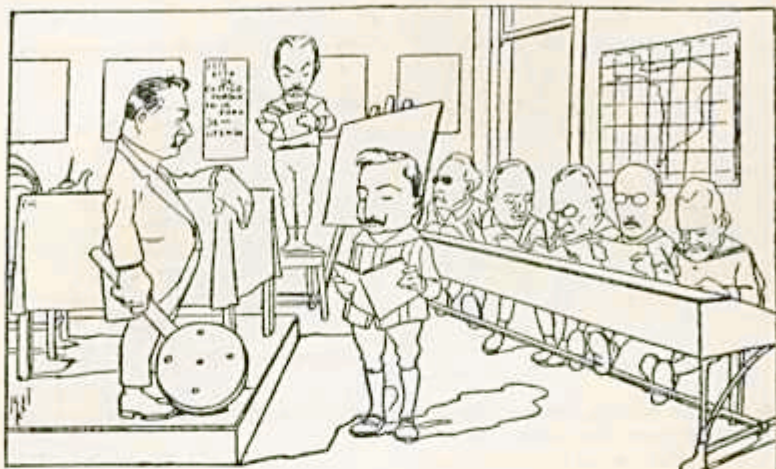
A Esphynge — *Decifra-me, ou devoro-te!*

## A proxima grande offensiva alemã



## CARICATURAS DO MEZ

Um despacho colle... gitivo do governo "pessoal"



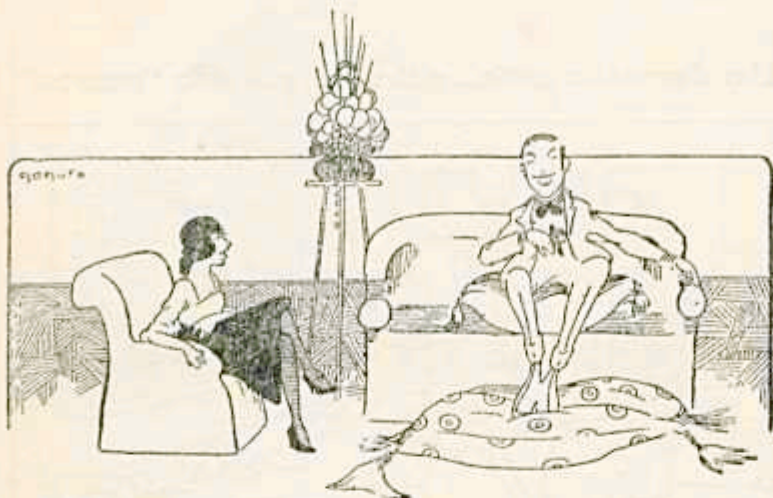
Os rapazes dão conta de suas tarefas da semana.

## A MURALHA



Emquanto todos trabalham um se diverte.

Mulher ou homem ?



— Já era tempo, senhorita, de fazermos as nossas inversões, nós também somos um bello sexo:

Adauto - *D. Quixote* - (Rio)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate.

## INDICE GERAL DO VOL. XII

---

### NUMERO 45, — Setembro de 1919

O MOMENTO . . . . .	1
A INDEPENDENCIA, Pandiá Calogeras . . . . .	3
VIAJANDO (XIV), Martim Francisco . . . . .	12
O ESPIÃO ALLEMÃO, Monteiro Lobato . . . . .	22
VERSOS, Gustavo Teixeira . . . . .	33
O ROUBO DA CRUZ PRETA, V. de P. Vicente de Azevedo . . . . .	38
O SALÃO DE 1919, Rodrigo Octavio Filho . . . . .	44
CARRILHÃO DE SYMBOLOS (II), Alberto Rangel . . . . .	52
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	56
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Arthur Motta . . . . .	64
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	72
RESENHA DO MEZ . . . . .	78

### NUMERO 46 — Outubro de 1919

O DIREITO DOS NACIONAES . . . . .	97
A INDEPENDENCIA (II), Pandiá Calogeras . . . . .	99
OUTRA HERO, Hermann Lima . . . . .	109
O GORDO ANTHERO, Godofredo Rangel . . . . .	121
VERSOS, Heitor de Moraes, Magalhães de Azeredo e José Lannes . . . . .	126
A DOCTRINA DE FREUD, Franco da Rocha . . . . .	130
A LUCTA CONTRA O TRACHOMA, Serafim Vieira . . . . .	137
ACADEMIA BRASILEIRA (II), Arthur Motta . . . . .	145
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	164
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	171
RESENHA DO MEZ . . . . .	177

NUMERO 47 — Novembro de 1919

REVISTA DO BRASIL . . . . .	193
ANNIBAL THEOPHILO, José Oiticica . . . . .	197
MANIFESTAÇÕES DO NACIONALISMO, Rubens do Amaral . . . . .	218
O LUZEIRO AGRÍCOLA, Monteiro Lobato . . . . .	226
VERSOS, Laura da Fonseca e Silva . . . . .	235
A NOIVA DE OSCAR WILDE, Sergio Spinola . . . . .	239
A PHILOSOPHIA DE J. INGENIEROS, Henrique Geenen . . . . .	246
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	256
ACADEMIA DE LETRAS (III), Arthur Motta . . . . .	263
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	274
RESENHA DO MEZ . . . . .	278

NUMERO 48 — Dezembro de 1919

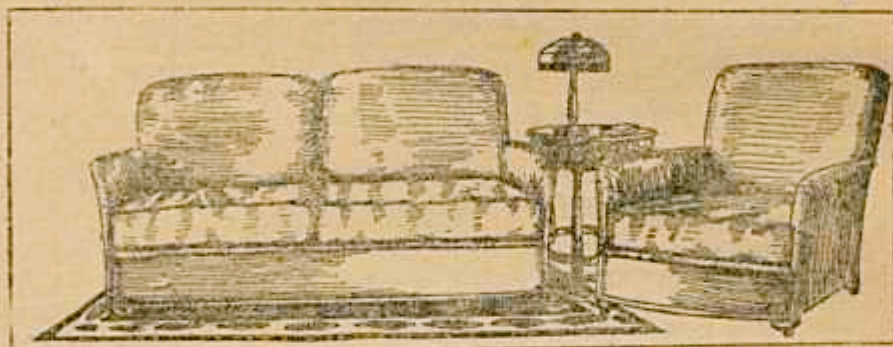
CULTURA E CIVILIZAÇÃO . . . . .	289
NISIA FLORESTA, Oliveira Lima . . . . .	291
CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL, Francisco Inglesias . . . . .	301
MAGUA QUE RALA, Lima Barreto . . . . .	310
A TRISTEZA DO SUBDELEGADO, Amando Caiuby . . . . .	318
VERSOS, Julio Cesar da Silva . . . . .	324
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	329
A NOIVA DE OSCAR WILDE (II), Sergio Spinola . . . . .	333
DIARIO DO VISCONDE DE TAUNAY . . . . .	341
ACADEMIA DE LETRAS (IV), Arthur Motta . . . . .	346
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	360
RESENHA DO MEZ . . . . .	368



MAPPIN STORES  
SOCIETÀ DI ANONIMA ITALICA

## MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo  
systema usado para os sofàs e poltro-  
nas dos "Clubs" Londrinos. ::  
São empregados couros dos melhores  
cortumes inglezes e todos os outros  
materiaes, de primeira qualidade. ::*

*Exposições na Secção de Moveis*

## MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO — Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escriptorio; Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL. — Espe-  
cialista em syphilia e vias urina-  
rias (molestias dos rins, bexiga,  
prostata e urethra). Cons. Rua  
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.  
5125. Res.: rua Domingos de Mo-  
raes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA — Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica **especialmente**  
**das crianças** Res. k. Bella  
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-  
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Pariz.  
— Consultas das 9 ás 11 e das  
14 ás 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE  
PROTETOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escriptorio: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Tele-  
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Titulos  
— Escriptorio Travessa do Com-  
mercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commercio  
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-  
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEONI-  
DAS MOREIRA — Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas", São  
Paulo. Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — São  
Paulo.

## COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PE-  
REIRA BARRETO — Admissão  
aos cursos superiores da Repu-  
blica para ambos os sexos —  
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio  
G. de Paula Ferreira.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —  
Emilio Rocco. — Novidades em  
casemira ingleza. — Importação  
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel, Tel.  
3333 cidade — S. Paulo.

**LIVRARIA DRUMMOND**

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,  
Litteratura - Revistas - Mapas - Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & COMP.**

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"  
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eu-  
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-  
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.  
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

"Trevo"

SE EXPORTAM

## A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para  
machina de costura e  
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2  
Watt

Candelabros e Abat-Jours  
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

*Foagerie - Horlogerie - Bijouterie*

MAISON D'IMPORTATION

# BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres precieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et  
Marbres d'Art - Services en Mètal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

# LOTERIA DE S. PAULO

EM 16 DE JANEIRO

## 100:000\$000

divididos em 5 premios de

## 20:000\$000

POR 3\$000

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

## João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUET.

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

*Campinas*



CHACARA: Alam. Casa Branca

*Guanabara*

(Avenida Paulista)

:: Peça<sup>m</sup> Catalogos ::

# CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de  
Molestias nervosas e mentaes

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Médico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospício de Juquery  
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospício de Juquery  
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro  
**ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-  
do de diversos pavilhões modernos, independentes, arborizados e laçados, com  
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece  
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração  
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo.  
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem  
de Mello, proximo à Casa de Saude (Altos das Perdizes).

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

**JEANS ELMINA**

Combater o Bacillo  
de Hansen por  
meio das  
ampoulas  
de

DE  
Silva Araujo

Formula  
de Jeanselme

Unico trata-  
mento admittido  
pela sciencia  
para a cura da

Oleo de  
chaumoolgra di-  
luido, camphora  
e gayacol  
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

**LEPRA**

# PEREIRA IGNACIO & C.

## INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tietê, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

**Grandes negociantes** de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO

**Rua de São Bento N. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA",  
Agua Mineral

*Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.*

**VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS**

# LACTIFERO

## O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcncias e drogarias e no deposito geral:  
**PHARMACIA BERGAMO**, rua Conselheiro Furtado, 111  
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarlo no Rio de Janeiro:

**RODOLPHO HESS** — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Srs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviad-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus cientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1915.

## ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End: Electr. "AMSDIAS" - Código Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

## Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,  
Osorio Duque Estrada, e outros homens de  
responsabilidade. Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

## CASA FREIRE - Louças, LIVROS, e Objectos de arte

*José da Cunha Freire*

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

## SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,  
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade — Preço, pelo  
Correio, 3\$300 — Pedidos á REVISTA DO BRASIL —  
Caixa 2-B — S. Paulo.            ::            ::            ::

**AGUA INGLEZA**  
**TONICA**  
**FEBRIFUGA E APPERITIVA**  
**GRANADO**  
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

**EXIJAM A NOSSA MARCA**  

**RECUSEM AS IMITAÇÕES**

**QUINIUM, CARNE,**  
**LACTO PHOSPHATO DE CAL,**  
**PEPSINA E GLYCERINA.**

**VINHO RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

**TONICO e NUTRITIVO**  
 Na tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.

 **EXIJAM A NOSSA MARCA**

**URIDINA** O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.  
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaes.

Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-  
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-  
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente do Urotro-  
 nimo, Lyceol, Neo-Sidonal e Lithiaz.

**GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 ½ Rio de Janeiro**

As machinas

# *Lidgerwood*

*para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a  
lavoura, segundo experiencias de ha  
mais de 50 annos no Brasil. :-:

**Grande stock** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-  
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanizado e mais pertences.

**CLING SURFACE** massa sem rival pa-  
ra conservação de correias.

**Importação directa** de quaesquer  
machinas, canos de ferro batdo galvani-  
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a  
**Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo**